

AFONSO ANTONIO [MACHADO 5/18/t.c BT0000 53339(m)

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
por Afonso Antonio [Machado e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 22 de março de 1994.

Campinas, 22 de março de 1994.

Versão

ASPECTOS PSICO- PEDAGÓGICOS DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Tese apresentada como exigência
parcial para a obtenção do grau de
DOUTOR em EDUCAÇÃO, na Área de
Metodologia de Ensino, sob a
orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia
Simões da [Silva. 5

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- 1994 -

AFONSO ANTONIO MACHADO

ASPECTOS PSICO- PEDAGOGICOS DA COMPETIÇÃO
ESPORTIVA ESCOLAR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- 1994 -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ASPECTOS PSICO- PEDAGOGICOS DA COMPETIÇÃO
ESPORTIVA ESCOLAR

Tese apresentada como exigência
parcial para a obtenção do grau de
DOUTOR em EDUCAÇÃO, na área de
Metodologia de Ensino, sob
orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia
Simões da Silva.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- 1994 -

BANCA EXAMINADORA

Verst

Jacobsen

Jensen

Blasquez

Edgip Riff

A minha mãe, por tudo, apesar de tudo e acima de tudo, A Terezinha Silveira, minha alfabetizadora, que me incentivou a descobrir o mundo das letras e, com ele, vim a descobrir os demais outros mundos. A uma amiga fiel, que tanto me deu e nada me cobrou ... apenas a amizade. A estas, toda a felicidade e paz do justo.

AGRADECIMENTOS

"Sólo juega el hombre cuando
es hombre en todo el sentido de la
palabra, y es plenamente hombre
cuando juega"

(Friedrich von Schiller)

AGRADECIMENTOS

Estou concluindo meu trabalho. Após anos de estudos, procuras, incertezas, emoções e revisões seguidas de companhias, conversas, debates, palestras, convivências e solidão. E agora, no silêncio da madrugada, penso: "preciso agradecer ..."

Difícil ato, o de agradecer, quando não se quer apenas agradar; agradecer com sentimento é algo muito complicado. Remete-nos aos mais profundos labirintos da memória, levanta as poeiras dos sentimentos e nos surpreende diante de fatos, gestos e pessoas com quem partilhamos todos os momentos que antecederam ao agradecimento.

E aqui estou, diante de todos eles, agradecendo.

Com saudades lembro das batalhas homéricas, travadas contra a vida, por minha mãe. Nem vou agradecer. Vou eternizar minha gratidão, ciente de que nunca conseguirei retribuir a tanto esforço. Coisas existiram que as palavras não teriam forças para

explicar, mas vivemos intensamente cada momento ... apesar de tudo, a vida foi boa para nós, tenho certeza.

Meus professores, todos eles, da Da. Terezinha, da Escola Mista, quem me alfabetizou, ao mais graduado doutor, que me ajudou a entender e encarar os verdadeiros fatos, a conviver entre o caos e a ordem, serão eternos responsáveis pelo meu desempenho, pois acredito que os conhecimentos poderão ser reestruturados, mas a origem ou o meio manter-se-ão fiéis aos seus veiculadores.

Ao falar de meus professores preciso me policiar para não falar de Yolanda Bastos, Jezabel Belo e Washington Moreira, Betty Dutra e Salvador "Macaco" Bruno. Não posso falar, porque não teria como agradecer o quanto me deram. Assim como não poderei sair falando dos demais amigos, viu Allan e Flávia? Isto viraria um diário de adolescente, porém, com todo este policiamento ideológico, pego-me pensando no que falaria de Marília "de Dirceu" Buso, Valéria Meirelles, "Luigi" Lorenzetto, Ana Maria Pellegrini, Vera e Katita, e colegas da UNESP. Gastaria mais páginas agradecendo a eles, do que gastei com a discussão do trabalho. A Patrícia que o diga, não é, anjo da guarda?

Muito teria que agradecer pelas dificuldades pelas quais passei ... ninguém sabe, nem imagina, o que se passa na cabeça de um pós-graduando. Talvez, nem outro pós-graduando. Mas, é louvável os momentos de sado-masiquismo pelos quais trilhamos, no decorrer do caminho que nos leva à defesa pública, no mínimo aprendemos o que não devemos transmitir aos nossos futuros

orientandos, certo Suraya? Oxalá todo o problema dos pós-graduandos fosse apenas a tese ... que maravilha!!!

Vale a pena agradecer àqueles incrédulos, que não acreditam que pessoas possam atingir o fim do caminho, ao seu tempo, no seu ritmo próprio, sem algazarra. Valeu pela torcida.

A ESEFJ foi um grande incentivo para minha caminhada, e sou grato a tudo pelo que passei nela e por causa dela. O crescimento do homem é medido pelo seu interior, que será demonstrado em suas ações. Valeu a pena tanta luta.

Fernando, Daniel, Vera Regina, Diana e Eliana, orientandos amigos, que tão bem sabem ser ternos e firmes, pessoas especiais a quem nem posso agradecer porque seria pouco pelo tudo o que me fizeram, restar-me-à retribuir, no momento certo.

Aos meus amigos professores entrevistados (entre eles havia muitos ex-alunos) e seus alunos, também participantes da pesquisa, como a ciência pode criar um espaço para agradecer a quem a auxilia? Através de editais, comendas, títulos de méritos? Como? Eu só tenho a agradecer pela ajuda recebida.

A Vera Lúcia, Rosália e Sarita, eternas co-orientadoras e amigas, acima de tudo, nem saberia o que dizer. Sei que, diante de tudo, vocês participaram da clareza da palavra escrita, da exatidão da crítica e da coragem para vencermos mais este desafio da defesa pública. Só cheguei até aqui porque vocês estiveram junto. De uma forma ou de outra.

Este trabalho não seria possível sem estes co-autores. A eles agradeço pelos méritos, uma vez que os deméritos foram causados pela minha própria e ineficaz organização.

Vou terminar os agradecimentos com palavras de outro por me faltarem as minhas:

"Hoje em dia eu sei muito bem como é para um bom professor assumir a importância inteira de uma época, na sua pessoa. Eu sei como é esse tormento, essa dualidade profunda que se instala numa pessoa pública, sábia, que detém o poder de alguma ordem. E a luta entre o ímpeto de ser importante e o ímpeto de ser feliz".

Maravilhosa esta sensação de ser feliz ao lado de pessoas tão importantes como vocês. Obrigado.

RESUMO

A iniciação esportiva dentro do programa de Educação Física Escolar não poderia significar uma especialização em qualquer dos desportos, mas sim, utilizar dos pré-desportivos para apresendizagem motora, com táticas muito simples e regras básicas que caracterizassem tais modalidades, sem muita exigência técnica nem física, atendendo aos objetivos de cooperar na formação física, intelectual e psico-social dos alunos, inclusive preparando-os tecnicamente para os esportes escolares.

Entretanto, o real de uma aula de Educação Física Escolar, comumente, é o uso da competição esportiva envolvendo classes, turmas e períodos ou escolas, sem uma devida preparação a este processo. Percebeu-se que o objetivo, em sua grande maioria de vezes, é sagrar o campeão, acima de tudo.

Entender o processo competitivo implica no conhecer as

fases psicológicas, social e cognitiva do indivíduo e, para tanto, é preciso saber dos aspectos históricos legais da Educação Física, como uma atividade educativa inserida num projeto educacional.

O presente estudo surge em função da atuação do pesquisador em diversas situações docentes, da escola ao clube, da iniciação ao alto nível, onde pode constatar situações que merecem um tratamento diferenciado, por parte daqueles que ministram suas atividades docentes, na área em questão.

Norteadado pelo estudo legal, buscou-se analisar a Educação Física Escolar em suas manifestações através dos jogos, esportes e lazer e da competição escolar, tendo como referencial teórico uma gama de autores que tratam a questão com apaixonante zelo; metodologicamente, optou-se pela pesquisa participante, por acreditar na possibilidade de enriquecimento do trabalho, através da interferências de alunos e professores que vivem a situação da competição escolar, em suas mais profundas e verdadeiras manifestações.

No decorrer da pesquisa foram entrevistados professores e alunos da rede oficial de ensino, em momentos diferentes do processo competitivo, indo do treinamento à competição, propriamente dita, bem como momentos pós-competitivos. Tal vivência possibilitou a análise da situação vivida pelos atletas-escolares, em seus ambientes, sugerindo a necessidade de uma mudança no tratamento dado à feição competitiva da Educação Física Escolar.

Num momento conclusivo não se salientou a exclusão da competição esportiva escolar, apenas sugere-se uma ampliação de estudos de fatores didáticos e psicológicos para o profissional que trabalha na área, bem como a necessidade de se repensar os objetivos com que estas competições chegam às escolas. Somente assim, entende-se, será possível manter a competição esportiva na escola, dentro da Educação Física.

Evidencia-se a diferença entre o jogo e a competição, além, de discutir a participação precoce de crianças, em competições escolares. Mais no sentido de orientar do que de explicitar, esta pesquisa sugere alterações psico-pedagógicas amplas na Educação Física Escolar, em especial na versão competitiva.

ABSTRACT

The apprenticeship of sports instruction in the physical education school program should not mean sport specialization, but an utilization of the pre-sport games mostly used in the motor learning area, with simple tactics and basic rules, without high demands on the techniques or physical efforts. The objectives to the students physical, intellectual and psychosocial development would be reached with the opportunity to prepare the youngsters to the techniques of the school sports.

However, as is commonly used in a real physical education class, the school competition, is performed dividing the groups in class, periods or schools, without right training for such process. It is perceived that the main goal is to acclaim the champion, no matter what.

To understand the competitive process is to know the psychologic, social and cognitive phases of the individual and to

do so, one needs to know the legal and hystorical aspects of physical education as an educative activity inserted in an educational project.

This study was based on the researcher performance in different teaching circunstances, from the school to the sports club, from sports beginning to high level competition, where one who teaches can discover many conditions that need different treatments.

Guided by the legal studies, it was proposed to analyse school physical education in its manifestations through games, plays sports and competition, having as theoretical reference many authors who are treating this question with much zeal and passion. It was used a sharing research because it is believed that in this way it could happenning and enrichment of the study, through the intervention of teachers and students, the ones who profoundly live the real manifestations of the school competition.

During the study it were interviewed teachers and students from the public school, in different moments of the competitive process, from the training of the activities to the competition by itself, and after the events inclusive. This experience gave the chance to analyse the real ordeal lived by the school athletes in their sport enviroment, and the chance to suggest modifications in the way to deal with the physical education in the school.

In a final moment there is no suggestion to exclude the school competition, but it is suggested the amplification of the studies on didactic and psychologic factors to help the professionals who work in this area. It is also mandatory to reconsider the objectives of the school competition. Then it will be possible to maintain the competition in the school inside the physical education area.

It was evident in this study the differences between game and competition, besides the discussion about the precocious child participation in school competition.

However, it is also true that this study guides more than explain, and suggests psycho-pedagogy alterations in school physical education emphasizing the school competition.

INDICE

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	1
CAPITULO I - O QUE PODE ACONTECER NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.	6
PARTE I - Educação Física e Legislação: o jogo fora das	
quadras	9
O jogo fora das quadras	10
A Educação Física Escolar	12
Multiplicidade do obrigatório	26
Manter, ampliar, transformar	30
PARTE II - O JOGO INFANTIL: APRENDER JOGANDO	37
Propostas conceituais e características do	
jogo	38
Realidades e limites do jogo	45
Compreender, gostar e agir	49
Ampliação de valores culturais gerais	54
Tornar o jogo compreensível	56
PARTE III - ESPORTE	63
Elementos insubstituíveis: lazer e esporte	64
Esporte: estudo envolvente	68
Lazer: grandeza humana	72
O esporte e os alunos esportistas	81
Contradição: justificar ou explicitar	87

PARTE IV - COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR	96
Exposição de idéias básicas	97
Alegria de descobrir limites	99
Competição ideal - competição real	107
As emoções do conhecimento	110
Configurações educacionais	116
Continuidade ou Ruptura: ousada decisão	123
CAPITULO II - COMO SABER O QUE REALMENTE OCORRE	
Metodologia	135
Característica da pesquisa participante	136
Definição das técnicas de coleta de dados	138
Universo da pesquisa	141
Questões ivestigadas	144
CAPITULO III - O QUE CONSTATAMOS QUE OCORRE	
Discussão	146
CAPITULO IV - O QUE SOMOS LEVADOS A ENTENDER E SUGERIR	
Considerações finais	201
BIBLIOGRAFIA	215

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os jogos do corpo só adquirem sentido em sua relação com o espírito que os anima.

(Jean-Paul Sartre)

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A presente pesquisa surgiu em decorrência de minha própria atuação no campo da Educação Física ao longo de quinze anos de trabalho, em diversas escolas dos diversos graus, alguns clubes, prefeituras e academias.

Tal atividade colocou-me em contato com muitos estudos sobre a Educação Física, com a origem de muitos fatos, seus objetivos, suas estratégias, os apoios legais e suas interpretações, as formas metodológicas acompanhadas de suas técnicas e procedimentos, bem como as variadas formas de avaliação e os efeitos da mídia, no momento histórico pelo qual a Educação Física vinha (e vem) passando.

Este envolvimento me levou a refletir sobre as funções da Educação Física, além de me tomar grande momentos de estudo sobre o aspecto interacional dela com a própria Educação. Os debates sobre questões pertinentes a eterna colocação "Educação Física

também é Educação" e "A Educação também se dá pela Educação Física" foram responsáveis pelas pesquisas e relatórios que originaram o presente trabalho, uma vez que sempre vi a atividade física como algo a mais que uma simples prática específica, com a intenção de criar o hábito e o gosto pela constante manutenção do corpo em movimento.

Desde o início de minha formação, ainda aluno da Faculdade de Educação Física da PUCCamp, acreditava que a Educação Física se prestaria a algo que excedesse ao "fazer pelo fazer", atingindo esferas tais como o "fazer pelo prazer", "fazer para crescer", "fazer por querer" e outras considerações tanto ou mais importantes.

Algo que sempre me atormentava era a pequena existência de estudos a respeito da Educação Física Brasileira, seus problemas e suas possíveis saídas, além da total ausência de relatos e considerações sobre a atuação profissional e o entendimento dela, quer seja em sua feição escolarizada, quer seja em sua feição competitiva o desporto escolar. Esta preocupação acompanhou-me durante todo o mestrado, seguiu-me pelas escolas de primeiro e segundo graus onde lecionei, checkou-me diante de alunos universitários e faz parte constante de minhas indagações atuais.

E assim que, considerando a importância deste estudo, lanço-me ao encargo de outros estudos e pesquisas que me auxiliarão no entendimento da questão por mim perseguida: o real significado da Educação Física Competitiva, como é concebida.

Qual seu significado, sua atuação no desenvolvimento dos alunos que a praticam, quem é e o que pensam os profissionais que a dirigem e como isso se dá. Penso que, para a Ciência da Motricidade Humana, seja altamente significativo um estudo sobre os aspectos psico-pedagógicos da Educação Física Competitiva para seu próprio entendimento e, até, para que pudesse vir a servir de fonte de estudo para possíveis reformulações desta atividade obrigatória nos currículos de primeiro e segundo graus.

Por ser um profissional que trabalhou nos diversos segmentos da atividade em questão e por ser uma pessoa interessada em assuntos relacionados com a Educação, procurei cercar o presente estudo de todos os cuidados e orientá-lo através dos mais novos conhecimentos da área, o que motivava e fazia com que visse novos aspectos da problemática, bem como idealizasse suas possíveis saídas.

Em todos estes momentos fui incentivado pela minha própria curiosidade e pela intenção de ir a fundo no estudo, o que foi compartilhado pelas minhas orientadoras, igualmente. E assim que convido o leitor para me acompanhar pelos meandros da Educação Física Escolar, seus aspectos históricos-legais e sua evolução; suas estratégias educativas nas feições do jogo, do esporte e da competição explícita e pelas análises das práticas em escolas de primeiro e segundo graus.

A referida pesquisa consistiu num estudo exploratório a respeito da prática da competição, na Educação Física Escolar, em escolas de primeiro e segundo graus, realizando através de

depoimentos de professores e alunos. Optou-se por uma metodologia que possibilitasse a livre expressão dos sujeitos. Nesse sentido, utilizou-se a técnica de entrevista para o trabalho com professores e alunos de Educação Física, das escolas oficiais de Jundiaí e Rio Claro, para se coletar os dados a serem analisados.

Foram realizadas entrevistas com professores e alunos pertencentes as escolas da rede oficial do ensino estadual dos municípios acima que participavam dos jogos escolares oficiais e a análise dos dados foi feita através de agrupamento de respostas coletadas em tópicos, para podermos propor a reflexão.

Das entrevistas com os profissionais da área em questão, foram levantados tópicos pertinentes aos objeto de estudo desta pesquisa, tais como: competição e poder, competição escolar: formas de orientação e de liderança do grupo, manifestações de interesse pelo resultado da partida.

Com relação aos alunos, a entrevista favoreceu o levantamento de assuntos que permitiram o entendimento e a reflexão de temas como: apreciação das atividades competitivas escolares e como são conduzidas, sugestão de possíveis saídas para os problemas mencionados e proposta de outras abordagens didáticas para a competição escolar.

Os dados obtidos na presente análise sugeriram a necessidade de uma reformulação imediata em alguns aspectos da Educação Física Escolar, em sua feição competitiva. É em função disso que serão propostas sugestões para análise e reflexão sem o

intuito de esgotar o assunto conclusivamente.

CAPITULO I

O QUE PODE ACONTECER NA EDUCAÇÃO FISICA ESCOLAR

O caos e a ordem, o vazio e o pleno, a destruição e a criação: a existência do jogo depende desse equilíbrio.

(Chalva Amonachvili)

CAPITULO I - O QUE PODE ACONTECER NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A observação e o estudo sistemáticos da Educação Física brasileira, em qualquer de suas feições, permite-nos registrar um alarmante e obscuro quadro de sinais inadequados, manifestados através de comportamentos de seus participantes.

É importante lembrarmos que os problemas detectados não são exclusivos de professores, mas também de pais, dirigentes árbitros, público em geral, que validam determinados valores e propagam a exaltação dos mesmos, como se a felicidade apenas existisse em função deles.

Desta forma, encontramos no ambiente escolar aqueles que têm muita dificuldade de aprendizagem motora, como os que

manifestam muita ansiedade e que descontrolam com facilidade, diante de uma situação esportiva; por outro lado encontramos, no mesmo grupo, aqueles que se encontram preparados para a competição esportiva escolar, os que já se empenham a nível performático ou mesmo aquela clientela que busca a manutenção física, os exercícios e jogos sem compromissos com um futuro esportivo. Todos recebendo o mesmo tratamento, a mesma interferência, o mesmo cuidado por parte do profissional que os orienta.

Assim, acreditamos que uma ação psico-pedagógica adequada resulte de um conjunto de atitudes que influenciem a aplicação de princípios pedagógicos apropriados e adequados, muito mais do que um conjunto de técnicas de intervenção. Com certeza sabemos que a maneira como idealizam a participação das crianças e jovens nas aulas de Educação Física escolar virá a ser o suporte inicial pelo qual os agentes do ensino nortearão suas intervenções, reações e aplicarão seus métodos de trabalho.

Muitas das grandes transformações da Educação Física Escolar, em especial na feição competitiva, seriam bem resolvidas, se tivéssemos o cuidado de analisar e responder questões como "até que ponto devemos treinar uma modalidade e competir com nossos alunos, na Educação Física Escolar?".

Para respondermos a esta única questão, precisaremos saber se nossas atitudes estão adequadas aos interesses, necessidades e características das crianças e jovens com os quais trabalhamos. Buscando uma melhor análise da questão, propomos a

divisão da revisão de literatura em quatro partes distintas, onde abordaremos o problema da legislação, a nível escolar, o jogo, o esporte e a competição esportiva escolar.

PARTE I

EDUCAÇÃO FÍSICA E LEGISLAÇÃO: O JOGO FORA DAS QUADRAS

Jogar significa não exigir da vida, por um momento, nada além do que ela é, não lhe cobrar nenhuma finalidade que não seja ela própria.
(Friedrich von Schiller)

EDUCAÇÃO FÍSICA E LEGISLAÇÃO: O JOGO FORA DAS QUADRAS

Para iniciarmos nossos estudos buscaremos fazer uma abordagem da Educação Física, em quatro distintos momentos, de forma a termos, nesta pesquisa, um desenvolvimento histórico e legal, sua evolução, as implicações que as atividades físicas apresentam através de suas manifestações escolares como o jogo, esporte e, apenas ao finalizar a revisão de literatura, trataremos do assunto-tema: a competição a nível escolar. Tal maneira de apresentar o assunto foi decorrente de uma tentativa de contextualizar a Educação Física, apresentando seu real dimensionamento.

Assim sendo, temos que circunstâncias diversas interferem nas características de estrutura e funcionamento da Educação Física, nos dias de hoje, condicionando limitações, na sua atuação a serviço da humanidade. Uma abordagem de questões a respeito dessas circunstâncias, associada à apresentação de

algumas sugestões, formam o corpo deste trabalho, numa intenção de auxiliar o entendimento das mudanças que implicarão nos avanços da área, quando da chegada do próximo século.

O JOGO FORA DAS QUADRAS

O esporte moderno, criado por Thomas Arnold, no século passado, enfatizou inicialmente o associacionismo que, com o decorrer do tempo, veio a dar suporte ao "fair play". Já nesta época o esporte vivia um conflito tão nosso conhecido: a questão do amadorismo X profissionalismo.

E ainda deste período o preconceito contra a prática do esporte por mulheres, que só há pouco tempo passou a ter uma participação discreta e a ocupar seu espaço, por definitivo.

A grandiosa manifestação político-ideológica do esporte pode vir a ser sentida em 1936, quando Hitler, com finalidade de exaltar a supremacia dos arianos, utiliza-se dos Jogos Olímpicos para demonstrar seus objetivos políticos. De acordo com estudos de Magnane e Brohm, na França, de Weiss e Lenk, na Alemanha e outros mais, percebemos que os ensinamentos de Hitler foram detonadores de três grandes movimentos do mundo do esporte. (1)

O primeiro deles diz respeito ao crescimento das implicações que o movimento esportivo assumiu, após a questão da supremacia racial. O segundo é relativo ao profissionalismo, disfarçado, a maior intromissão do governo no esporte e a busca da vitória a qualquer preço, o que acarreta um maior número de casos de doping, subornos e violência.

Finalizando, conforme Sérgio (1986) (2), diante disto tudo temos o aparecimento de um grupo de cientistas que passam a estudar o fenômeno esportivo com um pouco mais de critério, dando uma fundamentação teórica consistente para uma prática até então desguarnecida de muito teor científico.

A Carta Internacional de Educação Física e Desportos, divulgada em 1978, pela UNESCO (3), além de consolidar uma discussão internacional sobre o desporto, lançou uma perspectiva que aumentou a significação social do esporte: trata do direito à prática esportiva.

Acreditamos que tal manifestação, ao lado da Campanha Nacional do Esporte para Todos, no Brasil, tenha revalorizado a prática esportiva e aumentado a abrangência do conceito de esporte, quer seja na perspectiva educacional, na social ou na de rendimento. Conforme sabemos, após ser conhecido como direito de todos, passou a merecer novas abordagens e dimensionamentos que ampliaram seus espaços.

Nesta perspectiva, tê-lo como direito de todos significa encarar o fenômeno esportivo como meio de democratização, de maneira tal que se consiga usar seu potencial de meio cultural para o desenvolvimento dos seus praticantes.

Entretanto o principal equívoco que ainda não se conseguiu desfazer é com relação ao esporte-educação ou esporte escolar, pela aproximação que se faz com o esporte de rendimento. E diante desta confusa idéia que as competições escolares

reproduzem as competições de alto rendimento.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Muito se tem debatido sobre o compromisso do esporte escolar, que acontece nas aulas de Educação Física, na área da integração social, do desenvolvimento global da criança e das atividades físicas direcionadas à aquisição de capacidades que serão trabalhadas permanentemente, apesar de muito pouco ter sido conseguido. A constatação nos demonstra que alguma coisa falhou (...) se não todas ...; apenas esperamos que a legislação possa nos ajudar a entender o descompasso em que nos encontramos, no ambiente escolar.

A Educação Física nem sempre foi facilmente aceita: sua introdução no aparelho escolar não se deu com muita tranquilidade, pois esta prática, "ainda que de conformidade com uma visão de saúde corporal, saúde física, eugênica", enfrentava barreiras arraigadas nos valores dominantes do período colonial. Sustentáculos do ordenamento social escravocrata, que estigmatizava a Educação Física por vinculá-la ao trabalho manual, físico, desprestigiadíssimo em relação ao trabalho intelectual (4). Mesmo assim, há num primeiro momento uma influência militar e médica na Educação Física brasileira.

As primeiras escolas na área foram formadas sob a tutela dos militares o que gerou a seguinte afirmação: "Está a história da Educação Física no Brasil se confundindo, em muitos dos seus momentos, com a dos militares. E como elementos confirmadores

temos a criação da Escola Militar, a introdução da ginástica alemã, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo. A associação dos médicos aos militares no campo da Educação Física, dar-se-á pela ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica ... Tinham assim, neste período, militares e médicos uma preocupação eugênica e de segurança.

O parecer no. 224, de 1882, de Rui Barbosa, serviu de referencial a todos aqueles que vieram a defender a presença da Educação Física no sistema escolar brasileiro.

Passado o malogro das reformas educacionais dos anos 20, vale destacar o papel explicitado pela Constituição de 1937. Somando-se a anterior preocupação com o processo de eugeniização da raça brasileira, dois outros ingredientes lhe aferem um sentido essencialmente pragmático, qual seja o de voltar-se para o atendimento dos princípios da segurança nacional. Voltava-se também ao cumprimento de seus deveres para com a economia, visando assegurar ao processo de industrialização implantado no país (6): mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada, cabendo a Educação Física, cuidar da preparação, manutenção e recuperação da força de trabalho do homem brasileiro.

Na década de 30, firmam-se as bases de lançamento de um novo modelo, ou seja, no país deu-se a transição de uma sociedade agro-exportadora para uma sociedade de base urbano-industrial. Com a ascensão de Vargas, a Educação em geral, a Educação Física e a Educação Moral e Cívica em particular passam, de acordo com

Castellani Filho, a ter um papel essencial na sustentação da política de governo. (7)

Portanto, para Castellani Filho, a Educação Física e a Educação Moral e Cívica receberam enfático tratamento nesse período, no sentido de darem à política educacional a conotação almejada e ditada pelos responsáveis pela definição da política de governo.

Com o fim do Estado Novo, passada a tempestade autoritária. A elaboração de uma nova constituição já em 1946 traz novamente ao debate, no campo educacional, questões levantadas na década de 30 pelos educadores escolanovistas. Tais discussões vão se desenrolar durante anos até a promulgação, da Lei no. 4.024 de 20 de dezembro de 1961 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional". Porém, a política educacional brasileira caminhava para uma tendência tecnicista cada vez maior, associando a educação à qualificação profissional, alimentada pelos convênios MEC-USAID.

A par desta orientação, a Educação Física continuou a representar seus papéis. Teve ela - dada a contundente presença tecnicista nas Leis nos. 5.540/68 e 5.692/71 - reforçado seu caráter instrumental, caráter esse que, num primeiro instante, veio a configurar-se no zelar, enfaticamente, pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando, com esse proceder, assegurar ao ímpeto desenvolvimentista então em voga mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada. (8)

Não somente a estes fatores se prestou a Educação Física num período mais recente. Castellani Filho assinala que o rendimento esportivo foi um dos canais de identificação desta prática com a produtividade e eficácia. (9) O EPT (Esporte para Todos), programa surgido na década de 70, também configurou-se como mais uma falácia dos nossos governantes, que buscavam, através do "Discurso e prática do EPT", mascarar a característica classista da estrutura social brasileira.

Outros pontos merecem destaque. O primeiro deles é a atenção chamada para a questão da mulher no seio da Educação Física. Discriminada, socialmente, em quase todos os pontos, a mulher só foi valorizada no tocante à preparação para a maternidade, aos cuidados domésticos e à prole. Neste sentido, Castellani Filho nos traz itens que merecem uma reflexão atual, demonstrando, quando da citação do Decreto-Lei no. 3.199, de 14/04/41, como também na citação do Parecer de Rui Barbosa e da obra de Fernando de Azevedo, o conteúdo discriminatório tão fortemente impregnado no âmago da Educação Física brasileira desde sua constituição. O segundo ponto é a associação da Educação Física como uma "prática" educativa. Como "prática" distinta das demais "disciplinas", a Educação Física percorreu um caminho, principalmente, nos seus primeiros momentos, diferente no ambiente escolar (10). Notamos que se tentava valorizar, não seu conteúdo pedagógico, mas seus vieses eugenizantes, militarizantes e higiênicos.

A este ainda acrescenta que durante o período considerado

(1930-1945), e até próximo dos anos 60, o método de Educação Física oficialmente adotado nas escolas brasileiras era de origem militar, proveniente da escola militar normal de ginástica de Joinville-Le Point, na França, e divulgado no Brasil por uma missão militar daquele país.

A Escola de Educação Física do Exército foi o principal centro divulgador desta função eugênica da Educação Física, a qual muitas vezes se confundia com a função de preparação guerreira e patriótica.

A proposta pedagógica escolanovista previa uma importante participação da Educação Física. Assim é que Fernando de Azevedo, quando da sua reforma de ensino primário do Distrito Federal, dizia que em nenhuma legislação escolar, na federação ou em qualquer dos Estados, antes da reforma de 1927, havia sido organizado e lançado em bases científicas um plano geral de educação (...). A Educação Física não existia quase entre nós, senão nominalmente, sem qualquer esquema de organização (11).

Betti chega a admitir, numa breve conclusão acerca desse período, que não foi a Educação Física objeto profundo de interesse teórico; foi antes uma atividade considerada objetivamente útil pelo Estado, sendo sempre tratada em separado nos currículos escolares. A eugenia, a higiene/saúde, a preparação militar e o nacionalismo (12) foram os núcleos de convergência dos grupos interessados na implantação da Educação Física.

No novo enfoque dado à Educação Física, o esporte passa a ter um papel importante. As Portarias do MEC nos. 168 e 148 de 1956 e 1967, respectivamente indicam a aproximação do conceito de Educação Física com o esporte, admitindo as competições esportivas como substitutas das sessões de Educação Física.

Nesse período vai exercer também grande influência na Educação Física brasileira mais um método de origem francesa, difundido entre nós pelo Prof. Augusto Listello e denominado Educação Física Desportiva Generalizada (13). Representou uma reação contra os velhos métodos da ginástica e, ao mesmo tempo, foi uma tentativa de manter o esporte, já uma instituição social autônoma, sob o domínio pedagógico da Educação Física.

Bem ou mal esta prática foi largamente difundida pelas escolas do país e marcou profundamente, ao lado da esportivização crescente, a prática da Educação Física Escolar.

No período subsequente (1969-1979), a Educação Física passa a ser um mero apêndice da prática esportiva, tendo como seus objetivos a aptidão e uma iniciação esportiva baseada na seleção de talentos (14).

A década de 80, vai se caracterizar por um questionamento da situação estabelecida nos períodos anteriores, pela percepção de uma situação de crise no setor educacional, e por uma radical mudança de discursos e de referenciais conceituais na Educação Física, caracterizando uma verdadeira crise de identidade.

É interessante notar que a questão da periodização, no

caso da Educação Física, tem rendido muita discussão. Faz-se a periodização para melhor situar o "objeto de estudo" no espaço e no tempo. Alguns autores, para melhor tratar o conhecimento objetivo de um dado período, recorrem à periodização, ou seja, procuram estabelecer quais fatores marcaram decisivamente aquela questão estudada e durante que período esses fatores são homogêneos.

Datam de meados do século passado as primeiras atenções dispensadas à Educação Física. Em 1855, através do Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte, é estendida ao Colégio Pedro II a exigência dos exercícios ginásticos (Legislação da Educação Física e Desportos, p. 378) (15).

E Rui Barbosa, em seu parecer e projeto sobre a reforma de ensino primário (1882) (16), quem primeiro procura analisar os vários métodos de ensino e ginástica e levantar pontos que justifiquem sua prática na escola e na formação de pessoal capacitado.

Rui Barbosa foi, sem dúvida, um dos primeiros a propor a ginástica para ambos os sexos, de acordo com o artigo 2 do seu projeto, mas sempre tendo em vista a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura, marcando a idéia da mulher do lar, preocupada com a prole, distante do mundo do trabalho assalariado, que pertencia aos homens.

Compartilhando de opinião semelhante, Fernando de

. Azevedo, ao abordar a diferença entre os sexos e a consequente distinção que deve haver na atividade física para cada um deles, diz que "na humanidade, como entre os animais superiores, as qualidades mais essenciais são como que distribuídas entre os dois sexos (...) e no que se refere às mulheres, importa (...) dar-lhes, vigor, necessário, para que possam, sem perigo, suportar a maternidade e sair-se galhardamente das duras provas, que a esperam" (17).

A maternidade era o fim último que se reservava à mulher. Afinal ela não está encerrada no seu "eu": ela é a humanidade visível; e sua educação uma obra cujo interesse se projeta além do indivíduo.

Com seu parecer, Rui Barbosa traz à discussão valorosos elementos para o estudo da Educação Física, devido ao levantamento e cometário histórico apresentado junto ao parecer. Além disso, o projeto contém importantes medidas para a implantação da Educação Física nas escolas. Em resumo, é proposto o seguinte:

- a) Instituição de uma secção especial de ginástica em cada escola normal;
- b) extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos na formação de professores e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura;

c) inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas;

d) equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas.

Essa "militarização", associada à moralização e à defesa da Pátria, foi um dos patamares dos textos teóricos que despontavam no Estado Novo e um dos pontos que buscava justificar a prática da Educação Física na escola.

A partir de 1920, uma série de reformas de ensino buscavam intervir de forma mais abrangente no ensino brasileiro.

A Associação Brasileira de Educação (ABE), analisando o anteprojeto, tece críticas quanto à interferências da União no ensino brasileiro, bem como da determinação e imposição de um método de Educação Física, as escolas primárias e a todos os estabelecimentos de ensino do país (18). Afirma também que "a história da Educação Física mostra que a fase contemporânea corresponde justamente ao abandono das suas feições militares". Não aceita que se entregue a cultura física de crianças a pessoas que se especializaram no adestramento de adultos, sujeitos a uma disciplina de grupo especial e providos de características fisiológicas e mentais muito diversas.

No início da década de trinta, com a reforma Francisco Campos do ensino secundário, os exercícios de Educação Física

tornam-se obrigatórios para todas as classes.

A Constituição de 1937, outorgada quando da instituição do "Estado Novo", é a primeira a fazer referências à Educação Física, mostrando a preocupação cada vez maior do Estado com as diretrizes desta disciplina (19).

Finalmente, em 17 de abril de 1989, através do Decreto-Lei no. 1212, é criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desporto.

Nessa mesma direção, podemos citar também o Decreto-Lei no. 2.072, de 08 de março de 1940, que dispõe sobre a obrigatoriedade da Educação Cívica, Moral e Física na infância e na juventude, fixa as suas bases e, para ministrá-las, organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira (20).

Sem dúvida a fonte inspiradora dessa organização estava nas instituições semelhantes existentes na Itália e Alemanha; Os Balila e a Juventude Hitlerista, respectivamente. Mas cabe chamar a atenção para a estreita relação dada pelo governo à formação da "Juventude Brasileira" e à escola, onde, como já dissemos, estava depositado um dos pilares de identificação do corpo social com organizações militares.

Com o Estado Novo e a atenção dispensada à causa da saúde, da eugenia e da identificação popular com objetivos militares, há um reconhecimento geral de cursos formadores de profissionais da área. Além do Decreto-Lei no. 1.212, ao qual já nos referimos, no mesmo ano de 1939, surge o Decreto-Lei no.

1.380, que estende as regalias de licenciado e de médico especializado em Educação Física aos alunos aprovados no curso de emergência de Educação Física organizado pelo Departamento Nacional de Educação.

A obrigatoriedade da Educação Física, cada vez mais, alcança novos patamares, tanto assim é que, em Janeiro de 1942, o Decreto-Lei no. 4.073 torna a Educação Física obrigatória. Salientamos que a Educação Física, ao lado da Educação Musical, é considerada tão somente como uma prática educativa. Num processo de preparação do corpo do homem brasileiro, a ênfase na prática da Educação Física tinha uma razão não só de saúde mas também "econômica".

Duas portarias do Ministério da Educação e Cultura merecem ser destacadas. A primeira é a Portaria Ministerial no. 104, de 06 de abril de 1955, que trata da formação dos Centros de Educação Física (instalações básicas e normas para funcionamento). Possibilidade de alunos matriculados em qualquer estabelecimento de ensino optarem pela prática da Educação Física nos referidos centros.

O Decreto no. 43.177, de 05 de fevereiro de 1958, institui a campanha nacional de Educação Física, que ao nosso ver é apenas mais uma tentativa de viabilizar a instalação de centros de Educação Física.

O Decreto no. 49.699, de 30 de dezembro de 1960, aprova novo regimento da divisão de Educação Física, do Departamento

Nacional de Educação. Esse órgão tem por finalidade:

"I Difundir e aperfeiçoar a Educação Física e os Desportos, a fim de contribuir para melhoria das condições de saúde e de educação ao povo;

II - Realizar estudos que permitam estabelecer as bases da Educação e da Recreação Física no país;

III - Incentivar a formação e promover o aperfeiçoamento de profissionais especializados em Educação Física e Desportos"

Note-se que, além do grande leque de finalidades, a Educação Física talvez seja a única "prática educativa" que tenha merecido (e ainda mereça) um órgão especial para promovê-la.

Em 20 de dezembro de 1961. a Lei no. 4.024 fixa as Diretrizes e bases da Educação Nacional. No art. 22, trata da obrigatoriedade da prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos. Esse foi o acontecimento mais importantes do período para a Educação Física, pois a LDB coloca a Educação Física definitivamente na escola brasileira de 1o. e 2o. graus (21). O art. 22 é regulamentado pelo Decreto no. 58.130.

E interessante observar que, no final dos anos 50 e na década de 60, parece haver uma relação maior entre o que seria a prática da Educação Física e a prática esportiva com uma aproximação do conceito de Educação Física e esporte.

Nacional de Educação. Esse órgão tem por finalidade:

"I Difundir e aperfeiçoar a Educação Física e os Desportos, a fim de contribuir para melhoria das condições de saúde e de educação ao povo;

II - Realizar estudos que permitam estabelecer as bases da Educação e da Recreação Física no país;

III - Incentivar a formação e promover o aperfeiçoamento de profissionais especializados em Educação Física e Desportos"

Note-se que, além do grande leque de finalidades, a Educação Física talvez seja a única "prática educativa" que tenha merecido (e ainda mereça) um órgão especial para promovê-la.

Em 20 de dezembro de 1961. a Lei no. 4.024 fixa as Diretrizes e bases da Educação Nacional. No art. 22, trata da obrigatoriedade da prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos. Esse foi o acontecimento mais importantes do período para a Educação Física, pois a LDB coloca a Educação Física definitivamente na escola brasileira de 1o. e 2o. graus (21). O art. 22 é regulamentado pelo Decreto no. 58.130.

E interessante observar que, no final dos anos 50 e na década de 60, parece haver uma relação maior entre o que seria a prática da Educação Física e a prática esportiva com uma aproximação do conceito de Educação Física e esporte.

Segundo Betti, as portarias do MEC 168 e 148, de 1956 e 1967, respectivamente, são indicadoras do fato, pois admitem as competições esportivas como substitutivas das sessões de Educação Física.

O Decreto no. 69.450 de 01 de novembro de 1971, em seu artigo 2o., retoma mais uma vez a questão: "A Educação Física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino"

Em 1975 uma nova lei surge e, desta vez, atribui à estudantes em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei no. 1.044, de 21 de outubro de 1969 (22).

Novamente chamamos a atenção para a crescente influência do esporte na organização da educação escolar, como bem demonstra o texto a seguir, escrito pelo então Secretário de Educação Física do MEC, Pericles de Souza Cavalcanti, em 1981: "Tradicionalmente iniciada aos 11 anos, a prática esportiva nos dias de hoje deve começar mais cedo. Traduzindo os novos rumos que a sociedade moderna vem definindo para as atividades do homem, as olimpíadas deixam patente essa necessidade de uma iniciação em idade mais tenra".

A Proposta da Política Nacional de Educação Física e Desportos para 1986-1989" parte da necessidade de se integrar efetivamente a prática da Educação Física ao processo de

educação.

Nele a Educação Física foi definida como um instrumento de educação integral e permanente para um melhor desenvolvimento do indivíduo dentro dos aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores, em consonância com as características e peculiaridades culturais e regionais da população.

Vale salientar que esses textos, agora estudados em separado, têm sua importância, ao nosso ver, pois traduzem a reflexão de políticos e educadores, em cada momento, acerca da Educação Física escolar.

Voltando aos textos a que nos referimos anteriormente, vemos também que estes fazem parte de um período de consolidação da Educação Física. Tanto Rui Barbosa como Jorge de Moraes e a comissão tinham como fim, além da disseminação da prática da Educação Física nos estabelecimentos de ensino normal, a criação de novas escolas formadoras de pessoal especializado e a adoção de um método que melhor viesse atender as necessidades físicas e morais das crianças e jovens (23).

Alguns elementos são determinantes e característicos, tanto nos textos teóricos, quanto nos textos legais desse período.

Importa-nos mostrar também que há, na gênese da Educação Física, um projeto jurídico que se sobrepõe ao pedagógico. Ora vista como prática educativa, ora como técnica, ou ainda como colaboradora das demais disciplinas, a Educação Física teve

ressaltado seu papel pelo valor médico e eugênico atribuído pelos legisladores. Estes viam em sua prática sistemática na escola um canal de superação das mazelas da raça e o caminho rápido e seguro - sustentado por um projeto legislativo - para viabilizar sua prática junto à população, via escola. Projeto legislativo este que fora acentado em propostas que visavam tornar a Educação Física um real e valioso instrumento de transformação racial e preparar um homem forte no propósito de uma economia que buscava modernizar-se industrialmente.

MULTIPLICIDADE DO OBRIGATORIO

A lei, como já dissemos anteriormente, é recurso ativo utilizado, quando necessário, por aqueles que estão no poder, e pode ser tão real e atuante.

Em nossa história mais recente, e principalmente nos períodos chamados de exceção (ditaduras militares, fascistas), a força dos governos pautou-se sobre um patamar legal. Vemos que isto se confirma plenamente com a implantação do Estado Novo. Ao utilizarem instrumentos legais, nossos governantes buscavam "edificar uma nação diferente". Mais aproximadamente, com o Golpe de 64, estes instrumentos também foram utilizados pelos militares e tecnocratas encrustados no poder. E é mesmo neste contexto que Nicos Polantz as afirma pautar-se antes de tudo nas leis confeccionadas de acordo com seus interesses, os regimes mais espoliativos.

A relação entre Educação Física e esportes é interessante

no Estado Novo. A interação entre estes dois temas é preocupação presente no pensamento daqueles que conduziam o destino da prática dos esportes e da Educação Física no país. Podemos sentir a aproximação entre os objetivos reservados para o esporte e a Educação Física mas, se a Educação Física era um meio de purificar a raça, de transformá-la e dotá-la de saúde, o esporte era então "a sua razão de ser". A Educação Física tinha força à medida que se "esportizava", ou seja, é o esporte o caminho "natural" que devia percorrer a Educação Física, pelo fato do esporte ser "a razão de ser" (24).

É possível supor que, na escola, a Educação Física tenha trilhado caminho distinto de outras disciplinas. Sua aparição como prática educativa, ou seja, ação desprovida de uma teoria, próxima do desvalorizado mundo da prática que se subordina ao conhecimento teórico - ao mundo do conhecimento intelectualmente construído tão valorizado pela escola - a Educação Física estava e entrava no ambiente escolar apenas em colaboração com as demais disciplinas. Esse aspecto colaboracionista, que parece carregar até hoje, deu à Educação Física um perfil desprezível aliado a um entendimento de seleção esportiva, de preparação militar ou de algo inconsistente.

Desta maneira, a Educação Física chegou à escola. Não por que fazia parte de um projeto educacional, mas porque a escola seria um meio viável de se atingir uma camada populacional ainda em formação. Ou mais, a escola mesmo fraca e ineficiente, seria uma estratégia possível de contato desta prática com a criança e

o jovem.

Só bem recentemente a análise e desvelamento do problema vem deixando de ser uma questão de aspecto formal e legal para passar a se legitimar através de estudos críticos, como intenção de valorizar a prática educativa desta atividade, não apenas como colaboradora, mas como parte ativa no processo de ensino.

Além do aspecto histórico-legal, a Educação Física deve ser vista como uma atividade educativa inserida num projeto educacional. Acreditamos que o corpo docente e administrativo de cada unidade escolar promova a discussão e organização de uma proposta educacional efetiva, onde se responda às aspirações e às características de sua clientela.

Existe certa preocupação por parte de estudiosos com relação ao conteúdo que se trabalha em aulas de Educação Física; a questão de se tratar da recreação, dos jogos e competição da mesma maneira é muito importante, tendo em vista a diferença significativa entre tais atividades, seus propósitos e recursos educacionais.

As características do esporte não são determinantes para a sua não adoção nos programas escolares. Apenas concordamos com o fato de que há necessidade de uma adequação das atividades motoras em função das características, necessidades e interesses individuais ou do coletivo, buscando acima de tudo diferenciar as aulas de Educação Física Escolar das disputas oficiais, pelos vários campeonatos existentes.

Desta forma garantiremos uma melhora no envolvimento de nossos alunos, em atividades que irão proporcionar-lhes um envolvimento consciente e com objetivos definidos. Esta elucidação proporcionará um aumento do acervo motor, uma predisposição à atuação motora eficiente e, acima de tudo, um respeito a necessidade e a situação existencial do aluno.

A Educação Física, neste final de século, vem atravessando uma fase de questionamento e de buscas, com a aspiração de ver efetivada a sua identidade e a sua caracterização, com área de atuação a serviço da humanidade (25). As dúvidas e discordâncias, no que se referem até mesmo ao seu próprio nome, continuam se desencadeando, sem, contudo, uma definição clara, pelo menos até o momento atual. Quanto ao termo Educação Física, aceito e utilizado em praticamente todo o mundo, apesar de não ser questão totalmente irrelevante, não deve ocupar, necessariamente, o centro mais importante das preocupações.

É bem provável que, após avanços significativos, relacionados com cada um dos setores de atuação da área, o tempo adequado venha a fluir, enriquecendo por uma fundamentação mais coerente. É compreensível que alimentamos o desejo de ver definido o nome pelo qual seremos identificados no futuro, além de ver estabelecidos o termo que irá identificar o nosso campo de estudo e a nossa atividade profissional. Porém, o mais importante sem dúvida é o compromisso que temos a cumprir, evidentemente refletido e reconsiderado, assumido com a sociedade.

Em função do papel a ser desempenhado, hoje e no futuro, um grande movimento se desenvolve, levantando problemas, analisando conceitos e estimulando discussões, com referenciais de outrora e do nosso tempo, em busca de se transformar a realidade que nosso campo está vivendo. Então, com base em dados levantados no passado, integrados com uma visão do presente, e através de estudos de posicionamento teóricos-filosóficos, busca-se projetar uma linha de perspectivas para o futuro da Educação Física.

O que se sente, no momento, é a necessidade de certas alterações, na estrutura e funcionamento da Educação Física. É preciso que ela se efetive com um campo científico o que, aliás, de fato o é, servindo de suporte para uma ação profissional de maior competência. Esta problemática pode ser conduzida para uma solução desde que se resolvam as dificuldades que permitam os dois eixos básicos de orientação, assim definidos neste trabalho, a formação em Educação Física e a sua ação profissional

MANTER, AMPLIAR, TRANSFORMAR

Se analisarmos o contexto brasileiro atual, veremos que os aspectos políticos, históricos e pedagógicos são o fio condutor da escalada da Educação Física e, que sua organização, reflete o panorama social e econômico do país em crise. Pelo período em que estamos passando vale ressaltar que os dados estudados não são representativos de uma leitura acabada, mas o indício de novos projetos ou prolongamentos de estudos iniciados.

Com um aprofundamento em discussões sobre as mudanças de referências conceituais e uma ascensão da concepção sócio-política e neuropsicológica e com as publicações enfocando o papel humanista, desenvolvimentista, progressista, sociológico e fenomenológico da Educação Física, enquanto projeto pedagógico de educação, temos uma ligeira e sensível alteração na Educação Física Escolar, que passa a se preocupar com uma fundamentação teórica condizente com sua função educacional.

Apenas para enfatizar que a preocupação com a área existe, temos a terceira reformulação do currículo de graduação, por volta de 1987. Desta feita, ficou estabelecido que o currículo mínimo para o curso de Educação Física será de 2880 horas-aula, possibilitando duas áreas de formação, com preocupações específicas de cada uma: o bacharelado e a licenciatura.

E interessante o que nos é colocado, com relação ao Decreto no. 69540/71, que aponta como "atividade", compreendendo esporte e recreação, todos os meios, técnicas e processos realizados pela Educação Física. De acordo com tal decreto, cabe a ela o desenvolvimento e aprimoramento das forças físicas, morais e cívicas, psíquicas e sociais do educando.

Indo adiante em seus rigores, encontramos no segundo artigo deste mesmo decreto que cabe a ela uma feição desportiva e recreativa, em todos os graus e sistemas de ensino. Preocupante é que a leitura a ser feita levará ao entendimento de que se deve desenvolver o jogo propriamente dito, a performance, a

competição, ambas pertinentes no universos esportivo.

Discrepantemente temos que a recreação diz respeito ao jogo, ao educar pelo jogo, ao recriar-se e, assim sendo, fica um tanto difícil compreender como se faz tal junção ou mescla. Ou ainda: como engendrar o planejamento para garantir a sobrevivência deste antagonismo, lado a lado?

Embora haja a possibilidade de se fazer o discernimento entre o conveniente e o impróprio, a legislação não favorece um entendimento muito explícito: refere-se à Educação Física como uma "atividade" que pode ser desenvolvida na forma de "esporte e recreação" e que tem por objetivo privilegiar a saúde, a aptidão física e o desenvolvimento do corpo, entre outros.

De forma cônica somos levados a perceber que querem nos fazer acreditar, de maneira implícita e difusa, numa idéia de que o esporte, recreação e aptidão física são, no mínimo, são sinônimos de Educação Física. Temos evidências que nos apontam para diferenciações tais que não permitem estes deslizes; a ginástica, o desporto, a dança e a recreação não necessariamente contribuem para o alcance dos objetivos da Educação Física Escolar.

Com relação a esta análise, as recomendações da Secretaria da Educação, através da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), são muito claras: apela-se pela necessidade de se refletir sobre os jogos, ginástica, esportes, dança e recreação, que são conteúdos da Educação Física, para que

não sejam transformados em fins em si mesmos. Tais conteúdos são meios para a realização dos objetivos da aprendizagem, apenas.

Toda oportunidade que se tem para analisar esta questão, à luz de legislação, defrontamo-nos com uma outra variável do problema: poucos professores conhecem a legislação, ora pela própria formação e ora pelo pouco atrativo que o referido assunto apresenta. Talvez, em função disto, as ações isoladas e decorrentes de um conhecimento parcial dos guias curriculares, desvinculam-se das orientações curriculares e pedagógicas apontadas como um todo.

A nível social e mesmo escolar, a expectativa em relação à Educação Física é baixa, até no que diz respeito aos aspectos educacionais, uma vez que ela é vista simplesmente como um agente de "instrução física". Concordamos com estas considerações da SE/CENP e com outras mais, como as que dizem respeito aos profissionais que atuam na área, em função de sua formação acadêmica, o esquecimento da reflexão contínua sobre a contribuição da Educação Física diante da Educação, quer seja pela falta de conhecimento específico, quer seja pelo desinteresse ou falta de um significado especial, apenas contribui e valoriza o perfil do profissional pouco engajado com os objetivos educacionais existentes.

Não é uma nova preocupação, esta que aqui apresentamos, tendo em vista que, em 1983, Aragão e Carmo (26) já evidenciaram necessidade de serem formados professores de Educação Física com competência técnica, cientes do que fazer, como fazer e por que

fazer, e conscientes politicamente, sabendo a quem estão servindo, quem é o beneficiado com a sua prática e que busquem uma visão de totalidade. E, reforçando tal posicionamento temos a presença de Ferreira que opina sobre os currículos das licenciaturas em Educação Física: que concebiam a formação do profissional comprometido com a história, críticos das alternativas propostas pela elite e com possibilidade de discernir o melhor caminho. Assim, vamos a este caminho, estudando com maiores detalhes o jogo infantil, o esporte e a competição escolar.

NOTAS

- (1) Inezil Penna MARINHO, História da Educação Física no Brasil, São Paulo.
- (2) Manoel SERGIO, Desporto em Democracia, Lisboa.
- (3) O.N.U./UNESCO, Manifesto sobre o "fair-play", 1977.
- (4) Lino CASTELLANI FILHO, Educação Física no Brasil - a história que não se conta, Campinas, Papirus.
- (5) Op. cit., p. 53
- (6) Op. cit., p. 81
- (7) Vanilda P. Paiva, Educação popular e educação de adultos, p. 134. in CASTELLANI FILHO, p. 83
- (8) Conselho Federal de Educação, BRASIL.

- (9) Lino CASTELLANI FILHO, Op. cit. p. 117
- (10) Fernando de AZEVEDO, Da Educação Física. p. 84 e 85.
- (11) Mauro BETTI, A Educação Física na Escola Brasileira de 1o. e 2o. graus, no período de 1930-1986: uma abordagem sociológica. Diss. Mestrado USP, 1988. p. 62.
- (12) Op. cit., p. 97.
- (13) Op. cit., p. 107.
- (14) Ricardo de Figueiredo LUCENA, Gênese e Consolidação da Educação Física na Escola Brasileira de 1o. e 2o. graus: a questão das leis. Diss. Mestrado UNICAMP, 1991. p. 25.
- (15) Fernando de AZEVEDO, Op. cit., p. 80-82.
- (16) Ibid, p. 87-88
- (17) Ibid, p. 83.
- (18) Inezil Penna MARINHO, Contribuição para a História da Educação Física no Brasil, p. 185 a 204.
- (19) Mauro BETTI, Op. cit., p. 69.
- (20) Alcir LENHARD, Socialização da Política, Campinas, Papirus.
- (21) Mauro BETTI, Op. cit., p. 101-102.
- (22) Marlene A. BANDEIRA, Análise da Legislação Federal e do Estado de São Paulo, pertinentes a Educação Física nos ensinos de 1o. e 2o. graus, p. 24.

- (23) O Ensino Normal formava professores para a instrução básica e inicial, conforme Decreto no. 8025, de 16 de março de 1881.
- (24) Eduardo MANHAES, Política de Esportes no Brasil, p. 27.
- (25) Lamartine P. COSTA, Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil, Rio de Janeiro
- (26) Rosália M. R. de ARAGAO e Apolônio A. CARMO, Aspectos críticos de uma formação acrítica, p. 32-37.
- (27) São Paulo, SE/CENP, Educação Física - Legislação Básica, p. 48.

PARTE II
O JOGO INFANTIL: APRENDENDO JOGANDO

Nos jogos a novidade qualitativa reside no fato de que é o processo de aprendizagem em si, e não a realização de um ato consumatório que fornece a motivação.

(Konrad Lorenz)

O JOGO INFANTIL: APRENDER JOGANDO

É um desafio tentar explicar o fenômeno do jogo na vida humana. Primeiro porque ele se funde na origem da cultura, e é por esta razão que um estudo desta categoria não deve perder de vista determinadas condutas animais; segundo pela interdisciplinaridade do jogo, cujo estudo há de atender à perspectivas de diversas Ciências como a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia. A realidade do jogo é interdependente e não pode aceitar, por sua própria natureza, explicações simplistas; este tem sido, talvez, o principal erro cometido no estudo do fenômeno do jogo (1).

Assim, o jogo infantil se tem nutrido principalmente de tendências da Psicologia Evolutiva, e, mais tarde, das correntes psicanalíticas e antropológicas; todo ele salpicado de intenções, desde Platão até Maria Montessori, de construção de métodos que dão ao jogo uma máscara pedagógica maior.

Encontramo-nos diante de um dos fenômenos mais naturais do comportamento humano, que inclui numerosos valores, além de um conjunto incalculável de elementos transgressores da realidade e, portanto, oposto aos moldes que nos impõe nossa organização social adulta (2). O jogo infantil é, como veremos, elemento de aprendizagem e desenvolvimento, de adaptação social, de liberação pessoal e de conservação da própria cultura. Por último, assinalamos que o jogo possui um encanto particular, como se o tempo parasse por momentos e tudo pouco importasse. Apenas uma coisa teria valor: jogar ...

PROPOSTAS CONCEITUAIS E CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS

Existem muitas definições de jogo, porém muito poucas são aquelas que alcançam todo o espectro lúdico. Algumas somente fazem referência ao jogo infantil, enquanto que outras tendem a explicar o fenômeno dentro de uma única corrente. Vejamos algumas delas (3):

"O jogo é uma atividade estética" (Schiller)

"O jogo é uma inversão artificial da energia" (Spencer)

"O jogo é uma variedade da prática social que consiste em reproduzir em parte ou em sua totalidade, qualquer fenômeno da vida a margem de seu propósito prático real ..." (Elkonim)

"O jogo é uma forma de comportamento que inclui tanto dimensões biológicas como culturais ..." (Blanchard)

"O jogo é uma atividade autotélica de oposição ao

trabalho, onde o fim exterior é a própria atividade." (Baldwin)

Estas definições, extraídas dos estudos de Adela Partridge (1992), podem ser confrontadas com a clássica visão de Huizinga, citada em seu *Homo Ludens*, em 1938, onde nos é passado que o jogo é uma ação ou atividade voluntária, realizada dentro de certos limites, fixos no tempo e no espaço, que segue uma regra livremente aceita, porém completamente imperiosa, com um fim em si mesma, acompanhada de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser algo diferente do que é a vida corrente.

Como podemos notar, trata-se de uma definição muito precisa, que focaliza todos os aspectos e extensões do conceito de Jogo. Sem dúvida, e pensando em ser uma das definições que goza de maior aceitação, também é verdade que, em parte, é difícil de ser manejada pelos não iniciados.

TEORIAS DO JOGO

As teorias sobre a origem ou os motivos do jogo têm ocupado um lugar de destaque durante muito tempo. Com elas ocorre algo semelhante ao que se sucede com as definições: dificilmente uma só é capaz de explicar o fenômeno. Apenas a nível de apresentação, nomearemos as teorias mais destacadas e representativas, seguidas de seus precursores, sem nos determos com a explicação de cada uma delas, por não ser alvo de estudo, neste trabalho (4). Desta forma temos:

- teoria metafísica (Platão), que relaciona a arte e o jogo. A poesia e a pintura, como imitação da realidade, estão

relacionadas com o jogo; a sua concepção de estado ideal adota medidas para que os jogos, as obras teatrais, a música e a dança formem uma unidade ritual e artística.

- teoria do recreio (Schiller) concebe o jogo como uma atividade que não busca satisfazer apenas as necessidades naturais. Com uma concepção estética, o jogo deve contrastar com o trabalho e com a gravidade da vida, recreando.

- teoria da liberação de energia (Spencer) vê o objetivo máximo do jogo no fato deste canalizar as ações propostas para o gasto das energias acumuladas nas práticas utilitárias.

- teoria do trabalho (Wundt) assegura que a necessidade de subsistência conduz o homem ao trabalho e que, pouco a pouco, o homem aprende a transformar este trabalho em jogo.

- teoria do exercício preparatório ou da antecipação funcional (Gross) sustenta que o jogo é um exercício preparatório para a vida adulta e conseqüente instrumento de autoafirmação natural da criança, servindo como mecanismo de estimulação da aprendizagem e do desenvolvimento.

- teoria do ativismo ou da recapitulação (Hall), diante de uma postura darwiniana, expõe a idéia de que o jogo é um rudimento das atividades de gerações anteriores, que aparece na infância. Daí o fato de se manifestar as primitivas formas de sobrevivência: luta, perseguição, fugas, ...

- teoria catártica (Carr) defende que os impulsos pré-

existentes, que podem ser nocivos, obtêm uma saída inocente no jogo, isto é, que o jogo atua como um filtro das tendências anti-sociais. Em suma, é uma catarsis ou expulsão liberadora que encontra espaço para realizar-se na irreabilidade do jogo.

É possível que percebamos a falta de uma ou outra teoria do jogo; no entanto, tal apresentação apenas nos servirá para referência das mais destacadas e representativas; por outro lado, como temos podido observar, existem posturas teóricas para todos os gostos, o que ajuda bem pouco a esclarecer o porquê do jogo. Neste sentido, é óbvio que existem dois aspectos que figurarão separados: a origem do jogo e por que se joga.

Com relação à origem do jogo, entendendo-o como um ente e não como um tipo específico de jogo, devemos situá-lo a partir do jogo animal, que evoluiu até um estrutura superior integrada; em primeiro lugar, por componentes utilitários e por crenças, que se mostravam de forma ritualizada naquelas atividades de grande transcendência para o grupo, para, finalmente, evoluir e configurar uma cultura (5).

Mais complexa se apresenta a explicação do porque se joga. De início, não consideramos correto a formulação de uma teoria para aplicar o amplo significado do jogo, já que os motores do jogo infantil diferem, em essência, dos que movem o jogo do adulto. Por esta razão fundamental, é preciso apresentar a realidade do jogo desde uma perspectiva integradora, que evidencia haver apenas dois elementos comuns, entre os jogos das crianças e os dos adultos: o prazer e a incerteza (6).

Podemos afirmar que os pequenos jogam também para buscar experiências agradáveis, adquirir conhecimentos e domínios, colaborar para seu desenvolvimento e auto-afirmar-se, pessoalmente e em relação ao grupo; o adulto, por sua vez, joga para se libertar das obrigações, ocupar seu tempo livre, pela satisfação derivada da atividade e pela necessidade e resultado da comunicação.

Como observamos, o jogo não obedece a um comportamento único e indiferenciado; porém com aspectos comuns, que fazem com que a realidade dele seja significativa para o homem, desde seu nascimento até a sua morte.

Definir sua natureza é definir suas características e associar o conceito de jogo ao seu oposto, para encontrar seus limites (7). Desta forma, os conceitos que pertencem a natureza do jogo são: liberdade; ficção; alegria; acordos; regras e normas; improdutividade; passatempo; incerteza; prazer; esforço e trégua e repouso. Concordamos com Caillois (1967) que determinou seis características, com as quais torna-se possível analisar a complexidade da natureza do jogo, apesar da dificuldade que nos apresenta tal compreensão.

A liberdade, então, está para nos garantir que o jogo não pode estar sujeito a imposições externas, surgindo espontaneamente, de forma natural. Isto causa muitos problemas aos pedagogos, que tentam imprimir uma artificialidade aos jogos, sem conseguí-la. Depois, temos que o jogo é uma irreabilidade, é o desenvolver uma situação inexistente e carente de transcendência

que, geralmente, causa uma alegria diametralmente oposta a seriedade e ao trabalho.

Os jogos, incluindo os individuais, possuem uma série de códigos morais, diversas formas de regulação entre suas próprias relações. Estas regras, normas ou acordos são firmadas antes ou no decorrer dos jogos e, até se mascaram regras dos jogos adultos, para serem aproveitados no jogo infantil. Então, percebemos que no jogo existe uma certa coação social, a margem da liberdade proposta pelo seu clima ...

O apaixonante do jogo descansa precisamente em não conhecer o resultado da ação do mesmo. Este é o princípio do jogo sensório-motor ou funcional, que o bebê experimenta a partir do resultado dos seus movimentos (8). É o motor que aquece os jogos de fantasia, uma vez que o jogador se submete à situações e papéis com um interesse por averiguar qual será o resultado, do tipo: o que acontecerá se ... Tal incerteza será, no futuro o sustento da lógica do jogo de regras.

Revendo a concepção assumida por Roger Caillois, com a qual concordamos, entendemos que o jogo, por ser uma situação fictícia, carece de transcendência. O resultado do jogo não é mais do que uma consequência da própria atividade; quando o produto do jogo é o fim em si mesmo, estaremos tratando de outra estrutura muito diferente do jogo, que não se caracteriza por fechar seu âmbito de abrangência.

Confidenciamos que, ao estudarmos a natureza e

características do jogo, estamos explicitando suas oposições. Pois bem, os termos que se opõem ao jogo são, por um lado e de forma direta, "esporte"; e por outro, e como verdadeiro antônimo, "trabalho".

As definições de esporte coincidem com as do jogo. A explicação reside em que o esporte não é mais do que um jogo institucionalizado, com uma tendência limitada muito marcada e com um caráter universal (9). Por conseguinte, a natureza do jogo se confunde, em alguns pontos, com a do esporte, em questões de regras, incertezas e prazer, por exemplo.

A natureza diferenciada do esporte frente ao jogo se concentra em alguns parâmetros que são antíteses do jogo, e que participam do conceito de trabalho. Estes parâmetros do esporte são a seriedade, a obrigatoriedade, a profissionalização e a institucionalização; é imprescindível chamar a atenção sobre a realidade do jogo e do esporte, no sentido de que as estruturas "jogo" e "esporte" não determinam comportamentos marcadamente esportivos, apenas os condicionam.

Isto quer dizer que poderemos encontrar comportamentos marcadamente esportivos em jogos, e o inverso é verdadeiro. Sabemos que há esteriótipos do mundo esportivo nos jogos, e jogadores que não se sentem nem atuam como profissionais, dentro das estruturas institucionalizadas. Não obstante, é evidente que estes comportamentos não constituem a norma.

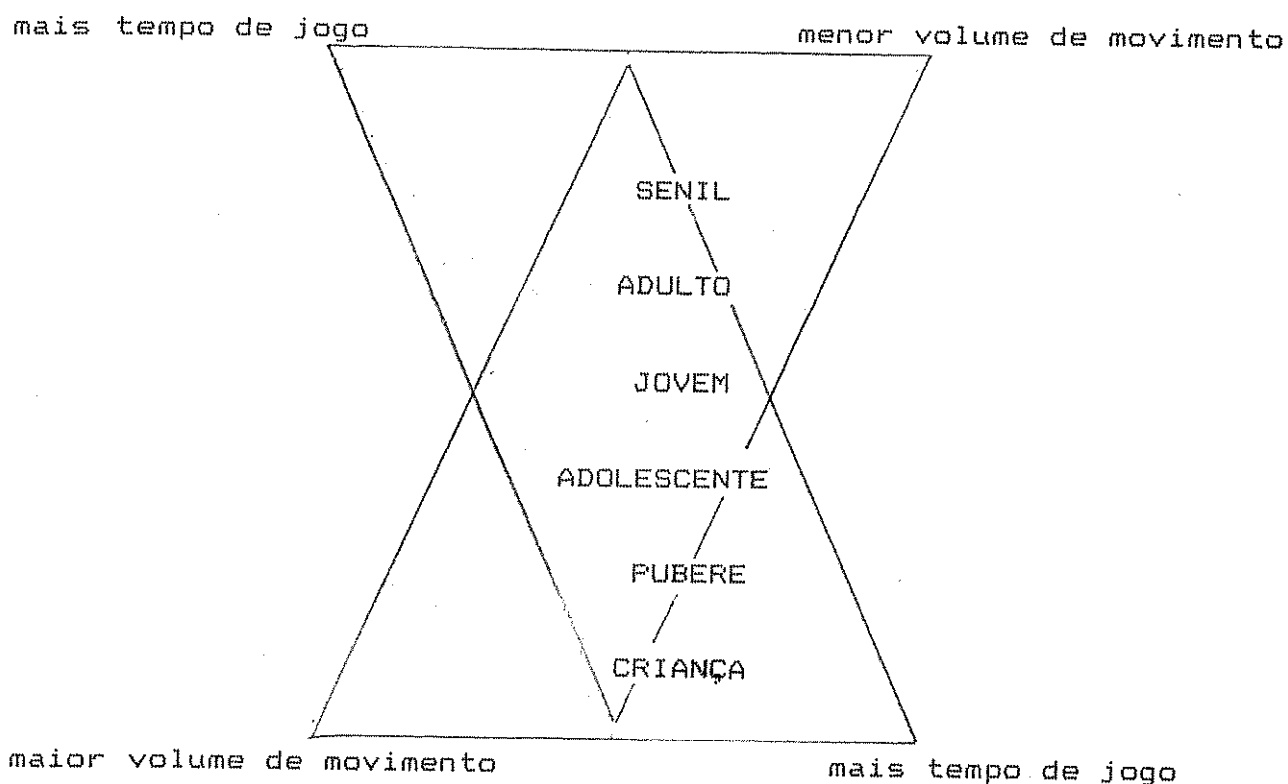
Por sua parte, o trabalho transforma-se na antítese do

jogo, apesar de haver muitos estudos liderados por Scheines (1992), acerca da validade desta afirmação. Assim como na questão anterior, esporte-jogo, a problemática trabalho-jogo, leva-nos a discutir e analisar situações tais como: o trabalho pode apresentar momentos de prazer; nem sempre o trabalho é desagradável e imposto. De novo, voltamos a idéia apontada: a estrutura condiciona, mas não determina. Então é necessário garantir que a investigação se situe numa perspectiva real e não seja edificada a partir de pressupostos teóricos ... por isso é que tanto o esporte como o trabalho e o jogo, em determinadas situações, são uma mesma coisa (10).

REALIDADES E LIMITES DO JOGO

Apesar do jogo ser um fenômeno que acompanha o homem ao largo de sua vida, este mesmo homem nem sempre mostra o mesmo comportamento de jogo, nem tampouco o mesmo interesse. Assim, encontramos uma ampla gama de jogos em que, durante cada etapa da vida, é possível deleitar-se e expressar-se em relação com as capacidades de que dispomos. Algo, entretanto, é evidente: o jogo não tem idade.

A evolução dos interesses regem os jogos em cada etapa da vida, de modo que se possa observar uma pirâmide para dois parâmetros inversamente proporcionais: o tempo de jogo e o volume de movimento (11).



As principais diferenças de interesses do jogo são: jogos de experimentação, para a denominada primeira infância; jogo de fantasia e simbólico, para a segunda infância; jogo socializador, para a terceira infância; jogo de medição, para a puberdade, adolescência e juventude; jogo recreativo, para a etapa da crítica do jogo, na maturidade e, por último, jogo de integração, para a fase senil. Estas diferenças evidenciarão cada fase de vida, baseada em experiências dos indivíduos envolvidos.

Em verdade, os critérios que determinam a diferença das distintas etapas evolutivas dos jogos são: o tipo de jogo, os interesses do jogo, o ritmo de jogo e as regras. Muitos investigadores apresentam diferentes perspectivas científicas de etapas evolutivas dos jogos; optamos pela apresentada, pela coerência e objetividade propostas.

O jogo constitui, ainda, um excelente meio estratégico para os planejamentos didáticos atingirem seus fins. E tal a evidência disto que todas as pedagogias, passadas e atuais, de conteúdos marxistas, estruturalistas, construtivistas, psicanalistas, ecologistas ... têm utilizado o jogo como forma de alcançar vantagens na escola. Porém, o que encerra o jogo, que permite obter resultados tão procurados e tão questionados?

Jogo e educação integral são dois componentes associados. Mediante o jogo são facilitados os aspectos de caráter, as habilidades sociais, os domínios motores e o desenvolvimento das qualidades físicas (12). Somente será usado como estratégia para veicular um ou mais campos de conhecimentos, que a didática escolheu para desenvolver.

Todas as espécies têm evoluído graças a complexos mecanismos, aperfeiçoando-se de geração em geração, para se adaptar e subsistir, e o jogo tem sido uma das complicadas engrenagens para unir a realidade com a irrealidade. A simulação que supõem o jogo tem servido como treinamento e exercitação para experimentar e, em consequência, aprender e fomentar o desenvolvimento.

O estímulo constitui um passo para todo o aprendizado. O jogo reúne uma variadíssima gama de estímulos que acelera o processo de aprendizagem, já que o indivíduo se submete, por vontade própria, a toda aquela variedade que resulta em prazer. A repetição constante que acompanha o jogo sensório-motor serve de estimulação aos receptores ou nos bombardeia com informações de

nosso corpo ou de nosso exterior.

Por outra parte, o ato motor no jogo compreende um conjunto de processos de inteligência (associações, análises, discriminações, transferências, antecipações, ...) que deixam um substrato de experiências motoras (13). A percepção é a base de toda a aprendizagem como nos diz Wallom, juntamente com a estimulação e a adequação da resposta motora.

Como vemos, a experiência possui uma enorme transcendência no ato motor. Diante de situações novas e um reduzido número de experiências motoras, somente se pode esperar respostas motoras pobres. Daí que o homem, como as demais espécies, sentem necessidade de uma atividade para poder exercitar seus órgãos e sistemas; esta atividade não é sendo que o jogo motor, já que permite, a margem do trabalho, ensaiar uma e outra vez habilidades úteis para o desenvolvimento, a aprendizagem e a adaptação.

Aqui, os jogos são muito importante, não só porque apresentam experiências diversificadas, mas também porque em seu próprio existir incluem a incerteza, que conduz a uma adaptação emocional, social e motriz (14). Por último, a autonomia supõe o final de todos os caminhos para a aprendizagem. Mediante o jogo se pode alcançar graus de autonomia muito importantes, pois com ele se educam a persistência, o auto-controle, a benevolência, os valores estéticos, a auto-confiança, a participação, a solidariedade, a cooperação, a integração, a independência, os domínios motores, as capacidades físicas ... Facilmente

entendemos que manejamos uma atividade, o jogo, com um amplo espectro de possibilidades didáticas.

COMPREENDER, GOSTAR E AGIR

São tantos os pesquisadores que têm definido etapas para o desenvolvimento da inteligência, a maturação de aspectos psicocinéticos, o desenvolvimento fisiológico, o desenvolvimento afetivo e de relação, as fases da iniciação esportiva que, como é lógico, resulta num difícil manejo, de forma conjunta, de todos esses dados na Educação Física.

A contínua exercitação que comporta o jogo, como já mencionamos, constitui o motor que nos proporciona o acesso ao conhecimento de nós mesmos e do mundo que nos envolve, assim como a configuração de nossos órgãos e sistema, de forma coesa. A fase de exercitação justifica que a criança dedique a maior parte do seu tempo ao jogo; assim, a criança receberá muita informação, através de uma atividade livre e prazerosa.

A execução de sucessivas repetições de esforços semelhantes, de forma não especializada, e a maturação de determinadas habilidades conduzem a melhora e construção de qualidades físicas. Do ponto de vista didático, é interessante e necessário que os jogos sejam repetidos em sucessivas sessões, em função da formação do pensamento estratégico.

Mediante o jogo podemos canalizar uma formação integral do indivíduo. Por esta razão, a Educação Física resultaria mais pobre se não integrasse em seus programas os demais componentes

do núcleo de aprendizagem, como o pensamento e o relacionamento afetivo-social. Sabemos que a criança desenvolverá melhor seu pensamento utilizando o jogo como veículo de "exercício" da mente (15). O jogo pode educar muitas operações de pensamento: a criatividade, a reversibilidade, as capacidades de associação, transferência e discriminação, a análise e a síntese, a abstração.

Baseado na iniciativa, liberdade e motivação, o jogo é um veículo de conhecimento da realidade, do próprio corpo e do exterior, estimulando atividades intelectivas e operações formais. Quando percebemos o quanto o jogo de fantasia estimula a criatividade mediante a imaginação e constrói uma ponte progressiva entre o irreal e o real, por meio de simulações, notamos que a importância do jogo se torna ainda maior.

Durante o período do jogo simbólico, o jogo serve como expressão dos medos e preocupações, e como meio de resolver possíveis conflitos pessoais (16). Graças a esta atividade fictícia a criança desenvolve seus sentimentos e emoções, por isso a dramatização de situações é uma terapia comum, para todos os participantes.

Outro fator de aprendizagem que tem um marcante caráter simbólico é o jogo de imitação; quer seja o trabalho de imitar como o espelho, para conhecer o próprio corpo (17) e reproduzir as emoções expressas, ou a imitação complexa de movimentos e expressões de sentimentos, quando as crianças usam da imitação e da imaginação para desenvolver sua afetividade.

O jogo conduz e reconduz as emoções; ele permite a expressão da alegria ao iniciar os movimentos e, no decorrer do tempo, vai se verificando a recondução da emoção até o auto-controle, a auto-superação, o agonismo e a satisfação que, de forma imprescindível, manifesta o desenvolvimento da personalidade.

Percebemos que é um meio de conhecer e de se adaptar a realidade e ao meio social. Neste caso, o jogo traz uma proposta para comprovar a evolução dos grupos, que vem a atingir dados relativos à participação, atuação, admissão, integração e autonomia de uma maneira crescente e envolvendo a todos, de forma personalizada (18).

Discutir o jogo ou o movimento sem pensar no desenvolvimento do ser humano é algo estranho de se elaborar. O jogar envolve uma relação conjunta que predispõe e orienta o desenvolvimento, de forma geral. Mas, precisa ser bem planejado.

Para a Educação Física, o jogo é um elemento chave, devido as grandes contribuições que pode oferecer, entretanto muito temos para aprender, com pesquisas e estudos anteriores, que fundamentam a teoria dos jogos, em seus vários níveis, fases de desenvolvimento e implicações.

Através de estudos de DIEM (1981) aprendemos que o impulso motriz representa um auxílio determinante para o desenvolvimento geral da criança; as brincadeiras da criança em idade escolar estão baseadas em atividades globais como: correr,

saltar, saltitar, rolar, lançar, com variações de ritmo, espaço, tempo e força. A atividade motora global viria a satisfazer necessidades fundamentais de movimento, de investigação (19) e de expressão, permitindo à criança um desenvolvimento psicomotor compatível com o desenvolvimento escolar.

Para que a criança possa desenvolver um trabalho global, é necessário ajudá-la a estruturar os campos perceptivos, através dos aspectos expressivo e prático. Usamos os jogos imaginários e os simbólicos, pelos desbloqueios que permitem, revelando as frustrações da criança em seu universo imaginário e favorecendo a sua expressão, enquanto os jogos funcionais permitirão à criança a aquisição de numerosas práticas. Assim, através do jogo, a criança deve ser capaz de exercer sua função de ajustamento, de forma individual ou compartilhada, prosseguindo a organização de sua "imagem corporal".

Vayer (1977) acredita que a criança deva ter uma organização perceptiva que adapte as condições de espaço e tempo, concordando, dessa forma, com DIEM (1981) e LE BOULCH (1986). Para VAYER, em qualquer situação de aprendizagem, sempre se faz presente à criança o mundo externo, ou seja, o mundo dos objetos e o mundo dos demais, ao mesmo tempo que para LE BOULCH (1986), a educação psicomotora na idade escolar deve ser, antes de tudo, uma experiência ativa de confronto com o meio; a recreação proporá o envolvimento e participação ativa do ser humano, com espontaneidade, prazer e livre escolha.

A experimentação variada, a repetição das brincadeiras e

as modificações das tarefas aumentam a experiência motriz da criança, desenvolvendo segurança e habilidade em seus movimentos; todas essas atividades acontecem em aulas de Educação Física Escolar.

Ainda que seja normal a utilização do jogo da criança, para facilitar a evolução dos diferentes aspectos de sua personalidade e transformar a necessidade de movimento, de conhecimento, de desejo de atuar em situações educativas (20), o adulto não deve monopolizar a ação dos menores para esse fim, como também o professor não deve utilizar o jogo pensando apenas no aspecto educativo; ele deve utilizar as atividades lúdicas como meio de expressão livre e espontânea, favorecendo a necessidade de autonomia da criança.

Através da imitação e dramatização é permitido à criança experimentar situações que não são as de sua vida real, porém é uma das formas dela dar asas a sua imaginação criativa, transformando situações que se lhe apresetam e vivendo-as com muita realidade.

O jogo funcional possibilita à criança a prática das atividades naturais (correr, rolar, saltar, lançar, etc.) pelo simples prazer de utilizar seu corpo; essa forma de jogo corporal é importante para o equilíbrio emocional e para estimular as funções fisiológicas, as quais a criança tem pouca oportunidade de solicitar, em razão da vida atual (21).

Contudo, gradativamente, o jogo funcional deve ser

trocado pelo jogo de regra, com uma intenção determinada; de acordo com VAYER (1977) a criança aprende a coordenar as suas primeiras ações jogando com os braços e pernas, com a ajuda das mãos, principalmente e, progressivamente, ela passa a conhecer o seu próprio "eu", sendo então capaz de jogar só.

AMPLIAÇÃO DE VALORES CULTURAIS GERAIS

O estudo do desenvolvimento afetivo-social foca os aspectos relacionados aos interesses, atitudes, valores, motivações, auto-confiança, sociabilidade, e outros, que envolvem a criança nas suas atividades lúdicas. O jogo ou o brinquedo, quando bem aplicado, constitui uma construtiva e útil experiência para a infância, porém o mundo atual está subestimando o seu real valor. De acordo com JACQUIN (1963), as atividades lúdicas podem melhorar os recursos de ajustamento levando a criança em conflito à condições normais de saúde mental (22). Ressaltamos que, ainda que em competição ou disputa, haverá o equilíbrio caso a atividade física escolar venha a ser bem conduzida.

Sabemos que a recreação responde às profundas necessidades físicas e psíquicas e preenche, inequivocamente, importante função social. Assim o jogo tende a um impulso interior e a necessidade de movimento que está presente no homem, como também preenche as funções psíquicas como a curiosidade, a surpresa, o espírito de competição. Em se tratando do aspecto social, o jogo é um importante facilitador da integração da criança ao grupo, além de, durante o jogo, revelar o que verdadeiramente é, sem máscara e sem artifício (23).

As atividades lúdicas devem possibilitar à criança a experiência de várias formas de comportamento social; ela deve sentir-se bem em companhia de crianças, aprendendo a integrar-se com elas e a expressar seus desejos sem, contudo, subestimá-las, facilitando o desaparecimento do seu natural egocentrismo. O jogo do escolar precisa possuir um atrativo, ser de fácil captação e, sobretudo, deve ser de interesse da criança.

Desta maneira, atuando em parceria, a criança tem maior possibilidade de resolver problemas; ela precisa ser solícita quando presta ajuda e, quando ajudada, aceitar e reconhecer o apoio do companheiro. As brincadeiras em parceria facilitam a passagem do "eu" para o "nós". A busca conjunta de soluções originais para problemas e a invenção de novas formas de brincar animam a pensar e a agir de forma criadora e produtiva. Para DIEM, uma criança de três anos de idade já consegue fazer uma observação crítica sobre o comportamento das outras, resultando para suas próprias atitudes sociais e seu comportamento dependerá das experiências vividas, tanto agradáveis como desagradáveis.

Jacquim afirma que o jogo tem, sobre a criança, o poder de um exercitador universal, facilitando tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas, intelectuais e morais (24). O emprego dos jogos e brinquedos vem sendo usado pela Pedagogia, com métodos mais estruturados, para a obtenção de melhor equilíbrio emocional da criança.

A pesquisa feita por SALEILLE (1986), com alunos de uma

escola com programa especial de Educação Física, e paralelamente com alunos de uma escola com programa normal, buscou saber sobre o efeito dos exercícios físicos sobre a atividade neuropsíquica dos escolares (25). Os resultados obtidos neste estudo através da prática dos exercícios recreativos foram significativos: melhora do tempo de reação nas crianças, maior resistência à fadiga intelectual e melhoria escolar, enquadrando-se no mesmo esquema proposto por HARROW (1972), sobre a interdependência dos domínios, confirmando que, mesmo enfatizando mais o domínio psicomotor do comportamento, benefícios acontecem nos demais domínios.

Em função de tais estudos podemos considerar que existem relações funcionais entre os jogos e o desenvolvimento cognitivo, facultando uma abundância de cognições e uma prontidão para a criatividade. E mais, através do jogo, a criança tem a possibilidade de fazer uso de todos os sentidos, tão importantes na facilitação da aprendizagem. Independe do tipo de jogo e do momento da ação, mas a atuação do profissional da Educação Física é imprescindível para o desenvolvimento equilibrado e valorização total dessa estratégia.

TORNAR O JOGO COMPREENSÍVEL

O adulto que brinca reencontra a sua infância, ou volta a ser criança, comportando-se como tal. O jogo é um componente essencial da vida dos homens; em todas as sociedades, em todos

os tempos e em todos os lugares, existem jogos variados que excitam as paixões humanas.

O jogo do adulto é um prazer e marca uma trégua entre as obrigações das pessoas. Sendo o jogo uma das maiores ocupações das crianças e constituindo um regresso ao estado de infância, para o adulto, podemos dizer que ele opõe-se diretamente ao trabalho, uma vez que os adultos usam-no para descansar dos trabalhos e que as crianças não trabalham (26).

Surpreende-nos pensar que a escola é o lugar do trabalho infantil. Ou mais: é o lugar onde não é permitido brincadeiras. Ainda assim, sabemos que a escola sempre valorizou os espaços reservados para o jogo; os "recreios" existem para uma pausa entre teorizações, para uma descontração ou para o prazer.

Aqui a conotação é forte, pois o jogo é mantido como o elemento indispensável para que se atinja o máximo do rendimento escolar. Sem o jogo, todo o processamento de informações seria perdido, quer seja pelo cansaço, quer seja pelo volume de informações ou mesmo pela desmotivação causada por um processo tão longo e sem interrupção (27).

Por outro lado temos os próprios "jogos educacionais", que a escola usa, para facilitar o entendimento, ou fortalecer o exemplo dado. Estas contradições não são as únicas visíveis no que diz respeito ao jogo. Sua existência perene é algo muito discutido, uma vez que não é perpetuado pela escrita, mas de viva voz, de geração para geração, com uma fidelidade e pureza

inigualáveis. Muitos são os jogos que atravessam séculos, permanecendo como sua forma original, caracterizando-se como um instrumento ideal de educação e cultura.

Dentro do aparelho escolar, o jogo vem mostrando que pode ser materializado na condição de facilitador, da aprendizagem, vindo a propor um "aprendizado divertido" (28), e fortalecendo não apenas as questões relativas ao ensino escolarizado, mas o ensino em si.

Ao vermos uma criança jogando, estamos diante de alguém que enfrenta uma prova que escolheu ou criou, com certeza, mas existe esta prova, esta situação. Neste desafio com o qual ela se defronta, o objetivo é superá-lo, resolvê-lo; o final do jogo é sempre uma forma de vitória, de resultado atingido. É evidente que não devemos confundir com o esporte ou com os desafios sociais, mas é importante compreender que jogar é um ato formador na medida em que exige a organização racional dos meios apropriados para atingir um fim estabelecido pela razão.

Igualmente interessante é que não existe o jogo masculino e o jogo feminino. Tal distinção é feita pela sociedade, com grupos de crianças mais velhas, uma vez que eles se envolverão com as atividades, sem a preocupação da função social do homem ou da mulher, com relação aos jogos. Não estamos aqui, afirmando que a sociedade limita os jogos, por sexo, mas que as crianças os jogarão sem distinção, por uma escolha espontânea ou não por uma conduta social adquirida (29).

A literatura nos mostra, através de Belotti, toda a aculturação que acompanha a escolha de um jogo. Segundo este estudo, não temos o jogo do menino nem o da menina, mas apenas representações que os adultos fazem dos papéis dos homens e das mulheres, usando os jogos para inculcá-las às novas gerações.

Sempre que estivermos diante de um jogo que busca a modificação das suas regras, estaremos diante de um ponto de partida de uma nova atitude face ao "antigo" jogo; tal atitude será a origem de um "outro" jogo, pelo menos diferente nas estratégias. Inventar um jogo é sem dúvida o jogo mais interessante e o mais formativo: Há uma mobilização intelectual motora e afetiva para a reestruturação apaixonada e mais diversificada do próximo evento.

Acreditamos que, neste momento, a atitude dos pais é decisiva, uma vez que o jogo passará a ter uma outra jurisprudência que deve ser ativada, problematizada, estimulada, de maneira que, diante do processo criador, a criança perceba sua possibilidade de dispor dos meios e organizá-los coerentemente, até se deparar com uma outra forma de jogar.

A presença de pais e professores no estímulo e incentivo de crianças que jogam, é de muita importância, quer pelo papel social que representam, quer pela possibilidade de oferecer mais elementos para uma atividade que sairá do mundo das idéias para o mundo concreto (30).

Acreditamos, todavia, que a escola não deva tornar-se um

lugar onde toda e qualquer atividade se limite ao jogo. Também não acreditamos que os jogos devam acontecer apenas nos contextos escolares. É um caminho entre o jogar e o trabalhar que convém fazer prevalecer no interior do aparelho escolar, dialeticamente. Empregar o dinamismo do jogo só será proveitoso educacionalmente, se conseguirmos as características fundamentais deste jogo em consonância com as características de desenvolvimento e crescimento da criança.

Infelizmente, na prática da Educação Física Escolar o que se encontra, na grande parte das vezes, é o reflexo das diferentes abordagens de ensino, enfatizando as atividades lúdico-esportivas, o que nos leva a perceber que a Educação Física não tem um projeto pedagógico sério, que motive seus profissionais a assumi-lo.

Este fato nos alertou para a possibilidade de se ter o desenvolvimento tanto do jogo, como do esporte ou lazer e mesmo da competição, apenas como aspectos de ensino diferentes, diante de um esboço pedagógico. A ausência de um projeto pedagógico é suficiente para que não se distinga o objetivo de cada um dos conteúdos, isoladamente, como se tem passado. A exemplo disto teremos o tratamento dispensado ao esporte e à competição esportiva escolar dentro da escola, que também serão estudadas a seguir.

NOTAS

- (1) Johanes HUIZINGA, Homo Ludens, São Paulo, p. 18.

- (2) Jean CHATEAU, O Jogo e a criança, São Paulo, p. 49.
- (3) Roger CAILLOIS, Les jeux et les hommes, Paris, p. 22.
- (4) Op. cit., p. 31.
- (5) Op. cit., p. 47
- (6) BLAZQUEZ SANCHEZ, Fundamentos de Educación Física para
enseñanza primaria, Madrid, p. 90-91.
- (7) Jean CHATEAU, Op. cit., p. 52.
- (8) Blázquez SANCHEZ, Op. cit., p. 38.
- (9) Marie - Jose Chombart de LAWE, Um outro mundo: a infância,
São Paulo, p. 304.
- (10) Graciela SCHEINES, As regras do jogo, Rio de Janeiro, p.
66-68.
- (11) Blázquez SANCHEZ, Op. cit., p. 54.
- (12) Graciela SCHEINES, Op. cit., p. 37.
- (13) Pierre VAYER, El niño frente al mundo, Madrid, p. 79.
- (14) Lev S. VYGOTSKY, A formação social da mente, São Paulo, p.
33-34.
- (15) Roger CAILLOIS, Op. cit., p. 77
- (16) Phillipe ARIES, História Social da criança e da família, Rio
de Janeiro, p. 96-98.

- (17) D.W. WINNICOTT, O brincar e a realidade, Rio de Janeiro, p. 33-35.
- (18) Cristine BEART, Historie des jeux, Paris, p. 60-63.
- (19) Henri CORMARY, Comprendre la Pédagogie, Paris, p. 30-36.
- (20) Henri CORMARY, Op. cit., p. 42-43.
- (21) D.W. WINNICOTT, Op. cit., p. 61.
- (22) Guy JACQUIN, A Educação pelo jogo, São Paulo, p. 86.
- (23) Monique SEGRE, Les enfants et les adolescents face au temp libre, Paris, p. 41-42.
- (24) Guy JACQUIN, Op. cit., p. 51.
- (25) Jean-Paul SALEILLE, Les métiers du sport, p. 27-28.
- (26) Heloisa Turini BRUHNS, O corpo parceiro e o corpo adversário, p.
- (27) temos dois autores que trabalham esta idéia: Pierre FRAYSSINET, Le sport parmi les beaux-arts, p. 19-26 e Teotônio LIMA, O Desporto está em suas mãos, p. 33-34.
- (28) Roger CAILLOIS, Op. cit., p. 47.
- (29) Teodoro LIMA, Op. cit., p. 55.
- (30) Guy JACQUIN, Op. cit., p. 62.

PARTE III
O ESPORTE E O AMBIENTE ESCOLAR

Toda instituição funciona em parte como um jogo, de modo que se apresenta como um jogo, que foi necessário restaurar, que se fundamente em novos princípios e teve de eliminar um jogo antigo. Esse jogo inédito valoriza outra norma e legislação, exige outras virtudes e aptidões. Desse ponto de vista, uma revolução aparece com a transformação das regras do jogo.

(Roger Caillois)

ESPORTE E O AMBIENTE ESCOLAR

Um dos fenômenos que mais importância tem em nosso século é, sem dúvida, o esporte, tanto por sua incidência como por seu enorme desenvolvimento; e, a medida, que cresce sua importância, também suscita uma maior controversia. Podemos considerar que o esporte se tem constituído de três distintos elementos: o jogo, o exercício físico e a competição. A ordem de importância destes elementos e seus significados guardarão relação com o tipo de esporte praticado; a nós apenas nos interessa o esporte escolar, e disso é que trataremos a seguir.

O conceito de esporte tem variado com o decorrer dos tempos e em função da evolução das sociedades em que tem se

desenvolvido. Não obstante, em todas as manifestações aparece uma série de características comuns, como a existência de competição para superar aos demais ou nossos próprios limites, um esforço físico e umas regras ou normas pelas quais se regem o desenvolvimento do esporte.

Desta forma, necessário se faz tecer algumas considerações a respeito, tanto do Esporte como do Lazer, buscando o entendimento enquanto fenômeno social, destas duas formas de manifestação popular. Para tanto, dividimos este capítulo em dois momentos distintos, onde tentaremos resgatar o significado histórico e social, tanto do Esporte como do Lazer, uma vez que ambos estão entre as paredes da instituição escolar.

ELEMENTOS INSUBSTITUIVEIS: LAZER E ESPORTE

Toda discussão a respeito de um, o Esporte, e do outro, o Lazer, tem necessariamente, que iniciar-se pelo entendimento do significado que o jogo e o lúdico tiveram nas diferentes formas de relações entre os homens através dos tempos. Porém, como não é propósito deste estudo discutir as várias vertentes do Esporte e Lazer, nem tampouco suas implicações psíquicas na vida dos homens, limitaremos a analisar estes dois fenômenos, à luz de um referencial teórico, que tenha como pressupostos básicos que o Esporte e o Lazer, por serem patrimônios culturais produzidos pela sociedade ao longo dos anos, são históricos e como tais condicionados, desempenhando papel fundamental no modo de organização social vigente e que, ambos, apesar de manifestarem-

se nos momentos de "descompromisso" dos homens estão profundamente "comprometidos" com a ordem social dominante.

Neste sentido e, a partir desse pressuposto, o entendimento do significado do jogo e do lúdico como elementos diferenciadores do que se entende por Esporte e Lazer é fundamental.

Existe na literatura especializada uma certa insegurança ou imprecisão, entre os autores que tentam estabelecer os limites e diferenças, entre o Esporte e o Lazer, por um lado, e entre o jogo e lúdico, por outro.

HUIZINGA (1), caracteriza o jogo como sendo uma atividade livre, conscientemente tomada como não séria e exterior a vida habitual, apesar de ser capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É desligada de qualquer interesse material, com o qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites especiais e temporais próprios, guardando uma certa ordem e certas regras.

Este autor observa claramente as diferentes formas de manifestação do jogo, através da história do homem: jogos religiosos (rituais vedas); jogos de representação (teatro) e os jogos em grupos e individuais. As suas colocações sobre o jogo defendem e enfatizam a presença do lúdico. O lúdico pelo que podemos captar, é para ele a essência do jogo, é o centro do ato de jogar.

Ao recuperar a historicidade evolutiva do jogo, tal autor destaca que, à medida que a sociedade foi-se devolvendo, o elemento lúdico foi, gradualmente, passando para o plano secundário, sendo absorvido pela esfera do sagrado. O avanço do conhecimento, da filosofia e das diversas formas de vida jurídicas e políticas, segundo ele, ocultaram por detrás dos fenómenos culturais o elemento lúdico original.

Esta secundarização do lúdico fica mais explícita quando discute a questão do jogo e da competição, tal como todas as outras formas de jogo; a competição é geralmente desprovida de objetivo o que quer dizer que a ação começa e termina em si mesma"...

A concepção de que o jogo e a competição são um fim em si mesmo, de aparência coerente, parece equivocada e descontextualizada para os dias de hoje, na medida em que houve significativas mudanças, tanto na concepção de jogo como na de competição. Ignorar isto é o mesmo que não levar em conta o carácter condicionante e condicionado, tanto dos jogos como da competição no modo de produção vigente (2).

Na concepção de HUIZINGA, o jogo pressupõe prazer, atividade livre, consciente, exterior a vida habitual, coisa "não séria", enfim, uma atividade "boa" em si mesma, uma forma de higiene mental. Entretanto, não é esta forma de jogo que a história nos legou. Pelo contrário, o jogo e a competição atuam como meio nesta sociedade atual e visam, com prioridade, melhorar

o corpo, a condição social, o orgulho e a vaidade do prêmio e da diferenciação. E mais, pressupõe uma forma de poder, um meio de desviar, de deslocar conflitos, de alienar a massa humana.

Este autor, quando trata do Esporte, reconhece a descaracterização, a perda da "espontaneidade" do jogo e admite o Esporte como o resultado deste jogo, que de fim em si mesmo tornou um meio de si mesmo. Evidencia, ainda, que os grandes jogos de bolas, comuns no século XVIII, por exigirem equipes permanentes, constituíram o ponto de partida para o Esporte moderno. Esta sistematização e regulamentação cada vez maior do Esporte implicaria a perda de sua característica lúdica mais pura. Isto se manifestaria nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais; o espírito do profissional não é o espírito do lúdico, pois falta a espontaneidade, a despreocupação.

Podemos deduzir destas afirmações que o Esporte configurou-se como tal a partir do jogo e do lúdico. Isto ocorreu devido à crescente sistematização e organização da sociedade e consequentemente dos jogos; o Esporte, que normalmente é classificado como jogo, apresenta-se de tal grau organizado tecnicamente, que o verdadeiro espírito lúdico se encontra ameaçado de desaparecer.

A respeito ainda da origem do esporte, encontramos, indicações em TUBINO (3) de que esta origem em termos institucionais tenha se dado somente no início do século XX,

quando cita ULMANN, e coloca que o esporte teria seu início formal por THOMAS ARNOLD, em 1928, quando exercia a direção do colégio de Rugby, na Inglaterra. As percepções de ARNOLD são consideradas o início do esporte institucionalizado, do esporte popular.

ESPORTE: ESTUDO ENVOLVENTE

Muitos outros autores discutem a questão do Esporte. KORFF (4), analisa o Esporte à luz de uma visão psicanalítica e psicológica do senso comum, buscando um espaço para a perspectiva lúdica. Seu trabalho procurou entender para que, porque e como se pratica o Esporte que, em seu ponto de vista é um fruto originado da repressão sofrida pelos indivíduos, tanto a nível ontológico quanto filogenético, necessário à produção cultural e imanente à possibilidade de uma sociedade".

Segundo a autora, esta seria uma tentativa de situar o Esporte e demais realizações e valores supremos da civilização, como sendo da mesma natureza e ocupando o mesmo espaço, o da criação cultural. Para afirmar isto, ela baseia-se na perspectiva freudiana, isto é, nos mecanismos de sublimação dos impulsos sexuais e dos agressivos.

MANHAES (5) preocupou-se em entender o que vem a ser a política de Esportes no Brasil e, em suas conclusões, deixa claro que a estrutura clubística nacional, de ordenação linear e centralizada, é uma coletividade retificada e sem história, que não admite o conflito como forma legítima de convivência social.

Mas adiante é colocado que o conceito de Esporte identifica-se como o de manifestação nacional, ou mais precisamente, com o de cultura e de energia que, segundo ele, são a históricas e articuladas com a nacionalidade reificada.

A questão do Esporte, como percebemos, é complexa e os limites entre esta forma de manifestação popular e as demais, como o Lazer, o jogo e a Educação Física, não estão claros. Esta discussão tem apontado duas tendências entre os profissionais desta área do conhecimento. Uma que poderíamos chamar de tendência separativista e outra que não admite a separação entre estes fenômenos.

Os seguidores da primeira tendência, MANUEL SERGIO (6), OLIVEIRA (7) defendem a idéia de que a quase totalidade dos conteúdos veiculados pela Educação Física e Jogos, não lhes pertence, porque são conhecimentos técnicos estruturados e sistematizados dos diferentes esportes - Voleibol, Basquete, Natação etc. Segundo eles, o que a Educação Física sempre fez foi viver do empréstimo destes conteúdos e técnicas, sem a menor preocupação consigo mesma, enquanto área distinta do conhecimento.

Os que não admitem a separação, CARMO (8) e CASTELLANI (9), por sua vez, consideram tanto a Educação Física como o Esporte fenômenos culturais indissociáveis, tendo em vista a quase impossibilidade de historicizar um sem falar do outro, pois no fundo o que está em discussão é o movimento humano deste ser que

pensa, sente e age.

Em meio a esta situação contraditória, temos um grande contingente de profissionais "indefinido" quanto a sua posição, face a esta problemática. Esta "indefinição" que em essência é uma definição, acaba beneficiando aos separatistas e perpetuando a visão dual e técnica do movimento humano, as vezes fragmentando-o, as vezes desumanizando-o.

De forma sintética, pois não é nosso objetivo aprofundar esta discussão, podemos afirmar que o Esporte é o resultado evolutivo do jogo cuja essência é o lúdico. Esta evolução, por ser histórica, está condicionada ao modo de produção capitalista vigente. A descaracterização do princípio "espontâneo" do jogo pela crescente objetivação e sistematização das técnicas e regras, está intimamente ligada ao processo de "coisificação" do homem e de suas relações (10). A sistematização e objetivação dos jogos significou o surgimento do Esporte e o início do processo de degradação do lúdico.

Podemos afirmar que a partir da visão valorativa do Esporte, o lúdico, a "espontaneidade", o prazer, foram secundarizados, dando lugar a produção de outras necessidades, tais como: troféus, medalhas, status e sobretudo dinheiro.

Entretanto, duas definições nos remetem ao reconhecimento ou idéia do que vem a ser o esporte. Através da UNESCO (11) passamos a ter o esporte como "a atividade humana significativa que se manifesta e se concretiza na prática dos exercícios

físicos, mediante forma competitiva". Porém, para Parlebas (12) é "a situação motriz de competição institucionalizada", ou dito de outra forma, "é o conjunto de situações motrizes codificadas em forma de competição e com caráter institucional".

Pode ser pensado como um meio de educação, sempre que estiver estruturado e organizado em função das características de aula de Educação Física, em instituições de ensino, uma vez que trabalha intensamente os três canais de desenvolvimento do ser humano. O cognitivo, através da aprendizagem intelectual e se volta às atitudes do pensamento; ao canal motor, fazendo referência aos movimentos e às denominadas atitudes físicas e ao canal sócio-emocional ou afetivo, que busca centrar na aprendizagem de regras éticas e de convivência, que tornam possíveis os relacionamentos e estimulam a cooperação, o aprimoramento do caráter e as atitudes volitivas.

O Esporte da forma abstrata e indefinida como tem-se apresentado na sociedade, acaba servindo a interesses antagônicos. Além disso, pode-se verificar ainda que, de maneira geral, sua utilização abundante e compreensão caótica, servem para legitimar, no mercado, esta nova mercadoria de consumo, chamada Esporte.

Nesta forma amorfa e indefinida, o Esporte traz em si, a noção de poder (13). E esta noção é cada vez mais evidente, quanto este Esporte é transformado em mito e seus participantes em "semi-deuses". Este poder "mágico" de transformar homens em

"super-homens", em ídolos nacionais, ou até em valiosos tesouros. (a compra e venda de atletas no Brasil, tanto no mercado interno como no externo é tão disputada, que nossos jogadores de futebol já estão sendo considerados, com muito orgulho, tanto pela imprensa como pelos dirigentes e até mesmo pelos jogadores como "objetos de exportação".) Esta forma de transação, guardadas as devidas proporções, assemelha-se muito ao período escravagista, onde as propriedades móveis (homens) eram vendidas no mercado.

Nesta linha de raciocínio, o Esporte, ao gerar o individualismo, gera e torna natural a luta pela vida, apoiada no princípio de que o mais forte pode e deve devorar o mais fraco. Esta forma de triunfo é ainda recompensada com pompas e glórias.

Temos que concordar com MANOEL SERGIO (14), quando afirma que o pretenso a-politicismo e neutralismo dos valores burgueses prevalece o desporto contemporâneo. A célebre " Ode ao Desporto", de Pierre de Coubertin, pretende fazer da prática desportiva uma ilha de Paz, de Amor, de Felicidade, no meio de um mundo onde o povo continua pisando e esquecido. Mas importa ao sistema estabelecido que o povo aceite passivamente a sua condição de escravo e permita que manobrem os cordeirinhos de quem se enquistou no poder.

LAZER: GRANDEZA HUMANA

O lazer, entendido como um fenómeno típico da civilização atual, devido a sua complexidade, pode ser estudado de diferentes maneiras: poderíamos centrar a discussão, como fez DUMAZEDIER

(15), situando o lazer na perspectiva histórica e no seu contexto técnico, econômico e social, a fim de melhor conhecer as forças que agem ou podem vir a agir sobre ele ou por ele próprio; ou ainda seguir os passos de VALLE (16), que procurou, através de uma perspectiva histórica, definir o lazer tendo como base seu significado em cada época; ou ainda como FIORE (17), que demonstrou que é incorreto afirmar, de modo mecânico que ao aumento da produtividade corresponde, necessariamente, o aumento do tempo liberado, beneficiando por igual a todos os setores da população.

Também é incorreto afirmar que esse "tempo livre" transformar-se-a, necessariamente, em lazer, ou se reduzirá a uma totalidade abstrata que dilui as distinções entre natureza e as determinações particulares das diversas práticas sociais aí desenvolvidas (18). Além destas possibilidades de estudo do lazer, destacamos ainda outras tendências.

PEREIRA, em seu estudo "Perspectiva do tempo livre no Brasil", deixa claro que, segundo seu ponto de vista, a abertura e a efetiva expansão do tempo livre constituem uma necessidade, para que as forças motoras do desenvolvimento se liberem e se individualizem. A tendência, no sentido de ganhar e possuir mais, ainda que permaneça presente na vida humana, não evoluirá; ao contrário, terá de compartilhar cada vez mais com o lazer a atenção dos habitantes das grandes cidades.

OLIVEIRA (19), ao estudar os "Lazeres Manuais:

significado e abrangência", deixa claro que o conserto e a restauração de objetos: a culinária, a costura, o tricô, o crochê, o artesanato, a jardinagem, o cuidado com as hortas, plantas e flores - todas estas atividades e outras mais, têm lugar reservado na vida diária de nossa sociedade. Neste artigo é analisado ainda o significado dessas práticas dentro do "tempo livre", indagando também das mesmas, em relação às pessoas que a elas se dedicam, se o que as impõe de fato são as permanências da vida moderna ou puramente a satisfação que delas advém.

Em suas conclusões é evidenciado que, praticado opcional e voluntariamente, o lazer manual reabilita, como lazer que é, a dimensão culturalmente significativa da habilidade manual, constantemente discriminada, por preconceitos e ideologias sectaristas.

Mesmo considerando toda esta gama de possibilidades de estudos do lazer, alguns pontos são comuns em todas elas. Independente do enfoque, ou dos objetivos do estudo, nenhuma delas, quando se coloca o lazer na berlinda, pode desconsiderar as relações existentes entre este fenômeno e o trabalho, no modo de produção capitalista vigente (20). E é este o enfoque que pretendemos dar, ou seja, procuraremos tratar o fenômeno lazer, do ponto de vista de sua estreita ligação com a esfera produtiva, significando isto que, para seu entendimento, não podemos desconsiderar a divisão social do trabalho, pois esta se encarregou de, mais do que perpetuar a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, legitimar a divisão da forma de

utilização do tempo entre as classes sociais. Isto significa dizer que a existência do lazer depende da existência de determinadas condições objetivas.

Uma das condições essenciais é a existência do "tempo livre" ou do espaço reservado ao "não-trabalho". Isso implica dizer que a divisão social do trabalho, dentre outras coisas, possibilitou uma repartição desigual do tempo dedicado ao trabalho e ao tempo "liberado" do trabalho. Não podemos nos esquecer, também, que, com o advento da maquinaria, ao mesmo tempo que aumentou a produtividade do trabalho, diminuindo assim o tempo necessário para a produção de uma mercadoria, prolongou a jornada de trabalho dos trabalhadores.

Desta forma, o tempo dividido e regulamentado é mais uma mercadoria no processo de produção. Ele tem valor e por isso é desigual. Sendo desigual, seria ingenuidade acreditar que o tempo dedicado ao trabalho produtivo é igual para todos os membros da sociedade.

A realidade mostra, ainda, que a divisão social do trabalho dividiu, também, de forma desigual, os espaços e em consequência o tempo livre para o lazer. É necessário nesta forma de organização social, que uma grande maioria trabalhe, para que uma minoria possa ter acesso ao lazer, significando isto no fundo, que o lazer assume uma forma de trabalho. Ele assume esta forma, devido principalmente a seu aspecto produtivo, enquanto fenómeno orientado e disciplinado para o equilíbrio indispensável

à recuperação das forças perdidas no trabalho.

Esta dupla função do lazer, a de recuperação do trabalho alienado e, ao mesmo tempo, de preparação para este mesmo trabalho, explicita claramente o caráter contraditório e ideológico do lazer, que pela aparente função recuperadora de prazer, de alegria e liberdade, oculta sua "verdadeira" função de preparação para a produtividade, nesta sociedade hodierna.

Não podemos, contudo, conceber esta duplicidade de significado, sem levar em conta as formas como os homens, através da história, se relacionaram com o ócio e depois com o lazer, sob pena de correremos o risco de fazer uma análise abstrata da realidade e da história, pois esta ação contraditória de recuperar e preparar para o trabalho produtivo, não pode ser extensiva a todos os membros da sociedade. Enquanto para uns o lazer assume este duplo caráter, para outros o lazer significa ou identifica-se com o ócio da antiguidade. Isto é isenção verdadeira do trabalho. O lazer apresentado de forma universal e abstrato parece servir para todos, contudo apenas alguns podem se dar o direito de vivenciá-lo.

Segundo VALLE (21), a existência de uma classe absolutamente liberada das exigências do trabalho produtivo só se tornou possível pela existência de uma classe totalmente submetida a essas exigências, e a mais nenhuma outra. Neste contexto, se existe uma história do lazer escravo, ela perdeu-se sem chegar a ser contada. Pressume-se, porém, que não poderia ser

senão a história de uma resistência passiva e quotidiana às condições inumanas de vida a que esses homens estavam condenados.

Seguramente, se fizermos uma análise um pouco mais profunda da moral do trabalho defendida pela ideologia dominante, veremos que, desde a revolução burguesa, existe uma forte tendência à extinção das festas religiosas, populares e descansos semanais. A colocação do trabalho como "direito de todos", que aliás tem sido uma das reivindicações constantes dos trabalhadores, parece estar beneficiando mais aos interesses da classe dominante do que aos interesses dos trabalhadores, na medida em que eles não levam em conta no trabalho pretendido, nem sua forma alienante, nem que está se beneficiando de seu produto (22). O trabalho é visto apenas por uma de suas faces, qual seja, a de aparente gerador de riquezas.

A preguiça, o não fazer nada é tão combatido pelo capitalista como o demônio das diferentes religiões. Isto ocorre, sobretudo, por que ao dono do capital mais importante que o trabalhador é o produto de seu trabalho e quanto mais ele puder explorá-lo, mais aumentará seus lucros e consequentemente seu capital variável. Como falava Marx (23), o trabalhador, durante toda sua existência, nada mais é do que força de trabalho, que todo seu tempo disponível é por natureza e por lei tempo de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital. Fica claro que, para o capitalista, não tem sentido o tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher as funções sociais, para o convívio e livre exercício das forças

físicas.

Enfim, para dedicar-se ao lazer, mesmo na forma caricatural em que se apresenta na atual sociedade, o trabalhador encontra dificuldades. Apesar desta voracidade do capital em querer acumular cada vez mais, sem a mínima preocupação com a duração da vida da força de trabalho, importando apenas extrair o máximo desta força, ele, o capitalista, precisa manter viva esta força, pelo menos para explorá-la no dia seguinte.

Este pequeno "valor" que resta ao trabalhador, isto é, o de continuar existindo para a perpetuação da classe trabalhadora, não permite que esta voracidade do capitalista sugue do trabalhador até a sua última gota de sangue.

Sendo assim, as poucas horas de pausas permitidas é uma forma que o sistema possui para recuperar a força de trabalho extenuada. E como esperamos ter deixado claro, o Esporte num nível mais restrito, através de suas diferentes formas de manifestação - campeonatos regionais, nacionais e internacionais - como o lazer num nível mais genérico, tem procurado preencher estas poucas horas de pausas, visando muito mais atender aos interesses do sistema dominante, do que aos interesses e necessidades dos trabalhadores (24).

Esta visão por nós defendida não é comum e aceita por todos os profissionais que estudam ou atuam na área do Lazer. É assim que os estudos de MARCELINO (25), por exemplo, trazem

críticas a esta forma de conceber o Lazer. Segundo ele, os encontros e desencontros percebidos no tratamento da questão do "tempo livre", decorre de uma visão funcionalista do Lazer.

A análise dialética do Lazer, que possibilita explicitar a duplicidade do seu caráter, não se restringe na relação causal no tempo, apenas ao sentido da recuperação. Lembramos que este sentido não é o mais importante, pois é a aparência do fenômeno e mais "que uma função recuperadora". O Lazer em essência é preparador para o processo produtivo.

Uma outra questão importante levantada no trabalho de MARCELINO (1983), diz respeito a duas vertentes de pensamento apontadas pelo autor na realidade brasileira. Segundo ele existe uma vertente, baseada sobretudo na cultura da pobreza e na teoria da necessidade prioritária, concebendo o Lazer como algo a ser considerado apenas para as camadas sociais privilegiadas, que já satisfizeram suas necessidades básicas de saúde, alimentação e habitação; outra defende o estabelecimento de prioridades para o desenvolvimento, com concentração de recursos em áreas básicas que possibilitem impulsos em outras áreas, para que se atinja, assim o crescimento econômico.

Este autor demonstra a fragilidade destas suas linhas de pensamento, situando a primeira como sendo uma visão economicista e a segunda um grande equívoco, pois confunde desenvolvimento com crescimento econômico.

Analisando melhor estas tendências, não é difícil

encontrar um grande número de pessoas adeptas da teoria das "necessidades básicas", que coloca o lazer como luxo e, portanto, supérfluo, principalmente para a classe trabalhadora, que geralmente não tem suas "necessidades básicas asseguradas". Os que defendem esta linha de pensamento não conseguem perceber que o lazer é fruto do conhecimento produzido pela humanidade, através da história, e portanto, não pertence, ou não é direito apenas de uma classe social.

O fato de a classe trabalhadora não ter acesso ao Lazer, em toda sua plenitude, por não possuir as condições objetivas - habitação, salário, educação, saúde e etc - não implica que tenhamos que aguardar que esta situação caótica seja superada para, posteriormente, oportunizarmos à classe trabalhadora o acesso ao Lazer (26). É preciso considerar que se o Lazer consegue "preparar" na "recuperação", ele, também, consegue desencadear e explicitar contradições importantes que irão contribuir para a superação do atual quadro social.

Ocorrendo nas "horas do não-trabalho", mesmo tendo algumas características do trabalho alienado, na forma de organização, conteúdo e forma de utilização, esta manifestação social - Lazer - proporciona, mesmo que em pequeno grau, o contato com o divertimento, com a recreação, com o "não fazer nada". Esta forma de relação entre os homens que geralmente leva ao prazer é diametralmente oposta a forma hegemônica do trabalho alienado.

O Lazer, como já mencionamos, por se dar nos momentos de "descomprometimento" do homem na sua relação com os outros homens e com a natureza, está profundamente comprometido, não somente com a ordem vigente, mas aponta, na sua forma diferenciada de manifestação, possibilidade de superação deste estágio social. Neste sentido, o lazer constitui uma importante arma contra a ordem dominante estabelecida, na medida em que pode contribuir para a disseminação de uma "nova" forma de relação entre os homens, sem que, necessariamente, esta relação passe pelo processo produtivo.

Acreditamos que lutar para que haja uma equidade na distribuição do "tempo livre" entre os homens, para que estes possam escolher a melhor forma de ocupação deste espaço, é uma das possibilidades existentes para superar o processo de "coisificação" dos homens no modo de produção capitalista, pois o sistema não é suficientemente coerente e compacto, a ponto de controlar e dar conta de todas as contradições que o Lazer explicita nesta sociedade.

O ESPORTE E OS ALUNOS ESPORTISTAS

Para acabar de perfilar o conceito de esporte e constatar sua amplitude, sua classificação constitui um fator de grande importância. São muitas as classificações existentes, todas elas com certos critérios próprios e, na maioria dos casos, opostas, porém todas com finalidades de definir e situar os diferentes esportes em um marco de referência.

Matveiev utiliza um critério baseado no tipo de esforço físico requerido em cada esporte, apresentando-os como esportes acíclicos, esportes com predomínio da resistência e esporte de equipe, que não iremos discutir por não ser nosso objeto de estudo. A referência de Parlebás se prende a qualquer situação motriz como um sistema de interação global entre o indivíduo que se move, o meio externo e os outros participantes. Utiliza-se da "incerteza", um fator que pode estar presente ou não, mas que comporta uma modificação da estrutura da atividade.

Os critérios básicos desta classificação assentam-se sobre a utilização de três fatores relacionados com a incerteza: o meio, o comportamento e o adversário (27). Desta combinação derivam oito categorias, das quais ressaltamos que, aquelas em que se atua sem companheiro são tidas como situações psicomotoras e aqueles em que se atua com companheiro ou adversário são as situações sociomotoras.

Outro estudioso que busca classificar, o esporte, prendendo-se nas pesquisas de Dumazedier e Cagical, é CRATTY (28) que assim apresenta sua visão: o esporte pode ser compreendido como esporte de práxis e de espetáculo. A feição da práxis é constituída das condições utilitária, recreativa e educativa e a feição do espetáculo tem a vertente da competição como sua representante. Pela configuração apresentada, é de nosso interesse a feição educativa, se abrancharmos esta classificação.

O esporte pode ser considerado como um meio de educação,

sempre e quando estiver pensado, estruturado e organizado em função das características da Educação Física e do ambiente escolar, onde estiver sendo praticado. É uma das estratégias de que dispõem a Educação Física para poder proporcionar ao indivíduo uma formação integral, de modo a incidir sobre três canais educativos: cognitivo, psicomotor e socio-emocional ou afetivo.

Em definitivo, acreditamos que o esporte possua um profundo valor educativo, e mediante a educação pretendemos que se alcance o desenvolvimento individual, a adaptação ao meio em que se vive e a interação social.

Na atualidade, os valores educativos do esporte são aceitos majoritariamente, apesar de receberem muitas críticas pelo uso excessivo das competições que os transformam em um feito seletivo e restrito. A competição, como veremos mais adiante, também deve reunir valores educativos e ser participativa.

Acreditamos que a competição não deva degenerar num fim em si mesma; caberia a perspectiva de um meio de motivação, uma estimulação, para a superação de si mesmo (29). Podemos entendê-la como um elemento integrante do esporte, apesar dos cuidados físico-biológicos e psico-pedagógicos.

O esporte escolar diz respeito a todas aquelas atividades físico-desportivas realizadas e organizadas pelos centros de ensino, fora dos horários regulares de aula, compondo as turmas de treinamento. Há, diante do esporte escolar, uma notável

oposição entre as correntes humanistas e desportivas.

As correntes humanistas consideram que os esportes escolares não são bons ou maus; o contexto vai determinar seu caráter. Toleram as fantasias, não se preocupam com a estrita correção, técnica, potencializam o lúdico e possibilitam a transferência de uma atividade para outra (30). Por sua vez o esporte escolar com concepção desportiva recebe uma dinâmica de trabalho voltada à pedagogia diretiva, preocupando-se com o "gesto eficaz", busca a especialização rápida e tem como objetivo final o triunfo.

Quando se formula o problema da iniciação, a primeira pergunta que aparece consiste em determinar para que idade se deve empregar a prática esportiva, entendida como está. Apresentado uma atividade individualizada ou coletiva, que comporta competição e se submete a regras específicas.

E Piaget (31) quem nos adverte sobre o comportamento coletivo infantil e a brusca troca que se observa: há o início de uma atenção analítica, começo de um aumento significativo da coordenação e da percepção, diminuição do processo de crescimento intenso e acordo relativo às regras comuns do jogo.

Se analisarmos a realidade do esporte e procurarmos liberá-la de toda sua implicação sócio-cultural, comprovaremos que, em suas origens, sua essência serão jogo, diante de uma perspectiva do esporte-educação e não do esporte espetáculo ou de elite. O jogo é uma atividade que gera prazer e que, como meio

educativo, desenvolve certos aspectos da personalidade da criança, tais como a dimensão motora, dimensão cognitiva e o nível afetivo.

E inegável que o esporte entrou na vida da escola moderna e constitui um fenômeno social que interfere com o nosso cotidiano de forma efetiva, revestindo-se de uma certa força cujo impacto determina para o homem comum uma vasta gama de influências que, na maioria das vezes, não se tornam conscientes ou não são entendidas com clareza.

Entender o esporte, na sua globalidade, é um ato necessário a qualquer ser humano deste fim de século, visto que lhe será imputada, pelas gerações do futuro, a responsabilidade pelos valores que neste campo for capaz de transmitir aos mais jovens (32). E pelas omissões que tiver cometido, também.

Precisa-se conhecer o esporte; temos que compreender o fenômeno esportivo e perceber a importância social da prática esportiva, além de vislumbrar e reconhecer o seu alcance cultural. Não acreditamos que todos devam conhecer tudo do esporte; pensamos, sim, que é importante entender o papel do esporte na vida moderna.

Se não for assim, como será possível aconselhar os nossos filhos a fazer esporte se não soubermos qual a contribuição recebida pelo nosso organismo? Ou para o desenvolvimento de nossa personalidade? Acreditamos que nosso estudo esteja salientando os principais aspectos do esporte, as suas implicações com a vida

moderna, de modo a proporcionar uma visão mais coerente com o significado que lhe é atribuído por práticos e teóricos e uma melhor compreensão de quando chega ao nosso conhecimento sob rótulos que escondem muitas vezes fatos que nada têm de esporte.

A atividade do professor de Educação Física leva-o a valorizar, com muito cuidado, duas das componentes do treino esportivo, ainda que dentro da escola: a componente física e a componente psicológica (33). Sempre nos preocupamos com a reação dos participantes do esforço físico, com o comportamento dos alunos, na aula e na competição, e com sua conduta no quadro social das relações esportivas.

Ensinar coisas novas, fazer treinar as técnicas e os sistemas táticos, não constituem problemas muitos difíceis de resolver na atividade do professor. Difícil é conseguir que os alunos se ajustem a novas situações e a novas exigências de preparação, com a devida percepção sobre o equilíbrio entre as ações individuais e as coletivas. Difícil é promover transformações nas atitudes.

Acreditamos que a solução para cada caso esteja sempre na comunicação estabelecida entre professor e aluno. Desta forma, daremos a devida valorização a cada uma das opiniões e experiências de vida apresentadas.

CONTRADIÇÃO: JUSTIFICAR OU EXPLICITAR

Ao entendermos o esporte, em sua feição escolar, como uma atividade que valoriza socialmente o homem, estamos entendendo que ele proporcionará uma melhora da sua auto-imagem. Será uma valorização que se dará, antes de mais nada, no foro íntimo do próprio indivíduo.

Aprender uma modalidade constitui, a nosso ver, uma das mais significativas experiências que o ser humano pode viver com seu próprio corpo. Essa aprendizagem pode ser feita em qualquer idade, mas a experiência vivida assume particularidades que determinam seu êxito resultante na medida em que são vencidas as dificuldades, que não são criadas apenas pelo próprio corpo, mas sim, pelas exigências do projeto assumido pelo indivíduo, ou sugerido ou imposto por outros.

Saber executar uma determinada gesticulação, de uma determinada modalidade, representa uma experiência corporal vivida, elaborada e dominada pelo próprio indivíduo, mas não é ainda esporte ...

Treinar uma modalidade representa uma experiência diferente do saber executar a modalidade, uma vez que se trata de dar aplicação a um saber elaborado, a uma capacidade desenvolvida com objetivos de eficácia, ou seja, de adquirir outros níveis de capacidade para melhorar o tempo de execução, a forma e a quantia.

Entrar numa competição implica uma experiência corporal que só seria possível realizar, viver, no ato concreto e formal da competição. O atleta sabe que vai ter de se empenhar num esforço de tudo ou nada para obter o melhor resultado possível, desconhecendo os momentos difíceis desse esforço e os obstáculos que vai ter de vencer (34).

Mesmo antes de iniciar a sua prova, o atleta interroga-se quanto a sua própria situação ... começada a prova, já em pleno esforço, é o próprio corpo que "segreda" ao esportista qual sua performance. Mas este impõe a sua vontade numa luta contra a reclamação do corpo e concentra-se no objetivo a alcançar, superando as suas capacidades para atingir o fim.

A situação não se repete de competição para competição e em cada uma delas o atleta vive uma experiência que renova sua personalidade e que o conscientiza quanto à sua capacidade global pois que não é apenas o seu próprio corpo que participa na competição mas sim todo ele como homem integral.

Uma das diferenças mais significativas entre a atividade esportiva escolar e qualquer outra atividade social reside sem dúvida no seguinte: na atividade esportiva procura-se uma dificuldade com o objetivo de a vencer, enquanto que nas outras atividades sociais procura-se evitar e eliminar as dificuldades.

Em esporte, até mesmo no escolar, tudo o que o homem inventa tem uma finalidade imediata: aumentar a dificuldade. Em qualquer outra atividade, no trabalho por exemplo, todas as

invenções do homem têm por objetivo fazer diminuir as dificuldades a vencer, para que se atinja determinada meta ou se realize uma certa tarefa, no que estamos concordes com os pensadores (35), visto que as regras com as quais se trabalha em competições, mesmo as escolares, são incrementadas ao passar dos tempos, visando as dificuldades dos novos participantes.

O atleta tem de se confrontar com distâncias a percorrer, alturas a transpor e adversários a superar. Sem oposição e sem dificuldades crescentes a atividade esportiva perde seu conteúdo, anulando-se na sua essência, desarmando o seu próprio motor. Com efeito, esse empenho é condição indispensável para que o indivíduo alcance êxito, pessoal e possível face ao quadro das exigências a satisfazer e a superar, como se a meta fosse transpor sempre a meta maior, que é a inatingível ... ainda.

Um atleta, ainda que escolar, que atua numa competição aquém dos seus limites de momento, falseia a essência da atividade esportiva e, quando isto acontece, a sua prestação não é mais do que uma exibição, do que uma demonstração ou uma repetição desprovida da tensão que caracteriza o fenómeno esportivo.

Sem esta condição a competição esportiva escolar não tem sentido. Um campeão não pode superar todo dia a sua melhor marca; é natural que assim seja, mas tem o dever ético de dar o seu máximo. Isto demonstrará o quanto de respeito se tem pelo adversário, por si próprio e pela modalidade. Entretanto, fazer o

máximo é a atividade que dá valor qualitativo ao ato esportivo escolar, ao empenho individual e aos resultados obtidos pelos adversários.

A competição, essência do esporte, é no fundo uma comparação de valor e de capacidade entre indivíduos, promovida num quadro codificado e regulamentado especificamente humano, realizada sob a forma de luta, originando um estado de tensão interindividual e intergrupai, que afeta comportamentos e condutas (36); exigindo uma ordem estabelecida e assegurada por arbitragem e visando uma afirmação de superioridade de um indivíduo ou de um grupo em relação a outros, que procuram igualmente essa afirmação, a qual se traduz na vitória sobre o adversário.

E a competição efetivamente organizada, realizada com ordem, disciplina, controle, cerimonial, arbitragem, aferição, atribuição de pontos, etc., que dá vida à essência competitiva do esporte, incluindo o escolar, em especial porque alguns professores de Educação Física insistem em acreditar que a ordem, a disciplina e a organização são os objetivos principais da Educação Física Escolar. Para estes, o conteúdo programático é um mero caminho para o "ensino de obediência e vitória" (37). Acredita-se que o esporte tenha de ser entendido na perspectiva da competição, pois que se trata de determinar, com o maior rigor possível, uma "hierarquia de valores" entre os participantes, seja pela ordem de chegada, seja por pontuação conseguida.

A competição esportiva escolar não é uma luta entre inimigos; a competição é uma operação social que consiste em fazer um vencedor, no conjunto de confrontações físicas e morais. A superioridade do vencedor é, com efeito, posta em causa pelos vencidos que têm a chance da surpresa na desforra. E este dinamismo que dá à competição esportiva escolar um significado humano social frequentemente esquecido ou alienado em prol de outros interesses.

Estimular e apoiar, de todas as formas, a participação das crianças na prática esportiva escolar e nas competições onde acontece a mais profunda seletividade é uma medida acertada? Defender a organização de atividades esportivas fora da escola será o mesmo que defender o seu desenvolvimento equilibrado, integral, que favoreça a formação da personalidade?

Acreditamos que o esporte, em todas suas nuances, seja vivência e contato direto com a realidade do próprio indivíduo, ou com a realidade dos outros e até com o meio social. Concordamos com seu propósito de catalizar o compromisso de cada um numa ação que será social e comunitária, no entanto, é necessário que ele se enquadre em objetivos educativos e formativos que dignifiquem mais o homem.

Necessário se faz entendê-lo no contexto histórico-social, cultural e político, da sociedade que o engloba, que o suporta e que o determina em seus fins. Pensamos que, apenas assim, poderemos vir a responder questões tais como: que tipo de

esporte escolar está chamando nossas crianças? Será aquele que, após analisá-las, coloca-as na rua e as elimina pela falta de habilidade ou conhecimento da modalidade?

Desagradavelmente, a visão de esporte escolar que podemos constatar, em nossos meios educacionais, é do esporte dos adultos; aquele dos recordes, dos campeões, dos adversários, dos conflitos, dos astros e mitos, e de outras situações negativas. E por este esquema de ensino que passa a grande maioria de alunos de nossas escolas.

Entendemos que, no ambiente educacional por excelência, como se pretende da escola, a razão deva ser outra, de um outro tipo de esporte, um esporte-educação. Há outras formas de trabalho que possibilitam a integração social e não a exclusão, onde a confrontação com os outros não seja conflitante nem se fortaleça por trás da humilhação. É viável de se adotar atividades que sejam educativas e formativas, sem perder de vista as referências sociais concretas que motivam as atividades desportivas.

Notas

- (1) Johanes HUIZINGA, Homo Ludens, p. 16.
- (2) Jean CHATEAU, O jogo e a criança, p. 29.
- (3) Manoel José Gomes TUBINO, Teoria Geral do Esporte, p. 8.
- (4) Gilda KORFF, Esporte e Poder, p. 81-82.

- (5) Eduardo Dias MANHAES, Política de Esportes no Brasil, p. 18-20.
- (6) Manoel José Gomes TUBINO, Op. cit., p. 69-70.
- (7) Guilmar J.M. OLIVEIRA, Educação Física e o Ensino de 1o. grau: uma abordagem crítica, 1988.
- (8) Apolônio A. CARMO, Educação Física e a nova lei de Diretrizes e Bases, in: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, p. 18.
- (9) Lino CASTELLANI FILHO, Diretrizes Gerais para o ensino de 2o. grau, p. 56.
- (10) Helene GUAY, La culture sportive, p. 49.
- (11) ONU/UNESCO, Correio da Unesco, 7, p. 22.
- (12) Pierre PARLEBAS, Perspectivas para uma educação física moderna, p. 26-27.
- (13) Gilda KORFF, Op. cit., p. 76.
- (14) Manoel SERGIO, A prática e a educação física, p. 114.
- (15) Jofre DUMAZEDIER, Lazer e Cultura Popular, P. 50.
- (16) Lilian de Aragão Bastos do VALLE, Lazer: senso comum, perspectiva histórica e tentativa de definição, p. 15.
- (17) Maria Heloisa de FIORE, Algumas reflexões sobre a questão do tempo livre, in: Boletim de Intercâmbio/SESC, p. 9-11.

- (18) Hélene GUAY, Op. cit., p. 61-62.
- (19) Paulo de Salles OLIVEIRA, Lazeres Manuais: significado e abrangência, in: Boletim de Intercâmbio/SESC, p. 19-20.
- (20) IBIDEM, Op. cit., p. 73.
- (21) Lilian de Aragão Bastos do VALLE, Op. cit., p. 27-29.
- (22) IBIDEM, Op. cit., p. 36.
- (23) KARL MARX, Críticas à Escola e à Educação, p. 83-84.
- (24) IBIDEM, Op. cit., p. 51.
- (25) Nelson C. MARCELINO, Lazer e Humanização, p. 30.
- (26) Karl MARX, Op. cit., p. 83.
- (27) Daniel GOULD, Psychosocial Development and children's Sport, p. 73.
- (28) Bryant J. CRATTY, Psychologie et Activité Physique, p. 106-107.
- (29) Maurice VALLE, Sport et l'idéologie, p. 88-89.
- (30) Teotônio LIMA, Competição para Jovens, p. 51.
- (31) Jean PIAGET, La image mentale chez l'enfant, p. 74.
- (32) Maurice VALLE, Op. cit., p. 21.
- (33) IBIDEM, Op. cit., p. 36.

(34) Bryant J. CRATTY, Op. cit., p. 90-92.

(35) Hélène GUAY, Op. cit., p. 72 e Maurice VALLE, Op. cit., p. 23.

(36) IBIDEM, Op. cit., p. 38.

(37) Maurice VALLE, Op. cit., p. 21.

PARTE IV
COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Que é um jogo efetivamente,
sendo uma atividade cuja origem
primordial é o homem, cujos
princípios são estabelecidos pelo
próprio homem e cujas consequências
têm de estar de acordo com os
princípios estabelecidos?

(Jean Chateau)

COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Após as reflexões iniciais sobre Jogo, Esporte e Lazer, veremos agora como a literatura tem trabalhado a Competição Esportiva Escolar, em suas múltiplas dimensões.

O tema, embora muito discutido, sujeito a várias opiniões, carece de trabalhos e publicações que evidenciem a existência de pesquisas exaustivas a respeito do assunto. Existem diferentes abordagens privilegiando aspectos frequentemente considerados: tais como os níveis psicológico e fisiológico, como também os traumatismos. Em linhas gerais, os autores se posicionam sobre o assunto a nível superficial.

Tratando do tema, em dimensão psicológica, Rosadas (1) aprofunda seu trabalho, indo além dos simples conceitos de estímulo-resposta. Com a evolução do treinamento, a Psicologia passou a integrar-se ao bloco das ciências envolvidas na preparação de atletas, visando a busca de melhores resultados.

Muito embora de forma ultrapassada, pois, para o autor, Psicologia tem um valor maior, ou seja, de formação integral de seres humanos.

EXPOSIÇÃO DE IDEIAS BASICAS

Questão importante citada pelo autor é a situação psicológica, definida como uma configuração específica vivida pelo indivíduo em determinado momento. Baseando-se nestes conceitos, o autor faz algumas afirmações, abordando os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, relacionando a atividade física como instrumento educativo, apontando e justificando os aspectos negativos, provenientes do treinamento precoce.

Rosadas caracteriza a prática esportiva como uma atividade de aprendizagem que pode ter dois objetivos: performance e educação. Considera que a mera experiência motriz, tal como a intelectual ou afetiva, por si só não educa, apenas treina, acresce a complexidade do espaço de vida, mas não enriquece, nem desenvolve. Isto pode ser real para os atletas, mas é ameaçadoramente verdadeiro para a condição natural de qualquer educando comum.

Segundo o autor, a ação do educador não deverá ser no aspecto técnico do ensino e sim proporcionar ao educando a possibilidade de se relacionar com um novo meio, tendo como fim deste processo a preparação de movimentos que virão a ser úteis em quaisquer atividades, no desenvolvimento de sua segurança e

do incentivo à criatividade.

A prática esportiva educacional só valerá a partir de quando oferecer ao eu a possibilidade de um novo espaço de movimento livre, integrado ao seu espaço de vida. Tal prática poderá estar presente neste processo, desde que se aproxime ao máximo do jogo, e consequentemente se afaste do treinamento, considerando, em todos momentos, as particularidades de cada faixa etária.

Concluindo seu trabalho, ele afirma que o treinamento só se acentuará na formação de uma criança, a partir do momento que existir uma base. Esta base é a chamada maturidade sensório-motriz, que, no processo de desenvolvimento da criança surgirá na terceira infância. Sendo assim, todo treinamento realizado com crianças antes da terceira infância é prejudicial à sua formação. Neste texto não foi delimitado o tema com relação a alguma modalidade esportiva: o autor teve preocupação generalizada com relação ao treinamento, apenas limitando o texto à abordagem psicológica.

Lima (02) tem como base o esporte em Portugal, onde foi analisada a participação infantil e juvenil no desporto nacional, envolvendo crianças na faixa etária de 10 a 15 anos. Dois aspectos foram relevantes para esta análise: plano organizacional e plano do enquadramento humano.

A nível de organicidade, foi observado que os campeonatos portugueses são organizados da mesma forma, independentemente da

idade, as formulas de disputas são classificatórias e eliminatórias, evidenciando assim uma igualdade entre praticantes de idades e fases de vida totalmente diferentes, igualando a criança com os adultos.

Com respeito ao enquadramento humano, também existe uma igualdade de tratamento, pois as relações entre jogadores-dirigente, jogador-técnico, jogador-massagista, jogador-árbitro, etc., são as mesmas de um jogador da categoria infantil e de um jogador da categoria adulto. O autor afirma que o mesmo ambiente está presente em competições que envolvem crianças e adultos, o que acreditamos ser problemático, pela própria diferença de desenvolvimento de cada grupo, em particular.

Esses problemas iniciais apontados no texto não significam que o esporte para jovens não deva ser sério. Esta seriedade está presente: a atividade desportiva para criança é feita a sério, quando se tomam como objetivos o prazer pela prática e a atividade educativa como um fim de desenvolvimento integral da criança.

ALEGRIA DE DESCOBRIR LIMITES

Em todo mundo existe preocupação com propostas alternativas para o trabalho de atividade desportiva para jovens. Na verdade, as crianças e os jovens merecem uma atividade desportiva a sério, fundamentada, orientada e dirigida corretamente nas suas práticas de aprendizagem de iniciação e de competição.

Evoluindo em seu tema, o autor direciona a discussão para as competições no desporto infantil. Na divisão de categorias, o infantil limita a idade de seus participantes entre 07 e 13 anos, o que significa que sob o ponto de vista do desenvolvimento humano envolve 2a. e 3a. infâncias.

Segundo Lima, a competição pode estar presente nesta faixa etária, pois, para ele, a competição, para as crianças que fazem desporto, é vista como um ato de afirmação de competência, de capacidade e não como um ato de afirmação de superioridade sobre as outras crianças. Tal como acontece no desporto que é feito pelos adultos, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores.

Somos de pensamento que o desporto infantil não precisa ser orientado para se fazer campeões, pois este é o objetivo das competições para os adultos. Obrigar a criança a ser campeão é a mesma coisa que obrigar a criança a trabalhar numa fábrica e exigir-lhe rendimento; muitos torneios e jogos oferecerão maiores possibilidades e oportunidades de sucesso (03). Proporcionar ao praticante um leque amplo de atividades diversificadas em que o jogo e a exercitação sejam realizados de forma a não prejudicar os períodos de crescimento, isto é, sem solicitação excessiva das fontes de energia que suportam esse crescimento, possibilitará um desenvolvimento equilibrado.

Um programa rico em pequenas competições de curta duração, de ligeiro formalismo, que favoreça à criança um clima

facilitador da demonstração da aprendizagem conseguida em períodos de curtas atividades e que podem assumir as características de jogo-treino, torneios amigáveis, torneios por convite, provas combinadas, será suficiente para motivar e colocar em atividade o grupo de aprendizes.

Com relação às competições no desporto juvenil, que envolvem jovens de 13 a 15 anos, o autor (14) traz propostas de forma tal que nesta faixa de idade, a prática desportiva, seja orientada de modo muito semelhante ao desporto infantil. A preparação, agora, caracterizar-se-á como uma orientação desportiva mais sistematizada, em que o treino seja um processo pedagógico de desenvolvimento e em que as competições sejam ainda em grande número, mas sem introduzir a "carga negativa" da competição dos adultos.

Para Lima, a criança pode competir, desde que ela mesma estabeleça suas regras e seus limites. Desta forma, as competições das crianças estarão sendo diferenciadas das competições dos adultos. Cabe ao professor fornecer conteúdos para elaboração desta competição. Só assim, a prática desportiva poderá atuar como um meio de desenvolvimento da criança.

Outro texto (15) que trata da competição precoce, aborda o treino desportivo com crianças e jovens analisando alguns pressupostos do rendimento desportivo das crianças e jovens. Estes pressupostos foram divididos em quatro grupos. Num primeiro grupo o de Capacidades Psico-motoras ou Coordenativas, temos o resultado de processos de aprendizagem motora e comando sensório

motor. As ações motoras, as habilidades motoras e as técnicas desportivas são o resultado de processos de aprendizagem sensório-motora. A idade de 09 a 12 anos é considerada por grande parte dos autores que tratam do assunto como sendo a idade ideal para esta aprendizagem. Tal fato é decorrência da função da criança ter pouca idade, os pressupostos estruturais do sistema nervoso central, para o desenvolvimento das capacidades psicomotoras, além de determinados pressupostos de aprendizagem, são só eficientes até o início da puberdade.

O segundo grupo, de Capacidade Afetivo-cognitiva também se atinge na idade de 09 a 12 anos. Segundo o autor, a criança mostra excepcionais qualidades de vontade e pode concentrar-se longamente em tarefas que lhe despertam interesse, principalmente se busca nelas relações de causa e efeito.

JÁ o terceiro grupo, o que analisa os Componentes Psico-dinâmicos baseia-se além das capacidades psicomotoras e cognitivas, nos impulsos de aprendizagem, que são formas jogadas de exploração e experimentação ajustadas no processo de maturação e utilizadas pela criança no sentido de experimentar as suas capacidades e exercitar os elementos do seu comportamento motor. Um pressuposto para se obter boa capacidade psicomotora é a variação de exercícios de aprendizagem oferecida para crianças desde cedo.

Finalizando, o grupo quatro estuda as Capacidades Condicionantes: neste grupo de pressupostos, o autor trabalha com algumas das qualidades físicas básicas; discute em uma dimensão

fisiológica adaptada à faixa etária, os seguintes elementos: resistência, força, velocidade e flexibilidade.

Para Lima (16), o modelo ideal de trabalho desportivo com crianças e jovens deve ter uma característica, desde a iniciação até o alto-nível; necessita apresentar processo unitário a longo prazo, que evolui segundo os princípios do desenvolvimento do rendimento desportivo neste período. Três etapas deverão anteceder a especialização com vista à obtenção do melhor rendimento.

Na primeira etapa, compreendendo crianças com idade de 06 a 09 anos, cujo objetivo de trabalho será o desenvolvimento das capacidades coordenativas, utilizando formas jogadas, as atividades serão muito livres e possibilitarão uma organização motora futura. A segunda etapa agrupará crianças com idade de 09 a 13 anos; objetivos mais específicos serão perseguidos, de forma a introduzir a modalidade específica: a aprendizagem das técnicas de base da modalidade escolhida; exercícios especiais para o desenvolvimento das capacidades que influem na dinâmica da técnica; prática de outra modalidade e início da atividade competitiva.

De 13 a 17 anos, estaremos na terceira etapa e buscaremos objetivos que permitirão a atividade competitiva regular, continuação do desenvolvimento das capacidades motoras e aumento progressivo da carga e aperfeiçoamento e estabilização das técnicas.

Para os adeptos desta teoria não existe problema no treinamento com crianças e jovens, desde que haja um respeito pelas fases que compõem o treinamento. No entanto, um problema citado no texto é que, tanto em Portugal, como no Brasil, não existe Educação Física de 1a. a 4a. séries. Sendo assim, este processo de treinamento descrito anteriormente fica prejudicado e retardado.

Considerando que fora apresentado um modelo para o treinamento com adolescentes, quanto mais tarde se iniciar o treino, mais tarde o atleta chegará à especialização. Além deste problema cronológico, existe também o desrespeito pelas fases sensíveis à aprendizagem, prejudicando ainda mais a formação de um atleta.

Existem, ainda, outros aspectos que estão presentes no treinamento com crianças e jovens; iniciaremos com a participação dos pais. É muito importante em todo processo, pois poderão atuar como agente motivador, incentivando e valorizando a prática esportiva para seus filhos, mas também poderão atuar como agente desmotivador e influenciar negativamente este processo, não valorizando a atividade e, conseqüentemente não incentivando seus filhos para a prática (7).

A função do professor é fundamental no treinamento, pois além de planejar e executar propriamente todo o trabalho, coloca-se entre a criança e o desporto, cabendo-lhe toda a responsabilidade pedagógica formativa da criança.

Outro aspecto enunciado para trabalho com crianças e jovens é o prazer como um elemento do treinamento, pois a ausência deste elemento poderá causar prejuízos ao desenvolvimento organizacional e, conseqüentemente, um menor rendimento (18). Sabe-se que os treinamentos com crianças e jovens não devem ser confundidos com aqueles de alta competição e, sim, como um caminho que poderá conduzi-los a ela, evidentemente respeitando todas as fases do desenvolvimento, crescimento e da formação do educando.

Fiorese (9) trabalha a questão do desenvolvimento motor, direcionando a discussão no que se refere a algumas das qualidades físicas: velocidade, força e resistência orgânica. Posteriormente, são abordados os efeitos do treinamento precoce em níveis físico, psicológico e fisiológico.

A autora observa que a idade ideal para adquirir habilidades corporais é dos 06 aos 12 anos e que as atividades devem ter um caráter global de formação, objetivando aumentar um manancial motor. Precisam ser propostas de forma livre e como jogo, buscar ser evitadas as tentativas de se desenvolver o potencial atlético da criança, precocemente.

O treinamento de força permanecerá evitado antes dos 10 anos, podendo ser aplicado entre 15 a 25 anos; no trabalho de resistência orgânica, a capacidade de rendimento ocorre entre 07 e 10 anos, sendo que a resistência orgânica aeróbica é a mais indicada: por fim, a velocidade, muito embora tendo início aos 05 e 06 anos, em função da pré disposição biológica deste período de

crescimento, terá rendimento favorecido somente entre 10 e 14 anos".

A Revista Boa Forma (10) publicou artigos relativos ao problema do "treinamento precoce": Carazzato aborda o tema, alertando para os perigos do treinamento precoce, na direção do desenvolvimento global da criança. Seu trabalho, sugere uma caracterização de cada faixa etária, sendo que para este trabalho interessa a escala de 6 a 12 e 12 a 18 anos: de 6 a 12 anos, temos a fase mais intensa do crescimento, com início da definição muscular e intensificação do potencial psíquico e mental. Noções básicas de ginástica olímpica, atletismo e natação, principalmente no final da fase, são mais indicados, e entre 12 e 18 anos, será a hora do jovem intensificar a prática esportiva, inclusive em nível competitivo.

Este estudo afirma que não se deve ter pressa para o início do treinamento. Segundo Carazzato, até 12 anos a proposta deve ser o máximo possível recreativa, objetivando oferecer maior experiência motora, com o que concordamos. Outro artigo escrito por Matsudo e publicado nesta mesma revista, tem como título "O Mapa do Talento". O trabalho revela estudos que tem por objetivo detectar um potencial para ser desenvolvido com maiores possibilidades de acerto. Matsudo resvala no perigoso terreno da indução ao treinamento precoce, o que não será objeto de estudo para esta pesquisa.

COMPETIÇÃO IDEAL - COMPETIÇÃO REAL

Abordando o tema da participação de criança nos esportes competitivos em dimensão biológica e psico-social (11), P. Seurin elaborou um artigo revelando que 75% dos jovens ginastas sofriam não só de problemas lombares, de frequentes traumatismos ao nível das epífises, e das superfícies articulares, mas também prejuízo de ligamentos e tendões. Considerando o aspecto psico-social, o autor elaborou algumas questões, na esperança de que um dia, algum cientista da área, através de estudos, possa elucidar respostas para uma melhor participação da criança na vida esportiva.

Perguntas tais como: "Qual é a reação da criança perdedora?" e "O rígido esquema de treinamento que a competição exige não significa infringir os "Direitos da criança"?" oferecem ao autor conclusões tais que, com relação à competição com crianças, aspectos negativos são maiores que os aspectos positivos, condenando à prática precoce, e propondo uma idade limite (18 anos) para participação de provas nacional e internacional.

Buscar ser o melhor, o campeão, é uma tendência humana primitiva, baseada na luta inicial pela sobrevivência e posteriormente pelas rivalidades económicas desta tendência, acredita-se, surge o esporte competição e ocorre a busca e a exploração sistemática do adolescente e da criança dotada (12). Sucede daí, uma seleção precoce de dons naturais, a iniciação prematura de treinamento especializado. Em alguns esportes, onde

a adaptação orgânica e as faculdades de aprendizagem motora desempenham papel importante, dá-se o aparecimento de Escolas Especializadas, em que crianças de 06 anos até são submetidas à treinamentos diários.

O sucesso momentâneo não pode ser uma segurança para o futuro. A criança ganha no momento, por ser maior, mais pesada ... vantagens que podem diminuir ou mesmo desaparecer com a maturidade biológica. Questionamos, ainda, o estado de espírito de um jovem de 18/20 anos, que já deixou para trás seu período de glória no campo esportivo.

Em sua conclusão, Seurin (13) solicita prudência aos educadores, sugerindo moderações no treinamento e competições com crianças e comenta que o esporte de vedetes, interessa a uma minoria de indivíduos, e ainda propõe um esporte ao alcance de todos.

O problema da competição prematura também foi motivo do artigo escrito por Markus Nahas, tendo como tema "A competição e a criança" (14). O trabalho aborda a atividade física relacionada com o crescimento, desenvolvimento e a saúde da criança.

Em situações normais, o desenvolvimento humano é um processo harmonioso envolvendo as áreas física, psíquica e social. Deve-se educar a criança e o jovem de forma integral, proporcionando através da atividade física orientada, um favorecimento à realização social e à integração social. Segundo

Nahas, as atividades físicas realizadas pelo indivíduo, influenciam o desenvolvimento do ponto de vista morfo-funcional e psíquico do organismo.

Para iniciação desportiva especializada, é necessário que a criança, a nível de competições formais, atinja um desenvolvimento psicomotor que a coloque em condições de desempenhar as funções necessárias para a situação proposta, tais como: um grau de intelectualidade para compreender, e também maturação psicológica para o momento de glória e frustrações que ocorrem na competição, advindos das derrotas e das classificações menos honrosas.

Nahas discute as linhas e características do processo evolutivo, sendo que a etapa de especialização esportiva generalizada, compreendida entre 10/11 - 14/15 anos é aquela em que se busca a aquisição da condição básica ao lado de um desenvolvimento psicomotor e integral para possibilitação de execução de tarefas mais complexas. Esta etapa não deve estar voltada para formação obrigatória de atletas, Já, na etapa de iniciação desportiva especializada, 14/15 - 18/19 anos após o desenvolvimento básico multilateral e após a opção pela especialização numa área onde as potencialidades sejam mais aparentes, inicia-se o treinamento regular especializado.

Nahas, em suas conclusões, diz que a iniciação da criança na prática desportiva deve seguir uma progressão pedagógica, lógica e natural, através de atividades livres e de caráter natural, sem a existência da competição propriamente dita.

Outros autores (15) trataram desde mesmo tema. A evidência maior de sua importância está no fato de que, durante o Congresso Científico dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984, um volume completo de publicações foi dedicado à questão do esporte para crianças e jovens. Deste volume, parte significativa das comunicações refere-se à questão da competição precoce, o que evidencia a importância da questão do momento de ensino-aprendizagem ao treinamento para alto rendimento.

O desenvolvimento do tema "Competição Esportiva Escolar" implica em inúmeras abordagens possíveis. Pretendemos ampliar este argumento, a partir de uma dimensão psico-pedagógica e sociológica do jogo, no sentido de estabelecer algumas ligações possíveis com os problemas relativos à competição precoce, tendo como preocupação central a educação física escolar.

No momento em que a Educação Física tenta definir seu objeto de estudo, buscando sua própria identidade e procurando não se legitimar apenas através de conhecimentos elaborados por outras ciências, recorreremos a Pierre Parlebás (16), para elucidar este momento agudo na formulação de um referencial teórico para a Educação Física. Trata-se de se definir seu objeto de estudo, passando do movimento para a ação motriz (02).

AS EMOÇÕES DO CONHECIMENTO

A crise da Educação Física é acompanhada de algumas consequências marcantes: existe uma divisão das técnicas, dos conhecimentos e das formações profissionais. Estas divisões

causam uma fragmentação visível na área. Tal fragmentação implica na submissão dos seus conteúdos bem como no seu envolvimento com outras ciências, especialmente na área biológica. Parlebás propõe uma abordagem teórica que possibilita a inversão desta situação.

Para o autor, de nada adianta ter uma centena de técnicas e procedimentos didáticos, se não conseguirmos ter um objeto de estudo. Desta forma, o autor recupera historicamente as abordagens mais significativas para a delimitação do objeto de estudo da Educação Física.

A concepção sobre movimento parece ultrapassada. Afinal o movimento pode induzir, enquanto proposta, a uma concepção biomecânica de si mesma. Enquanto objeto de estudo, o movimento humano, assim concebido, descaracteriza a Educação Física. Parlebás evolui para uma nova posição, propondo a conduta motriz como novo objeto de estudo.

Assim, a Educação Física é uma pedagogia de condutas motrizes, e não se pode simplesmente dizer que as práticas são somente caracterizadas pelo movimento. As condutas motrizes envolvem outras dimensões, além da biomecânica: é preciso considerar as dimensões afetivas, o relacionamento cognitivo e expressivo, pois o jogador de futebol deve integrar-se com os outros, o velocista passa por um processo de adaptação, e o esgrimista deve calcular distâncias, executar fintas, etc. Colocada a questão desta maneira, a Educação Física pode ser considerada uma escola para tomada de decisões.

Como conteúdo da Educação Física, o esporte deve estar presente nas escolas de 1o. e 2o. graus como jogo e não como prática de confronto de resultados. Segundo Cagigal, "o esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa". Daí porque o esporte super classificado, levado ao extremo do tecnicismo, modelado e esteriotipado pela necessidade da vitória, não é mais prioritariamente educação.

Parlebás, após propor a ação motriz como objeto de estudo, caracterizou as transformações da Educação Física com a definição de um objeto próprio; ocorre rompimento com os conceitos anteriores, antes a Educação Física era uma continuação de outras disciplinas e a partir desta definição ela passa a ter sua identidade própria.

A concepção de conduta motriz representa o denominador comum de todas atividades físicas e desportivas. Estabelece-se aqui uma concepção unitária, que permite reunir todo um conjunto de práticas corporais. Esta concepção é importante porque deixa de fragmentar a Educação Física em um conjunto de conhecimentos emprestados, dando-lhes a possibilidade de globalizar seu conhecimento.

A Educação Física torna-se então uma pedagogia onde o professor passa a intervir sobre as condutas motrizes de seus alunos, tendo, portanto, que adquirir e privilegiar maiores conhecimentos no campo da ação motriz, subordinando resultados imediatos ao nível da "performance" à função pedagógica da ação

motora (17).

Existe necessidade de um profissional preparado para desenvolver esta proposta, ficando muito clara a necessidade de mudanças na Educação Física, mudanças que interfiram no aprendizado dos esportes. Este é o tópico inicial sobre o qual a análise que segue deve repousar. Uma modalidade não pode ser vista apenas como atividade competitiva, mas sim como conteúdo desta Educação Física que precisa ser revista. A Educação Física deve ter valor maior do que a simples repetição de movimentos.

Algumas questões se colocam, na medida em que o posicionamento de Parlebás vai sendo entendido. Como funciona um jogo ou uma atividade de competição? O praticante tem que captar informações e tomar rápidas decisões, ou simplesmente deflagrar automatismo adquirido, no momento do aprendizado? Se cada modalidade tem sua lógica, como entender um esporte enquanto jogo e a partir de suas características mais marcantes? O que ocorre entre os jogadores? Existem as comunicações corporais específicas? As relações entre os praticantes se estabelecem por contato corpo a corpo ou à distância? A lógica motriz do jogo é lógica de solidariedade ou lógica de antagonismo e violência?

Para encaminhar respostas a estas questões, existe a necessidade de rever as atividades ludo-desportivas, sobretudo do ponto de vista dos objetivos da motricidade, naquilo que constitui a sua armação fundamental. Segundo Parlebás, podemos distinguir algumas perspectivas de trabalho que têm modificado a paisagem da pesquisa no campo das atividades motrizes. Um dos

problemas é encontrar indicadores ligados à intelegibilidade do conjunto de movimentos nas atividades físicas.

Esta intelegibilidade permitirá uma classificação que identifica cada esporte por meio de suas grandes características práticas e tal classificação será, necessariamente, operacional, permitindo intervenções tanto na pesquisa quanto na área pedagógica. Teríamos assim um instrumento valioso para o professor que, poderá eleger cada exercício e cada atividade com conhecimento de causa, em função de seu projeto educativo. E assim que se percebe a importância da relação do praticante com o meio físico, da atuação motriz de cooperação e da atuação motriz de oposição.

A seguir Parlebás revela em seu estudo, uma situação no mínimo curiosa com relação à Educação Física, demonstrando um problema por ele denominado "um enigma social". Realizando estudos nos Jogos Olímpicos, onde investigou 245 provas, concluiu que 90% destas provas não trazem nenhuma novidade, no que diz respeito à relação entre os competidores, pois são provas individuais. Segundo ele, o enigma social se verifica na medida em que um dos objetivos dos jogos olímpicos é a integração entre os povos, as provas supostas de promoverem esta integração são individuais.

Do modo como é estabelecido o jogo, o mais importante não é o jogador e sim o jogo: as regras impõem a lógica interna que determina as condutas motrizes e os atos. É fundamental analisar cada jogo segundo as margens de iniciativa e o campo de

possibilidades que oferece a cada jogador. Neste sentido o jogo pode ter um valor pedagógico. A existência de regras moldadas pela necessidade de regulamentar atos e ações de confronto pode inviabilizar o caráter pedagógico do esporte em determinadas faixas etárias.

Além das regras, como bem cita Parlebás, existe uma variante na mesma direção: a aplicação desta regra; pensando na direção da aprendizagem, verificamos que as regras do mini-esporte são as mesmas da categoria adulta, sendo apenas diferenciadas por poucos detalhes de dimensões de quadra ou de função dos jogadores.

Não obstante esta igualdade quanto às regras, sua aplicação é feita da mesma forma: as punições para as violações se equivalem, pois, o importante é vencer e o respeito pelas regras faz parte do jogo. Ora, mesmo considerando a competição nesta faixa etária, o processo de aprendizagem se torna incorreto, pois em nenhum momento foram consideradas as particularidades, no que se refere à idade e às fases que compõem a formação de um ser, igualando o tratamento de jogadores, desde a segunda infância até a idade adulta, sem esquecer que aí estão envolvidos diferentes graus de maturação e desenvolvimento e que o juízo de valores é algo a ser melhor analisado.

A partir deste estudo de Parlebás, e considerando os problemas aqui apresentados, é possível entender-se o porquê da necessidade de mudanças; a competição esportiva escolar apenas terá sentido no momento em que for evidenciada sua ação

educativa, e não simplesmente sua existência em função da prática de uma modalidade. Aí se coloca o movimento, apenas em função da busca do rendimento. O movimento é somente questão de repetição, caracterizando-se basicamente como adestramento e não como atividade educativa.

Considerando ainda, os estudos de Parlebás, acreditamos que a iniciação em esportes jamais poderá acontecer como prática competitiva, e sim embasada em um novo objeto de estudo da Educação Física: Ação Motriz. Assim sendo, outros valores estarão presentes, atuando como agentes educativos; valores que, em nenhum momento, poderão ser esquecidos na formação dos seres humanos.

Conhecer algumas características da competição, propor um estudo do jogo e saber até que ponto estes elementos podem influenciar no processo educativo e formativo de uma criança, tendo a competição esportiva escolar como um agente, é o que se pretende na sequência do trabalho.

CONFIGURAÇÕES EDUCACIONAIS

Para avançar a discussão que estamos encaminhando, é necessário discutir a questão do jogo enquanto fenômeno cultural, e para tratar deste assunto, tomou-se por roteiro o trabalho clássico de Huizinga e o recente trabalho de Bruhms onde a autora

discute as mais significativas posições da questão do jogo, tanto do ponto de vista teórico quando do ponto de vista histórico (18).

Huizinga, buscando superar uma visão mística do jogo, salienta sua função cultural, pois, para ele, a cultura surgiu do jogo, isto é, o jogo antecede a cultura (os animais jogavam). Ele classifica o jogo em social e solitário; os sociais evidenciam a relação entre cultura e jogo e seus praticantes são divididos em 2 grupos de maneira ordenada, dando assim, uma caráter antitético. No solitário, torna-se mais difícil estabelecer esta relação. Estas duas classificações já estavam presentes na vida animal. Huizinga afirma que a paixão de ganhar ameaça destruir a beleza do jogo e que a tensão e a incerteza estão entre as características do jogo.

Quanto mais difícil é um jogo, maior a tensão entre os que o assistem. A partir do momento em que é um espetáculo, o valor cultural se torna evidente; o que o leva até o nível de cultura são os valores físicos, intelectuais, morais e espirituais. Nesta linha de raciocínio, Huizinga evolui, passando a discutir um outro tema fundamental para esse trabalho.

O resultado do jogo e da competição só interessa para as pessoas envolvidas e, por isso, acatam suas regras, sendo assim, ela começa e termina em si mesma, não tendo qualquer contribuição para o processo vital do grupo, o que significa que o elemento final da ação está no resultado enquanto tal, sem relação com o que se segue. O objetivo do jogo e da competição é a vitória, que

também poderá estar ligada a valores materiais, além do que o êxito traz satisfação ao participante, ganhar significa mostrar superioridade. A idéia de ganhar, estando totalmente relacionada com ele é uma das suas características. Nos jogos grupais, o êxito do jogador passa para o grupo.

Sem dúvida, o jogo precisa estar presente no aprendizado, contudo, deve ser acentuado nele seu caráter lúdico, retornando à sua característica: ser como uma festa. Portanto, não mais dando prioridade aos aspectos que o caracterizam como uma prática de modalidade competitiva, apenas. Existe diferença entre jogo e competição. Para a competição o jogo tem um valor: o respeito pelas regras e a busca da vitória. Estas podem dar-lhe conotação extremamente competitiva, evidenciando uma prática menos lúdica e mais produtiva.

Na iniciação do esporte é importante a adoção do jogo, acentuando-se sempre sua dimensão lúdica, não se subordinando o processo apenas às vitórias e às derrotas, mas abrindo um universo maior, dando-lhe um valor educacional. Só assim poderemos tê-lo como elemento central no desenvolvimento da criança, indo além, até mesmo, de uma simples iniciação esportiva, considerando-o como elemento formativo com valores educacional e culturais.

A competição diz respeito a um campeonato institucionalizado que, está ligado à conquista de títulos, enquanto o jogo poderá estar ligado a uma festa, proporcionando maiores possibilidades de participação. Vale ressaltar que a

competição e participação são aspectos que, embora sempre presentes, implicam diferentes níveis de ênfase. A competição prioritariamente é performance (20). Já a participação implica socialização e valores culturais interativos.

Concordamos com Huizinga quando diz que a idéia de ganhar está ligada com a idéia de superioridade e está presente no jogo-competição. No jogo-festa, o vencedor será aquele que participar, onde o importante é estar presente, participar. E sobretudo, integrar-se com outros, dar oportunidade a um número maior de participantes.

Segundo trabalho realizado por Bruhns, para que uma atividade possa ser considerada "jogo", é necessário que apresente certos critérios para identificá-lo como tal. Os critérios apresentados pela autora são: o prazer, a espontaneidade, a libertação de conflitos, a desorganização e o aspecto desinteressado do jogo, que o leva a ser "altamente interessante".

Baseando-se neste critério, a autora diz que, com relação à área do Jogo, "a criança utiliza seu domínio sobre os objetos, organizando-os de tal forma, que se supõe proprietária dos destinos da vida, transformando passividade em atividade". Tal fenômeno explica-se a partir da teoria do instinto, da catarse, da recreação, do relaxamento e outras de igual importância.

Dentre os estudiosos das Teorias do Jogo, temos Ellis (21) que, em seu trabalho, apresenta as teorias clássicas, as

recentes e as modernas. Para este estudo mencionaremos as duas teorias modernas: uma referente à interação do jogador como meio ambiente, elevando os níveis de estímulo e interesse ao máximo possível do indivíduo e outra que implica na necessidade de produzir efeitos no meio-ambiente, uma vez que tais efeitos demonstram interação e competência.

Para Caillois, o jogo é uma atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia. Baseando-se no conteúdo dos jogos, Caillois classifica o jogo como: Competição (agon), Acaso (alea) Simulação ou Disfarce (mimicry) e Vertigem (ilinx).

Ao entender de Piaget "o jogo seria uma espécie de comportamento caracterizado como uma alternância entre a tensão e o relaxamento". Desta maneira, os dois conceitos fundamentais para conhecer a essência do jogo humano seriam a subjetividade corporal e o corpo como consciência.

Existe mesmo uma dificuldade para se compreender o jogo, a competição e poder, com certeza, diferenciar essas palavras. Até mesmo os autores que trataram deste assunto, em alguns momentos, se confundem tentando caracterizá-los: para Bruhns o jogo se estabelece "com", "por", "como", alguma coisa. Já Huizinga afirma que a competição se estabelece "por", "em" e "com", alguma coisa; portanto, existe não só confusão entre jogo e competição, como também certa tendência de alguns autores de fusão das atividades.

Ocorre que nas escolas não é dado o devido valor ao jogo. A não existência de uma proposta, nestes locais, para utilizar o jogo-festa, como atividade lúdica e como meio educacional, talvez seja consequência desta confusão entre o jogo, a competição e o esporte. Esta confusão é levada para a escola onde o professor tem dificuldades em diferenciar o jogo da competição, a festa da prática, o campeonato de uma atividade lúdica, misturando assim objetivos com o conteúdo de um determinado esporte. O conteúdo do jogo-festa é o mesmo da prática profissional do esporte: seus elementos fundamentais formam sua essência (22).

Neste sentido, a escola, bem como todos os órgãos que podem envolver a comunidade, devem ser o local ideal para a iniciação do jogo esportivo e de tanto outros jogos, abrindo um universo maior para as crianças conhecerem bem esta modalidade. É na escola que deve existir a massificação esportiva. O mini-esporte oferecido pelas entidades esportivas atende apenas à necessidade de uma minoria, não colaborando para a existência de um número maior de participantes, limitando e reduzindo possibilidades e até mesmo um número maior de praticantes. Consequentemente tornar o esporte mais competitivo a nível mundial.

Acreditar que o esporte e o jogo sejam semelhantes (23) é colocá-los dentro de certas restrições pré-determinadas como imposição de regras, modelos, busca de redimento, recordes, medalhas, juizes, capitães, que, se por um lado caracterizam o esporte, acabam descaracterizando a atividade lúdica, que

apresenta componentes como espontaneidade e flexibilidade, o descompromisso, a criatividade, a fantasia, a expressividade, com características culturais próprias.

Observa-se uma demasiada valorização do esporte em detrimento do jogo, dentro e fora das escolas. A Educação Física deveria ter como prioridade a atividade lúdica: contudo, em função de um pragmatismo que valorizou o produto, foi buscar no esporte-competição uma metodologia cujo objetivo é a perfeição de exercícios e o rendimento, causando assim sérios problemas na formação dos seres humanos, tornando-os uma máquina submissa às leis do rendimento.

A educação está presente no processo de aprendizagem do esporte. Este esporte pode exercer função educativa, a partir do momento em que é proposto para uma clientela maior. Como bem evidenciou Parlebás (24) o esporte é uma forma excepcional para o desenvolvimento de algumas qualidades sócio-motrizas, como a solidariedade e o espírito de equipe. O jogo faz parte deste processo, sendo um elemento imprescindível na formação de seres humanos. Tê-lo como meio educacional, sem dúvida tornaria a aprendizagem mais alegre. Segundo Huizinga, a civilização se tornou mais séria, devido ao fato de atribuir ao jogo apenas valor secundário; sendo assim, poderíamos tornar o processo de educação mais alegre, atribuindo ao jogo valor prioritário e real.

Reforçar o caráter lúdico dos jogos pode ser o melhor caminho para iniciação esportiva, pois, além de agregarmos ao

jogo outros valores além da vitória, como o prazer de simplesmente jogar, não estabeleceríamos a prioridade atribuída à competição. Em nenhum momento este trabalho pretendeu negá-la, pois ela também tem seu valor, desde que proposta no momento adequado, por profissionais preparados para desenvolver este elemento (25).

Voltando ao trabalho de Bruhns, para quem existe uma maléfica valorização do esporte, que pode levar profissionais da área a não perceberem a dimensão educativa da atividade lúdica, esta afirmação está correta, não obstante, seja necessário matizar a vinculação jogo-esporte, sem permitir que a busca de resultados priorize o esporte competitivo em detrimento do "jogo-esportivo", educativo, lúdico. Aí, sim, está o equívoco, a iniciação deve priorizar o jogo, e não o resultado, a competição.

Huizinga afirma que a competição é inerente ao homem e constitui uma característica lúdica, tentando legitimar a luta pela vitória e dar um certo sentido à competição: mas a competição é elemento prevalecente em determinado tipo de jogo, não em todos. Quando o jogo tende para o esporte competitivo, ele atua como instituição, com o acordo no final, da diferenciação entre perdedores e vencedores pela sociedade em geral e pelos times participantes. De maneira inversa, a atividade lúdica está mais próxima do rito pelo seu caráter menos obrigatório da necessidade de vencer, possibilitando assim, a união dos participantes para alcançar objetivos comuns.

CONTINUIDADE OU RUPTURA: OUSADA DECISÃO

No contraste entre jogo e prática esportiva, o fator tempo é determinante, o divertimento acaba desaparecendo, quando cada segundo é considerado. O esporte molda uma conduta natural dentro de um quadro social, obriga o sujeito a se superar, mobiliza a vontade e os procedimentos cognitivos. O jogo molda uma conduta natural dentro de um quadro social, mobiliza o desejo, o imaginário, os procedimentos cognitivos e a emotividade (26). O verbo jogar está mais ligado ao lúdico, o verbo praticar ao treinamento, sendo assim, o esporte tem um caráter duplo, podendo assumir características lúdicas.

O jogo exige um processo, a prática esportiva, um adversário. A diferença recai sobre o grau de ansiedade, cobrança de resultado, e sobre a técnica, levando a um adestramento. No jogo, em geral, prevalece o caráter do riso, na prática de uma modalidade, ocorre o contrário; no esporte os jogadores são estimulados a vencer de qualquer maneira; no jogo há um espaço para liberdade onde a criatividade encontra-se presente (27). Existe diferença entre jogar e praticar; entendemos que a proposta da competição esportiva escolar seja praticar uma modalidade e não simplesmente jogar e esta prática pode causar alguns sérios problemas aos seus adeptos.

Ainda mais: o problema que buscaremos discutir com profundidade é o alcance educativo e em que condições isto se verifica, durante nossas competições esportivas escolares.

Sabemos que os condicionamentos humanos, que impulsionam as pessoas a se firmarem como serem individualizados e únicos,

levam a tentativas de superação dos resultados através do aperfeiçoamento e do desenvolvimento das suas capacidades, desencadeando um processo criador de novas expectativas. Estes serão responsáveis pela criação de novos métodos, novas técnicas e novas formas de fazer.

A prática esportiva, quer seja a nível de participação ou à nível de disputa, implica sempre um quadro de situações em que cada uma delas se verifica sempre: uma diferença entre a imagem mental e motora ou ideomotora do gesto que o executante pretende fazer e a execução de fato conseguida (28).

E assim que o executante, na maior parte das vezes, pensa que executou aquilo que corresponde às imagens por ele elaboradas. Essa diferença representa os erros da execução que irão sendo corrigidos, a partir da conscientização da diferença entre a idéia e a ação. Podemos afirmar, hoje, que a correção é viável quando o executante consegue notar a diferença por intermédio de indicadores que vão sendo identificados por ele próprio.

Tanto o aluno quanto o atleta necessitam desenvolver as suas capacidades de observação e de interpretação dos sinais que permitem avaliar a precisão e a eficiência dos gestos técnicos que executam, uma vez que apenas as palavras do professor não soam bastante fortes para modificarem suas ações.

Sentir o movimento é um aspecto da execução que não recebe muita atenção de quem ensina ou ministra treinamentos,

ainda que todos saibam de seu valor. Este aspecto valoriza-se, de modo significativo, pela intervenção de outros observadores, os companheiros de equipe, os professores, os colegas de classe, ... que ao assistirem às competições espalham informações sobre a eficiência das jogadas dos envolvidos. Esta intervenção (29) pode ou não constituir um reforço da motivação para o processo da aprendizagem ou preparação do atleta.

Como foi colocado, a competição é uma situação esportiva favorável às intervenções pedagógicas do professor, quando enquadrado na sua função educativa e formativa, pois fornece indicadores e sinais correlacionados que concorrem para a avaliação qualitativa das ações executadas pelos participantes.

Concordamos com Lima (1989) quando coloca que esta forma de avaliação constitui um indicador da distância a que se encontra das metas que eles próprios traçaram; para os professores representa um meio de transmitir suas propostas, buscando indicar onde se localiza o erro cometido, o que precisa ser mantido e o que melhorou qualitativamente. A relação que se estabelece entre professor e aluno, neste tipo de contato, adquire um valor dominante no relacionamento pedagógico que acelera o processo de execução, uma vez que desbloqueia o desenvolvimento das capacidades de percepção, de observação, de análise e de crítica do executante.

Ao estimular a atitude crítica do executante e a sua participação consciente na correção dos erros, promove-se o desenvolvimento das capacidades de observação e de interpretação

daquilo que se treinou, ou seja, trabalha-se com o desenvolvimento perceptivo e dos sistemas de análise.

Este desenvolvimento dará origem à atitudes de adesão à prática esportiva numa maneira mais ativa e participativa, sem se prender a meras repetições de gestos. Com isto, temos uma valorização da competição a nível formativo e de conscientização, contribuindo para a formação de uma personalidade mais livre e segura.

O ensino e a aplicação de regras obedece a um critério cujo rigor formal acompanha a evolução da maneira de jogar da criança. Esta trajetória pedagógica exige, antes de mais nada, que o professor tenha consciência das necessidades de suas crianças, de modo que seu crescimento e desenvolvimento seja conseguido através de atividades que, na visão infantil, correspondam a um esporte que lhes interesse e que seja significativo.

Podemos perceber a importância destas palavras ao nos lembrarmos de que a formação esportiva de nossas crianças está referenciada pelo quadro social em que se inscreve sua escola, sua família, seus amigos (30). Será neste mesmo quadro que elas encontrarão as motivações mais profundas para se empenharem e desenvolverem técnicas que as deixem fortes na modalidade.

Então, somos levados a entender que ignorar a competição e excluí-la do processo de formação esportiva da criança constitui um erro pedagógico grave que precisa ser evitado pelos

profissionais da área.

Omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará a aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que vivem, de fato.

Porque remover a competição de uma atividade que a exige quando, ou na escola, ou na rua e até mesmo na própria família, ela impregna toda o comportamento social dos adultos? Será possível imunizar as crianças de um mal que elas já dominam?

A formação da personalidade da criança deverá exigir uma atenção especial nas faixas etárias dos 8 aos 12 anos, porque neste período elas estão vinculadas a uma atividade central de sua existência, que é a escola, tida como uma atividade dominante e que imprimirá uma influência decisiva, estruturadora de comportamentos sociais gerais.

A criança passa a sentir que o cumprimento das tarefas coletivas não são uma obrigação mas sim que isso corresponde à satisfação de sua própria necessidade de integração no grupo no qual tem um lugar determinado e em que se afirma individualmente com todas as suas capacidades (31). A vinculação da criança à sua equipe e à estrutura global de formação esportiva exige tempo e depende da realização de competições.

E de conhecimento dos profissionais da Educação Física que a integração numa equipe, a aquisição do saber fazer, a

elaboração da atitude do saber estar e as interações intergrupais favorecem a formação da personalidade da criança quando existe uma vinculação profunda e séria entre os componentes do grupo; deste modo somos do ponto de vista que, dependendo da orientação dada, a competição é um mero recurso didático que se usa para atingir um determinado fim, no programa escolar. O professor saberá como dosar o conteúdo, uma vez que apenas ele poderá responder sobre seu vínculo com o processo educativo que dirige e com as crianças que educa.

Debater a competição, por si só, não é o suficiente. Não temos como condenar a competição sem antes analisar criticamente as atividades físicas que se ensinam nas escolas. Temos que discutir a competição esportiva escolar condenável, incorreta, em termos do processo educativo.

A análise destas questões obriga-nos a ter em conta o quadro social em que, quer a nossa escola, quer o nosso esporte se encontram inseridas. Manter a escola separada dos fatos sociais e pretender que a formação ali proporcionada às crianças constitua uma preparação para a vida, quando nada da realidade social "entra na escola" é uma forma de impedir o progresso social e a valorização humana.

Outra questão que nos preocupa é o tipo de educação esportiva que recebeu o profissional que hoje introduz a competição esportiva no ambiente escolar (32). Qual será a sua concepção de esporte? E de competição? Fica difícil percebermos mudanças ou progressos com um corpo docente que se mantém como

sempre e que procura adiar a sua própria transformação.

Perguntaríamos sobre o tipo de esporte que deveríamos levar para dentro dos muros escolares. Será aquele que a TV coloca em nossos lares? Ou aquele que vende as folhas de nossos jornais? Ou o que promove a venda de nossos astros por fortunas estrondosas?

Acreditamos que deva ser um outro tipo de esporte, mais educativo e mais formativo. No mínimo tem que fortalecer nossos jovens para que não fujam de nossas quadras e das atividades físicas tão precocemente, e que colabore com a formação da personalidade daqueles que o pratiquem. Acreditamos que será uma prática plena de coerência com os interesses e necessidades de seus praticantes, que busque o desenvolvimento global e ofereça um dimensionamento social a todos que dela tomam parte.

O jogo não é educativo nem formativo pela circunstância de ter regras e de impor uma distância de atuação ... quem joga pode agir como quiser e pode mesmo fazer trapagens. O jogo é educativo e formativo não pela atividade em si (33), visto que está desintegrado da realidade, dos fatos sociais, mas sim porque essa atividade permite a quem joga fazer uma demonstração concreta de uma nova possibilidade, de uma aptidão correspondente ao estágio de desenvolvimento atingido e provar, na presença de testemunhas, a conquista de um novo nível de capacidades. Sempre tendo em mira as suas referências sociais.

A sua função maior do jogo infantil ... função biológica

e social ... é que as atividades nele compreendidas exigem esforços, energias e aplicações que excedem, no mais das vezes, os limites correspondentes às tarefas habituais das crianças. Esta é, em nossa opinião, a caracterização que melhor explica os riscos e as dificuldades que a criança põe a si própria para ganhar uma aproximação com a realidade do adulto.

As crianças procuram sempre reproduzir jogos de adultos, com suas regras e táticas, de forma a informalizarem um "mini-esporte", portanto, evitar o jogo padronizado do adulto, sem nem uma palavra ou sugestão, não corrige os erros encontrados nos jogos dos mais velhos, causando efeitos opostos ao que se pretende, uma vez que se estará impedindo a criança de explorar até onde vai seu limite, na modalidade.

Neste caso estamos diante de uma visualização da pedagogia teórica, que discute e sugere valores sociais para o grupo de educandos, mas que trabalha com uma realidade diferente daquela encontrada na sociedade da qual fazem parte.

Quando se reforça o valor educativo e formativo do jogo, da atividade competitiva e se preconiza o jogo como um meio fundamental para o trabalho educativo, de que jogo se está pensando? Naquele em que a criança aprende através da transmissão cultural do grupo com quem vive ou no jogo que os adultos artificializaram para realizar a sua ação educativa? Claro que é no primeiro, não?

De outra forma estaríamos brincando de educar.

NOTAS

- (1) Rubem Barbosa ROSADAS,
- (2) Teotônio LIMA, Competição para jovens, p. 24.
- (3) Jean MEYNAUD, Sport et politique, p. 14-15.
- (4) IBIDEM, p. 37.
- (5) Daniel GOULD, Psychosocial Development and children's Sport, p. 48-52.
- (6) Teotônio LIMA, Op. cit., p. 32.
- (7) Daniel GOULD, Op. cit., p. 61
- (8) Hélène GUAY, La culture sportive, p. 21-23.
- (9) Lenamar FIORESE, Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, p. 23-31.
- (10) Revista BOA FORMA,
- (11) Pierre A. SEURIN, Manipulação da criança para o sucesso esportivo, p. 15-17.
- (12) Hélène GUAY, Op. cit., p. 49.
- (13) Pierre SEURIN, Op. cit., p. 72.
- (14) Markus V. NAHAS, A competição e a criança, p. 9-11.
- (15) MONIQUE, SEGRE, Les enfants et les adolescents face au tempo libre. p. 37-39.

- (16) Pierre PARLEBAS, *Perspectivas para uma educação física moderna*, p. 17-18.
- (17) Helene GUAY, *Op. cit.*, p. 53.
- (18) Ambos autores citados em partes anteriores, através das obras "Homo Ludens", de Johamns HUIZINGA e "A dinâmica lúdica", de Heloisa Turini BRUHNS.
- (19) Monique SEGRE, *Les enfants et les adolescents face an temp livre*, p. 76.
- (20) Bryant J. CRATTY, *Psychologie et activité physique*, p. 21-23.
- (21) M.J. ELLIS, *Why people play*, p. 19-20.
- (22) Monique SEGRE, *Op. cit.*, p. 81.
- (23) Daniel GOULD, *Op. cit.*, p. 79.
- (24) Pierre PARLEBAS, *Op. cit.*, p. 52.
- (25) Bryant J. CRATTY, *Op. cit.*, p. 46.
- (26) Jean MEYAUD, *Op. cit.*, p. 50-51.
- (27) Gilda KORFF, *Esporte e poder*, p. 18-19.
- (28) Bryant J. CRATTY, *Op. cit.*, p. 39.
- (29) M.J. ELLIS, *Op. cit.*, p. 17.
- (30) Daniel GOULD, *Op. cit. p.*, 58-59.

(31) Monique SEGRE, *Op. cit.*, p. 92.

(32) Hélène GUAY, *Op. cit.*, p. 64.

(33) Jean MEYNAUD, *Op. cit.*, p. 27

CAPITULO II
COMO SABER SOBRE O QUE REALMENTE OCORRE

O mundo é um grande jogo de
regras obscuras.
(Jean d'Ormesson)

METODOLOGIA

A diferença entre o que acontece com a Educação Física Escolar e a valorização excessiva de algumas de suas práticas em outros ambientes de nossa sociedade são motivos para muita discussão.

A variedade de estratégia adotadas pela Educação Física e a complexidade do processo em que elas acontecem cobram do professor uma competência, para que possa perceber as relações que se estabelecem no decorrer e em função da aula dada. Acreditamos que este fato seja fruto da própria história da Educação Física Brasileira e da legislação de ensino que nos norteia, além da interpretação sofrida pela literatura existente.

Notamos que, em muitos casos, a falta de competência técnicas e o mau uso do planejamento de ensino, bem como a pouca conscientização do profissional sejam a tônica para a distorcida visão da Educação Física no processo educacional e na sociedade.

Diante de tais constatações e com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e melhor aprimorar idéias sobre o tema escolhido, optamos por trabalhar com a pesquisa exploratória, do tipo participante.

O planejamento desta pesquisa é bastante flexível, de modo que permita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (01). Em geral, e no caso em questão, envolve um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que têm ou tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, observação destas pessoas em suas atividades e a "análise de exemplos" que estimulem a compreensão do assunto estudado.

CARACTERISTICA DA PESQUISA PARTICIPANTE

Tanto a pesquisa participante como a pesquisa-ação caracteriza-se pela interação entre pesquisador e membros das situações investigadas. Muitos autores fazem uso das duas expressões como sinônimas; entretanto, a pesquisa-ação supõe uma forma planejada - uma das diferenças entre ambas as expressões (02). A pesquisa participante envolve a distinção entre a ciência popular, ou o conhecimento proveniente do senso comum, e a ciência dominante ou aquela valorizada pelo sistema vigente.

Em virtude da flexibilidade do seu planejamento, o pesquisador mantém-se atento a novas descobertas, ao longo do seu processo. Por isso é que, geralmente, o pesquisador dispõe de um

roteiro inicial e, ao desenvolvê-lo, transforma-o em outro, motivado por aspectos que não havia previsto.

Acontece com frequência, destes desvios tornarem-se mais relevantes para a solução do problema do que os caminhos traçados inicialmente. Este é um dos fatores que recomendam a adoção da pesquisa participante para os estudos exploratórios.

Os procedimentos de coleta e análise de dados adotados na pesquisa participante são muito simples; caracterizam-se pela utilização de uma linguagem entendida pelo grupo em estudo, bem como pela manutenção da linguagem do grupo, na transcrição. Há ainda a ênfase na totalidade ou multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo.

Acreditamos que a pesquisa participante leve o pesquisador a abandonar a tradicional posição de "intelectual distante da realidade", colocando-o como aprendiz e ouvinte de discursos de culturas diferentes da sua. Entendemos que, com isto, rompa-se o distanciamento entre entrevistado, incorporando as pessoas nos objetivos da pesquisa (3).

Verificamos, entretanto, que a pesquisa participante também apresenta limitações. Somos concordes com o fato da subjetividade ser o maior entrave para a melhor aceitação de pesquisas participantes (4), pela comunidade científica brasileira; uma outra limitação é o fato de alguns pesquisadores não conseguirem acompanhar o dinamismo da sua própria pesquisa, deixando de entendê-la, em partes, o que virá a comprometer o

conjunto do estudo em questão.

Este descompasso citado acima é muito sério. Na pesquisa participante o estudo da realidade vivida pelo grupo e a percepção desta realidade constituem o ponto de partida e a matéria prima do trabalho em desenvolvimento. Não acompanhar este processo, ainda que parcialmente, é não compreendê-lo em sua globalidade, ou comprometer o desenrolar do estudo.

DEFINIÇÃO DAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Concluída a visão geral a respeito da pesquisa participante, passaremos a um breve comentário das etapas significativas da mesma, iniciando pela abordagem do pesquisador à comunidade estudada.

Nesta abordagem o pesquisador tentará diminuir a distância existente entre os diferentes mundos e os grupos sociais confrontados (pesquisador/pesquisado); clareza de atitude, sinceridade e conhecimento das características do grupo a ser estudado são regras capitais para o bom desenvolvimento da técnica escolhida (5).

Não ser visto como um intruso ou um elemento estranho à comunidade é fato imprescindível para a aceitação pelo grupo. Este é um momento difícil no desenvolvimento da pesquisa: a verdadeira abordagem implica numa tensão permanente entre o risco de identificação excessiva do pesquisador com os protagonistas da situação em que está inserido e a premente necessidade de manter um distanciamento que permita a reflexão crítica sobre a

experiência analisada.

Esta abordagem, em sua fase inicial, permitirá ao observador uma série de descobertas, que serão utilizadas para formarem o corpo de informações que sofrerão análise, junto com os demais dados coletados, através de outras técnicas. Esta opção foi fundamentalmente adotada tendo em vista a vivência do pesquisador no meio estudado.

Toda a pesquisa foi realizada com depoimentos e observações; optamos por este princípio por entendermos que, assim, poderíamos estudar cada fato e direcioná-lo de acordo com os interesses e peculiaridades do caso, tendo em vista a temática em estudo (6). Com todos os depoimentos gravados, acreditamos possuir um rico material a ser discutido, de modo relevante, como o tema assim o propõe.

Completamos a coleta de dados com a entrevista, a forma mais antiga de coleta de dados orais; é uma conversação continuada entre informante e pesquisador, podendo ou não ter um roteiro. A adoção desta técnica se deu em função da possibilidade de ampliar as discussões, privilegiando e, em certa medida, indicando a possibilidade de agregar à discussão teórica os estudos dos casos isolados.

Outra das razões que nos levaram a optar pela entrevista, no caso, livre ou aberta foi o fato de poder dialogar sem um roteiro fixo. A entrevista aberta (7) possibilitou a liberdade de expressão, o devaneio, a manifestação de projetos e sonhos, as

apresentações de impressões e decepções, a medida em que um ou outro fato eram observados.

A opção pelas perguntas de modo não-estruturado, a entrevista aberta, não visou a facilidade do trabalho ou do tratamento dos dados coletados; nossa preocupação foi com a facilitação de expressão docente, de forma a melhor e mais profundamente se posicionar diante dos fundamentos teóricos e didáticos da Educação Física, bem como sobre suas necessidades e disponibilidades metodológicas.

Evidenciamos a existência de um fio condutor para a entrevista, que se prendia ao núcleo temático a ser pesquisado. No entanto, foi muito mais significante (8), tanto nas observações quanto nas respostas encontradas, as formas de expressão, as pausas, inflexões e silêncios com que se expressavam os envolvidos.

Acreditamos que toda a forma de discurso, quer seja o formal, ou informal ou gestual, são igualmente importantes por manifestarem as dimensões da vida quotidiana de uma determinada comunidade este foi o discurso que buscamos descodificar.

Dentre os problemas encontrados para a realização da pesquisa, o principal foi o tempo disponível, de ambas as partes. Geralmente, as entrevistas foram realizadas durante as aulas de Educação Física, enquanto se treinava o grupo competitivo da escola, ou em momentos de disputa de campeonatos (antes, durante ou após os jogos).

A não existência de um roteiro fixo de questões causou-nos certos problemas, uma vez que todo o trabalho se desenvolveu de forma aberta, implicando assim algumas variáveis não controladas. Em nossa perspectiva atual, este aparente problema enriqueceu a coleta de dados, na medida em que possibilitou tratar cada caso com maior riqueza de detalhes, em sua individualidade e contextualização.

A nosso ver, este foi o verdadeiro desafio a que nos levou a pesquisa participante: a importância de identificar e trabalhar as discordâncias e incoerências entre pensamento e ação, conformismo e revolta existente entre real e o ideal da competição esportiva escolar.

A partir dos dados coletados e analisados, foi-nos possível partir para conclusões e concebermos propostas para a reorganização desta feição competitiva da Educação Física. Buscamos motivar e instrumentar os grupos estudados para que assumam sua experiência e sua possível futura ação transformadora.

UNIVERSO DA PESQUISA

Com a intenção de estudar a questão da competição esportiva, dentro da Educação Física Escolar, buscamos localizar escolas da rede pública estadual que mantivessem turmas de treinamento de modalidades esportivas ou que apenas participassem de campeonatos escolares, fixados pelo Calendário Oficial das Delegacias de Ensino.

Muitas são as escolas que participam dos Jogos Escolares, em várias modalidades; desta forma, aleatoriamente, procuramos por cinco escolas da cidade de Rio Claro e outras cinco de Jundiaí, ambas as cidades pertencentes à mesma Divisão Regional de Ensino.

O contato com os professores foi facilitado, uma vez que a maior parte deles haviam sido alunos do pesquisador em questão, o que facilitou sobremaneira a inserção do mesmo no ambiente de pesquisa. Os demais profissionais, que não conheciam o pesquisador, não se opuseram ao trabalho, uma vez que se interessaram pelo resultado que dele adviria, com futuras propostas de modificações em suas próprias estratégias.

Em função do tempo e da abrangência dos dados coletados, as entrevistas e observações foram estudadas e analisadas de forma tal que apenas as mais demonstrativas fossem trabalhadas nesta pesquisa. Com isto, do total de alunos envolvidos e numerados de 01 a 99, para garantir a não identificação dos mesmos, apresentamos os depoimentos coletados em entrevistas de um número bem menor que o total, mas suficiente para demonstrar a situação observada e analisada.

Dos dez professores contatados, cinco são efetivos nas escolas em que trabalham; do total de docentes, seis têm jornada integral em sua sede de controle e quatro deles são técnicos de modalidades esportivas em clubes da sua cidade.

Ainda, identificando o grupo de professores, três deles

cursaram uma especialização (Lato Sensu) e todos têm aprofundamento em mais de uma modalidade esportiva, quer seja através de um curso técnico ou de "estudos avançados" na área de seu interesse. Dois deles cursam pós-graduação, em universidade estadual, e oito deles foram atletas com envolvimento em Jogos Regionais e Abertos do Interior.

Os alunos observados e entrevistados formavam as equipes representativas das escolas, nem sempre treinando em suas turmas da mesma faixa etária, em função da modalidade ou do horário, o que não interfere no processo da pesquisa. Dos noventa e nove alunos contatados, trinta e dois eram estudantes do segundo grau.

Vale informarmos que as modalidades por eles treinadas eram as coletivas, como Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futebol, e o Atletismo e Natação, que eram trabalhadas fora da escola, tendo em vista a inexistência de local adequado para estas práticas.

Para a realização das aulas-treino, os professores dispunham de um número maior de bolas do que o usado nas aulas das turmas normais. Estas aulas-treino eram, igualmente, de cinquenta minutos cada, em número de três semanais. Observou-se que sempre se repetia a prática de dividir estas aulas em dois encontros semanais, com uma aula dupla e outra simples, cumprindo o dispositivo legal.

Caracterizando melhor, apenas participam das aulas-treino aqueles alunos que já demonstraram certas noções da modalidade ou

por treinarem em clubes e agremiações, ou por uma habilidade já desenvolvida em outras atividades. Então, ao se destacar nas turmas comuns, o aluno é alçado ao posto de aluno-atleta, salvo melhor juízo.

Os alunos que participam das aulas-treino não mais fazem parte das turmas comuns de Educação Física, passando o ano todo na prática de uma única modalidade esportiva, enquanto os demais têm a oportunidade de serem trabalhados em mais de uma modalidade, dependendo do planejamento do docente.

QUESTÕES INVESTIGADAS

Tendo em vista o grupo social apresentado e as atividades que são vividas pelos integrantes de cada equipe, buscou-se verificar se a Educação Física Escolar, em sua feição competitiva, atingia suas funções educacionais, como uma das atividades propostas no currículo obrigatório das escolas de primeiro e segundo graus do país.

Qual o real significado da Educação Física competitiva, na comunidade escolar? Qual o grau de interferência no desenvolvimento do aluno esta prática pode acarretar? Como agem e o que pensam os profissionais envolvidos com a questão? Partindo-se da hipótese de que, por ser um dos componentes curriculares das escolas brasileiras, deva primar pela potencialidade pedagógica-educacional, será essa a constatação atingida?

Em função da própria metodologia assumida, cada fato observado e cada depoimento coletado eram suficientes para a

alteração total do trajeto iniciado, tão ricos eram os argumentos encontrados: no entanto priorizamos algumas questões, com a intencionalidade de ver solucionadas as indagações originais da pesquisa, analisadas a seguir.

NOTAS

- (1) Antonio Carlos GIL, Como elaborar projetos de pesquisa, p. 97-104.
- (2) Carlos R. BRANDAO, Pesquisa Participante, p. 09-14.
- (3) Pedro DEMO, Pesquisa Participante, p. 26-27.
- (4) Carlos R. BRANDAO, Op. cit., p. 18-21.
- (5) Michel THIOLENT, Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, p. 46-52.
- (6) Michel THIOLENT, Op. cit., p. 79-81.
- (7) Carlos R. BRANDAO, Op. cit., p. 25-26.
- (8) Michel THIOLENT, Op. cit., p. 77.

CAPITULO III
O QUE CONSTATAMOS QUE OCORRE

Nota-se que os jogos infantis não são brincadeiras; devemos considerá-los os atos mais sérios da criança.
(Montaigne)

DISCUSSÃO

Quando o professor tiver se conscientizado de que essa educação pelo movimento é uma peça mestra do edifício pedagógico que permite à criança resolver mais facilmente os problemas atuais de escolaridade e a prepara, por outro lado, à sua existência futura de adulto, essa atividade não ficará mais relegada ao segundo plano. Sobretudo porque o professor constatará que esse material educativo não verbal constituído pelo movimento é, por vezes, um meio insubstituível para afirmar certas formas de atenção, pôr em jogo certos aspectos de inteligência.

Segundo MAGILL (1984), o professor deve criar um ambiente apropriado para a aprendizagem, para que a criança encontre desejo em aprender a habilidade que está sendo ensinada e para que ela possa se expressar livremente, pois o bloqueio afetivo provoca um bloqueio físico que inibe toda expressão natural. O papel do professor é fundamental na orientação das atividades,

devendo criar situações adequadas para estimular a criança a resolver problemas, mediante estímulos apropriados que devem estar ao alcance de sua maturidade.

O papel do professor é mais importante do que o de um mero observador, supervisionando as brincadeiras, afastando perigos e evitando acidentes, encaminhando a criança para a aquisição das aptidões e habilidades motoras. BERGER (1986) lembra que o professor deve ser bastante cuidadoso quando se dirigir às crianças, pois a sua atitude pode liberá-las ou oprimi-las.

É necessário, também, que os professores sejam adultos que saibam jogar, para que possam observar e, principalmente, para compreender mais do que para transformar. Os professores têm que observar, antes de tudo, o jogo da criança para que possam ajudá-la, pois ela está numa situação tal que acredita apenas nos professores que ainda a estimulam. As crianças se convertem em aliados incondicionais quando percebem que o professor sabe proporcionar-lhes os jogos e podem desfrutar deles, com elas.

O jogo constitui, desta maneira, um fator valioso para o relacionamento professor-aluno; e o educador, mediante uma atitude não diretiva, garante uma certa liberdade no jogo espontâneo, permitindo à criança realizar sua experiência do corpo, indispensável ao desenvolvimento das funções mentais e sociais. A tarefa do professor não é fácil, nem deve ser encarada levianamente; requer planejamento, execução de planos e aprendizagem a partir dos erros cometidos.

A criança não é capaz de encontrar sozinha a situação mais apropriada para exercer suas faculdades. Assim, ao invés de aplicar-lhe "soluções prontas", o professor deve orientar a criança para que ela possa refletir sobre suas próprias ações e explicar os fatos que observa, alterá-los quando preciso e mantê-los quando forem adequados.

Para TOSCANO (1974), o professor deverá criar oportunidades para que todas as crianças participem dos jogos, quer estimulando os inibidos ou refreando os excessos dos mais irrequietos. O professor será o modelo de justiça, de firmeza, de lucidez de espírito e, particularmente, de tolerância. E ele quem deterá condições mínimas para dirigir os jogos: proceder sempre com alegria e entusiasmo; colocar-se quando necessário ao nível da condição infantil; porém, ser ele o educador, atuar com justiça, evitando preferências individuais; saber deixar as crianças jogarem sem sua intervenção, quando essa não for necessária, ganhar e merecer a confiança das crianças; prestar atenção a todos e a cada um; não permitir que as crianças façam trapagens; usar o estímulo e a tolerância como as melhores armas educativas.

Com a evolução da criança e o avanço no desenvolvimento de seus domínios, temos o aparecimento da competição esportiva, ainda que em sua feição escolar, quando se disputa um jogo com elementos da mesma turma, ou de classes ou turnos diferentes.

No entanto, o compreender o processo de competição, leva-nos a analisar não somente o referido processo social, mas também

outros relacionados. Assim, a competição é um processo social em que dois ou mais indivíduos confrontam-se e ambos se esforçam para conseguir um mesmo objetivo (Fichter, 1973) ou, mais simplesmente, é uma forma fundamental de vida em grupo (Mauler, 1985). Ogburn e Ninkoff (1953) afirmam que a competição é a forma fundamental de luta social, ocorrendo todas as vezes em que há um suprimento insuficiente de tudo quanto deseja o ser humano. Devemos entender que o uso da palavra insuficiente é no sentido de que todos não podem possuir a quantidade que desejam de alguma coisa, a vitória da mesma partida, os mesmos pontos de um mesmo jogo. Temos ainda que a competição, como a cooperação, são expressões "naturais" da vida em sociedade; basta viver em sociedade para interagir, e quem interage, necessariamente estará competindo e cooperando com o desenvolvimento do outro, de uma maneira geral.

Ou ainda podemos observar a competição como luta pela existência, no sentido biológico e como processo que visa o "status", no âmbito social. Gould (1984) afirma que no passado a competição foi definida de várias maneiras, sendo hoje largamente aceita uma definição dirigida à comparação social. O mesmo autor vê a competição como aquelas atividades dirigidas mais ou menos, consistentemente em direção ao alcance de um padrão ou meta, na qual a "performance" da pessoa ou de seu grupo é comparada e avaliada com relação a de outra pessoa ou grupo selecionado.

O processo da competição está relacionado a outros processos sociais e a cooperação é um desses processos de vida

grupais relacionados à competição; cooperação e oposição são expressões "naturais" da vida em sociedade. Sabemos que, quando homens trabalham juntos, tendo em vista um objetivo comum, seu comportamento é chamado cooperação; neste caso os indivíduos em cooperação executam todos juntos a mesma coisa, de forma a desempenharem funções idênticas. Existem diversas diferenças entre trabalhar juntos pelo prazer e o de trabalhar junto por existir uma vantagem real em dispor de auxílio numa tarefa.

Por outro lado temos um processo social dissociativo que está intimamente ligado à competição, e que precisa ser esclarecido, para que não ocorra confusão com o conceito de competição: o conflito, que é uma competição consciente entre indivíduos ou grupos que visam a sujeição ou destruição do rival. Na maioria das vezes, o conflito brota da competição, quando a atenção é centrada primariamente na parte contrária, diferente do que ocorre com a competição, onde ambas as partes dirigem-se primariamente ao objeto que desejam alcançar e, apenas secundariamente, às próprias partes (Fichter, 1973).

Analisando os processos, notamos que a competição leva-se a cabo de uma forma pacífica e segue regras formais que os outros processos dissociativos, no qual existem "regras de jogo", explícitas ou implícitas, observados pelo indivíduo ou grupo em competição, com o desenvolvimento da atividade.

O jogo é a atividade motora mais natural da criança e do jovem; nele são realizados movimentos instintivos e são empregadas energia de modo desinteressado, sendo assim ideal para

seus desenvolvimentos e formação. O jogo é um fenômeno, uma atividade cognitivo-motora-afetiva natural e vinculada à infância que não é mais do que uma das maneiras de alcançar múltiplos horizontes em suas plenitudes, através de projetos organizados por professores competentes.

Segundo estudos de ANGEL (1989), o jogo é uma atividade lúdica de breve ou média duração, enquanto o desporto é realizado em grande duração; as regras serão simples nos jogos, ao contrário da complexidade própria das utilizadas pelo desporto. Por outro lado o desporto cobra um esforço agonístico e o jogo um esforço espontâneo e natural.

A competição escolar permite aos seus adeptos realizar um processo avaliatório, em si próprio e nos companheiros e adversários, bem como favorece o reconhecimento de progressos individuais e coletivos, se bem orientada e conduzida.

A prática competitiva escolar, quer seja a inicial ou a disputa final de títulos, variando o nível técnico-desportivo dos seus executantes, oferece evidências de aquisições qualitativas nas capacidades humanas necessárias para a prática ideal do esporte, uma vez que são constatadas as tentativas de superação própria, através de aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades e de todo um processo criador de novas experiências, novos conhecimentos e novas necessidades que, por se tratar de um processo dinâmico e de intervenções constantes, cria condições para a existência de novos contributos de todas as áreas do saber humano, originando novas situações, novos fatos sociais de

cultura, Este é um dos filhos que a escola terá que melhor utilizar, uma vez que o contexto cultural do processo competitivo escolar tem recebido um tratamento intencionalmente alienante e desprezivo, conforme observaremos em nossos estudos.

Tal dimensão será melhor ou pior tratada na medida em que os desporto como um fenómeno sócio-educacional seja ou não colocado à serviço do homem; o ato de considerá-lo um fator de transformação das relações e estruturas sociais e de tê-lo como um dos importantes meios de libertação será de grande valia para aquele que orienta e vive a competição escolar, lucidamente.

Cremos que tal alcance cultural resultará mais evidente e acentuado se a participação crítica for desencadeada pela orientação educativa e formativa inculcada na prática desportiva. O atleta e o aprendiz tem de desenvolver as suas capacidades de observação e de interpretação dos sinais que lhes permitam avaliar o grau de evolução em que estão e com que velocidade se deslocam para o alcance de seus objetivos, isto pode ser trabalhado em situações de competição escolar, se ela for bem conduzida, não dando excessivo valor a eficiência da execução ou ao total de pontos conseguidos, mas ao aproveitamento do conjunto de informações recebidas antes, durante e após o momento competitivo. Quer sejam elas técnicas, táticas, sociais ou de outras ordens quaisquer.

"Mas como é vista a competição escolar pelos seus integrantes? Como o professor trabalha a idéia do competir, o que vem a ser "educar pelo jogo"? O objetivo a que se propõe atingir, na competição,

e o expresso ao aluno? Em entrevistas e diálogos, bem como em observações feitas da prática profissional, conseguimos nos defrontar com situações tais como: "O importante é competir. Desde que se saia vencedor ..."
(professor 01)

"A Competição serve para mostrar ao meu diretor que eu dou duro em minhas aulas ..."
(professor 03)

"Competir é bem mais do que simplesmente jogar: é mostrar a força e a garra que se desprende no combate ao adversário e vencê-lo a todo custo, nem que seja preciso roubar ou brigar ..."
(professor 02)

"Gosto da competição pelo seu poder de unir as pessoas em um mesmo ideal: todos querem ganhar. Dai, os mais espertos levam a melhor ..."
(professor 05)

"Tenho medo da competição, porque nem sempre podemos controlar os impulsos de nossas crianças e corremos o risco de sermos mal interpretados em nossas propostas educacionais..."
(professor 04)

"Acredito que o ato de competir é muito mais para finalizar a temporada do que para despertar atritos. Mas os demais professores da rede não pensam assim e meus alunos, infelizmente, levam a pior em se tratando de relacionamento, porque ganhando ou perdendo os jogos ainda recebem uns safanões dos adversários .. e o que é bem pior: a mando de seus professores, que querem a vitória acima de tudo ..."
(professor 07)

Avançando, temos que os alunos também se posicionam diante do aspecto competitivo dos jogos escolares, com visões que pouco diferem das emitidas pelos seus professores, ou até

mesmo reforçadas pelos gestos e opiniões apresentadas pelos seus dirigentes.

"Gosto de competir para mostrar pros meus amigos que nois é forte mesmo. Quando nois perde no campo, nois ganha no braço ... " (aluno 01)

"Se a gente ficar campeão o homem falou que vamos ter dois dias de feriado, então temo que ganhar de qualquer jeito ... " (aluno 03)

"Não sou afins de jogar contra os outros ... sempre fica aquela zoeira, antes, durante e depois do jogo e a gente fica nervoso e pode brigar com nossos amigos que estudam em outras escolas ... " (aluno 02)

"Gosto de competir para mostrar que a gente treinou duro, por isso está melhor que os outros; para encontrar com colegas de outras escolas e outras cidades e para poder não ir prá escola, no dia do jogo. Daí, quando a gente chega, no outro dia, as minas perguntam tudo prá gente ... " (aluno 05)

"Vale a pena competir, quando tem bom juiz, bom adversário, boa torcida e a gente consegue fazer tudo que o professor ensinou, mesmo que a gente não consiga marcar um ponto no adversário ... " (aluno 06)

"Eu acho interessante a competição porque, as vezes, a torcida dos outros vibra pela gente e nem sempre é preciso ganhar. Nosso professor falou que, se jogarmos bonito, sempre teremos convites para novos campeonatos ... " (aluno 08)

"Eu sou bom jogador, mas erro tudo no dia da competição. O professor disse que sou bundão e que vai me deixar de reserva, só prá passar vontade ... " (aluno 06)

O que se observa, tanto em turmas de treinamentos, como em jogos entre classes ou entre escolar é que uma primeira preocupação fica mesmo por conta do jogar para ganhar, seguida da intenção de se fazer um bom papel, uma bela figura. E isto é evidente entre ambos os sexos, em qualquer das séries estudadas. Durante nossos períodos de observação pudemos constatar que os ânimos apenas se exaltavam quando se jogava contra alguém, quando se tinha trabalhado o grupo para a conquista do resultado ou, ainda, quando se tinha medalha ou troféu em disputa. Por outro lado, ficou-nos sugerido que a competição bem planejada anteriormente, com recomendações quanto ao nível técnico e tático, com fins outros que não o de ganhar a qualquer custo e que se realizasse em clima de confronto tático teria um desenvolvimento a nível de ideal, uma vez que o constatado é que os alunos atendem às diretrizes de seus professores e que apenas se exaltam quando estimulados para isto.

"Meu professor sempre diz prá nós não levar vergonha para fora da quadra; lá nos representa a escola e temos que dá o melhor de nós. Então é ganhá ou ganhá, certo? ... (aluno 09)

"Lá na escola a gente aprendeu uns jeito de dar toco sem o juiz perceber. A professora mandou nós ser esperta. Eu até já treinei e deu certo ... (aluno 07)

Em direção oposta a estes enunciados, também constatamos situações em que o próprio professor refuta a participação aguerrida de seus comandados, prestando informações e instruindo para o jogo limpo.

"Nos temos um bom time, com condições de ganhar o jogo, sem apelar. Se, por acaso perder, voltaremos a treinar mais até ganharmos deles. Lembrem-se: sem apelação ..."
(professor 04)

"Interessa ganhar, mas se não der, não quero briga, choradeira e cara feia. Vamos lembrar que só um vai sair ganhando e vamos torcer para sermos nós, sem histeria ..."
(professor 06)

Neste conjunto de idéias divergentes temos que perceber que todo o grupo de alunos envolvidos num programa desportivo, que compete por uma agramiação, instituição ou escola está sujeito a outros elementos influenciadores de condutas, que não apenas o seu professor: a própria família, os amigos, os adversários, a arbitragem são elementos de muita força, no espetáculo esportivo quer seja ele educacional ou deseducacional.

Tal informação tem um caráter marcadamente forte, se formos analisá-lo do ponto de vista de importância, para o processo educacional e suas implicações psicológicas. Conforme Almeida (1990) constata em sua tese, três tendências reforçam o objetivo de educar, e a competição escolar precisa assumir sua real validade para que possa vir a ser aplicada de forma a interferir no processo educacional como um todo, sem se esquecer da atração exercida pelos pais (primeira tendência), da influência sentida e incorporada nos períodos escolares (segunda tendência) e da pulsante necessidade de responder aos anseios do grupo social em que se vive (terceira tendência).

Em nossas visitas e entrevistas, com professores e alunos das escolas sorteadas, pudemos observar que a prática da competição, tal como tem sido trabalhada, apresenta uma distorcida idéia do que seria uma competição à nível escolar, aquela em que se identificaria o coroamento do processo ensino-aprendizagem, ou que criaria situações de análise e superação das habilidades que os demais elementos de uma equipe viessem a apresentar ou, ainda, o momento de se poder estravazar as energias e crescer junto com um companheiro que apresente mais técnica ou decisão, no momento esportivo; seria o momento em que se demonstraria haver retido ensinamentos teórico-práticos, incorporado o significado das regras do jogo, compreendido o significado de vida em grupo e bem-estar, além de vivenciar esta compreensão de forma a não molestar a integridade física, mental e moral do companheiro (além da sua própria).

Penetrando por este estranho labirinto educacional, que é a competição escolar, fomos nos confrontar com alguns fatos que merecem maior atenção e investigação, com o intuito de melhor poder estudar o fenômeno. Buscamos observar, entrevistar, conviver, participar das explicações, registrando nossas impressões, de imediato, para podermos garantir a fidelidade do objetivo de estudo em questão.

Os responsáveis pela prática do esporte escolar e pelo gerenciamento da mesma, uma vez que ministram aulas nas dependências escolares, são profissionais habilitados para a função que exercem; então, são pessoas que podem compreender, com

clareza as características fundamentais que envolvem uma situação competitiva. Isso deve assegurar uma atitude efetivamente educativa, de modo a diminuir comportamentos inadequados. Sendo assim, como fica a competição escolar e a ansiedade?

"Gosto de criança bem disposta, bem viva, bem fria. Assim, não fica aquele lenga-lenga de ter medo, amarelão ou insônia, antes e durante o jogo. Meu time é time de macho ..."
(professor 09)

"Gostaria que elas jogassem como as meninas do B.C.N., afinal, treinaram para isso, mas são umas molengas ..."
(professor 08)

"Eles têm que dar o máximo de si. Para isso estão preparados, treinados e informados. Mas, deixo esta parte com eles: cada um vai até onde a cabecinha aguenta, se eu percebo que um ou outro está se excedendo, se tornando irritado, ansioso, faço uma substituição e procuro controlar a situação, no banco de reservas. Não quero que meus alunos sofram por um jogo escolar ..."
(professor 10)

A respeito da competição, há a necessidade de que tenhamos domínio sobre a conceituação que a envolve, bem como as manifestações destes enunciados. Assim, é de grande importância saber o significado e a forma de manifestação da ansiedade, do stress, da euforia, do medo ...

O estado de ansiedade, que é definido como sentimento consequente de nervosismo, apreensão, tensão ou combinação destes fatores, está acompanhado por uma ativação fisiológica do jogador. As medidas do estado de ansiedade incluem, mensurações

fisiológicas como batimento cardíaco, respiração e secreção da glândula sudorípara digital. Pode, também, ser medido através das escalas sel-report, que pedem respostas para indicar o quanto os competidores estavam calmos ou não, apreensivos ou não naquele momento particular (Gould, 1984).

No entanto, o traço de ansiedade é definido como a disposição da personalidade, que faz com que um indivíduo perceba situações de avaliação como mais ou menos ameaçadora, e responda com vários níveis de estado.

Já o stress difere da ansiedade e é definido como um processo geral que envolve a percepção de um balanço substancial entre a exigência do meio e a capacidade de resposta, sob onde a falha em cumprir a exigência é tida como responsável por importantes consequências maléficas ao rendimento esportivo geral e é respondido com níveis de estado de ansiedade aumentados. Podemos dizer que o nível de traço de ansiedade de uma criança influencia o grau com que ela percebe situações como ameaçadoras, enquanto que estado de ansiedade é frequentemente a resposta emocional, produzida no processo de stress (Gould, 1984).

Ao pensarmos a respeito da competição para crianças, surge uma grande questão: será que os atletas jovens são colocados sobre grande stress emocional?

"... não sei, mas acho que fico mais ansiosa que elas, sofro demais, me faz mal. Eu até não gosto de participar destes jogos. Nunca perguntei se elas ficam assim, não saberia o que dizer ..."
(professor 03)

"Antes dos jogos eu pergunto se eles querem participar. Procuro informar sobre os anos anteriores e faço um levantamento de nossa equipe, nossas chances, nossas vantagens. Não gosto de trabalhar com incertezas e cobranças, talvez por isso minhas turmas são tranquilas, têm um bom desempenho e não se desgastam tanto..."
(professor 07)

Tantas idéias conflitantes são demonstrativos evidentes de formações diferenciadas ou, até mesmo, de importâncias e valores outros, que cada profissional dá ao seu trabalho. Apenas sabemos que, em um sistema de trabalho baseado no lema único."ganhar ou ganhar", não é mais adequado para uma vivência equilibrada e saudável.

Quanto há um envolvimento seguro, esclarecedor, valorizador, os professores têm maior chance de atingir um bom desempenho de seu trabalho junto ao seu grupo. Haverá, certamente, um elo de ligação entre o treinar e o competir, sem que seja criada a incerteza sobre questões básicas de aprendizagem ou de resultado, uma vez que este será a consequência do processo ensino-aprendizagem, tão pouco será instalado o pânico da importância do resultado, que são as causas básicas da ansiedade.

Com relação a este assunto, é interessante a posição dos alunos envolvidos com a situação da competição escolar:

"Antes do jogo o professor fala prá nós fazer aquilo que nós sabe. Sem esquentar a muringa. Se der prá ganhar, deu ... ele não gosta que a gente tenha medo dos outros times, nem que a gente

fique nervoso. Por isso a gente treina sério e dá duro, no dia da competição. Sem terror ..."
(aluno 31)

"Eu só jogo porque, daí, o professor não enche o saco com falta. Ele é mais exigente que o técnico do clube que eu treino: fica falando prá ganhar, fica ameaçando a gente ... e, no dia, o time já chega na quadra branco. Ele grita, grita, grita e nós não conseguimos jogar. Meu outro técnico disse que é por causa do professor que a gente perde ..."
(aluno 01)

"Nosso professor é gente fina. Ele dá conselhos, ensina, mostra como faz e, quando vê que estamos nervosos, antes do jogo, conversa com um por um de nós. Acho que, por causa disso, até ganhamos. Ele diz que não temos compromisso com o resultado, mas devemos fazer bem feito porque foi assim que aprendemos. Ele é cuca fresca..."
(aluno 52)

Estudos afirmam que a competição é uma fonte inesgotável de ansiedade, levando seus participantes diretos e indiretos a um estresse comparável à situações altamente desgastantes; quando mal gerenciada, será uma das causadoras de maior incerteza sobre a capacidade de ser capaz de enfrentar as exigências do jogo e atingir o melhor resultado. E mais, quanto maior for esta incerteza, mais elevada será a ansiedade decorrente.

Conforme verificamos nas falas apresentadas, a preocupação com o ganhar, com o sucesso, com o ser melhor, é muito veiculada; sendo assim, durante a preparação do grupo, ou mesmo durante e após o período competitivo, seria saudável que os profissionais da Educação Física buscassem um cuidado com o tipo de emoção que desencadeiam com suas palavras e atitudes, cuidando

para não aumentar a incerteza e o valor do resultado do jogo, no qual estarão envolvidos.

O fato dos indivíduos terem suas características próprias, distintas de todos os demais já garante, de certa forma, um processo naturalmente seletivo, em que se despontará o mais capaz, mais hábil, mais amadurecido, diante dos padrões motores exigidos para aquela prática desportiva. Isto acontece tanto na escola como no clube, com igual intensidade.

Ser biologicamente mais maduro é um indício de participação em competições escolares, sem se discutir o equilíbrio entre os desenvolvimentos afetivo-psico-motor-cognitivo. É tão significativo o "ser grande" e o "ser forte", que por si só exclui os demais alunos da turma, selecionando sem eliminar.

"Vou ser o campeão de basquete, claro. Olha o tamanho deles ... são uns animais ... aquele garoto tem 11 anos e calça 42 ..."
(professor 06)

"Infelizmente eu escolhi as meninas mais fortes, porque jogadora de Handebol tem que aguentar pancada e saber se defender ... as outras (...) fazem G.R.D. ..."
(professor 08)

"Eu entro em conflito interno cada vez que preciso montar uma equipe: os mais fortes ou mais hábeis ou todos, sem diferenças? Na faculdade a gente é embebido por um discurso que não tem eco, na vida prática. Se coloco apenas os mais fortes, estou discriminando, o mesmo se dará com os mais hábeis."

Difícil é ser respeitado por eles ..."
(professor 06)

Selecionar os alunos que passarão a receber treinamentos é uma tarefa muito difícil, uma vez que é imprevisível, a olhos nus, garantir quais deles terão um crescimento e desenvolvimento adequados ou compatíveis com esta ou aquela modalidade. Em um centro de treinamentos, com modernos laboratórios e profissionais competentes, seria possível tal projeção, mas numa escola de primeiro grau, da rede oficial de ensino, esta tarefa fica por conta da livre escolha dos alunos e dos seus professores.

"Eu não gosto de Volei, mas a mulher falou que eu sou uma vareta e que tenho jeito. Não sei fazer toque nem manchete mas, quando chego na rede, estrago com as adversárias..."
(aluno 13)

"Eu sou reserva. Meu professor disse que, quando eu crescer, terei chance de ser titular, porque sou craque, mas ainda sou pequeno e..."
(aluno 11)

"A professora falou que eu vou fazer ponto nos arremessos, mesmo sem saber jogar o disco e o dardo, porque ninguém vai querer competir comigo ... olha meu tamanho ..."
(aluno 18)

" ... sou pequena, mas ninguém ganha de mim, na corrida ..."
(aluno 41)

"Eu treinava toda aula, até que apareceu aquele cara de camisa azul. Ele é maior que eu e o professor falou que vai ficar com ele, porque impõe mais respeito. ..."

(aluno 16)

"Você já viu os outros times? São maiores que nós, mas a professora falou que somos mais rápidas e mais técnicas. Ela disse que tamanho não ganha jogo ..."

(aluno 32)

O fato de participar de um campeonato, em que se tem por princípio que se deve vencer, não anula a premissa de delicadeza psico-pedagógica, que garante aos mais aptos a oportunidade de demonstrar suas potencialidades, mas que assegura, igualmente, aos outros o tempo suficiente para sua progressiva maturação. E isto vem se chocar contra os padrões de selecionamento que encontramos no ambiente escolar.

Talvez, por causa destes critérios discutidos anteriormente, venhamos a encontrar situações de auto-eliminação, que são difíceis de serem controladas e trabalhadas. Ela são resultados de uma má condução psico-pedagógica e conduzem ao desrespeito aos interesses básicos da criança e do jovem em questão, em sua maioria das vezes.

Muitas são as vezes em que as crianças se interessam pela prática da modalidade, predispõem-se a treinar e a competir, mas não seguem seus caminhos normais de treinamentos e disputa de posições, quando percebem que o critério de seleção é o do esteriótipo: alto, grande, forte. Como fora em Esparta, um dia ...

"Não venho sempre porque não tenho chances. A professora falou que sou baixinha ..."

(aluno 33)

"Quanto eu estava na 4a. série, era a maior da turma e o professor me chamava prá jogar com os da 6a. série. Agora tem nego maior e eu fico de fora ... um dia da caça, outro do caçador, o professor disse ..."

(aluno 26)

"Antes eu não jogava porque era pequeno, agora sou grande e ruim ... ninguém me escolhe e eu fico de fora. Acho que não sirvo pró esporte ..."

(aluno 55)

"Até que eu gostava de salto em altura, treinava e competia. Daí começaram a me chamar de perna-de-pau e meus pais não querem que eu venha mais ... eu também não quero ..."

(aluno 15)

Podemos compreender o motivo que tira muitos potenciais das quadras de esporte, se buscarmos entender profunda e seriamente os depoimentos relatados acima: os aspectos desagradáveis e os mefícios da prática a que se submetiam eram maiores que os momentos prazerosos. Mas este fenômeno não é exclusividade dos que têm um amadurecimento lento (ou normal): os desenvolvidos biologicamente sofrem as mesmas admoestações:

"Quantas vezes vou ter que repetir, seu cavaleiro!!! Só tem tamanho..."

(professor 09)

"O que você tem na cabeça? Olha o seu tamanho perto do dele ... não tem vergonha de perder prá um anãozinho daquele?"

(professor 05)

"Tá branca porque? Medo daquela coisinha? Se enxerga ... olha o tipinho dela ..."
(professor 08)

"Se você, com seu tamanho, não ganhar, quem vai ganhar?"
(Professor 03)

Ser bem sucedido é um desejo de todos, principalmente numa competição escolar, que sofre apreciação favorável por todos os elementos deste grupo social. É uma maneira de garantir o status social junto aos pares, aos professores e demais adultos que circulam pelo ambiente escolar.

A recíproca é igualmente verdadeira, desestimulante, ameaçadora e compromete o desenvolvimento afetivo equilibrado. Em verdade, um comentário desagradável ou uma avaliação pouco lisonjeira é o suficiente para ser entendido como ameaça à oportunidade de continuar a treinar ou a competir.

Isso se passa desta forma porque, afetivamente, ninguém se sente a vontade ao perceber ou constatar que perdeu, ou está prestes a perder, o reconhecimento, o afeto, a dedicação de outros. E a gravidade deste sentimento é tanto maior devido ao fato de ser manifestado por um adulto que desempenha um papel significativo na vida da criança: seu professor de Educação Física.

Os estudos demonstram que a competição entre grupos ou entre indivíduos dá lugar a maior dispêndio de esforço do que quando o elemento competitivo está ausente. A competição com

outros também é mais produtiva do que o esforço do indivíduo para ultrapassar seu próprio recorde (Cratty, 1970).

Além disso, Ogburn e Ninkoff (1953), concluíram que os indivíduos geralmente desistem de levar seus esforços ao máximo quando sentem que os adversários são bons demais para eles, enquanto Pierson (1962) afirma que o indivíduo (ou grupo) se mostra desejoso de entrar em competição com os que considera superiores, mas nunca com os que considera inferiores. Estas experiências e afirmações vêm de encontro com a posição de Combs (1957), que sugere como um dos mitos da competição a crença de que ela é uma poderosa força motivadora, quando na verdade, motiva apenas aqueles competidores que percebem terem chances reais de vencer; os demais ignoram a competição.

Ao se discutir a questão da competição no processo ensino-aprendizagem um ponto a ser considerado é a competição como forma de auto-conhecimento. Para Belbenoit (1976), o desportista procura no desporto e na competição o prazer de se sentir forte física e moralmente, de se ultrapassar, de superar o obstáculo exterior e vencer o adversário escolhido. Mas, o professor precisa ser o agilizador do processo...

"Você tem que parar, mesmo. Só erra ... desse jeito não dá ..."
(professor 05)

"Do jeito que ela está jogando vai acabar perdendo a posição prá nanica ..."
(professor 01)

"E; não sei mais o que fazer para você melhorar. Porque você não tira umas férias, quem sabe volta melhor ..."
(professor 05)

O professor de Educação Física tem que perceber até quando a competição está auxiliando o aluno para conhecimento próprio. Sobre a problemática de forçar as pessoas a competir com o intuito de conhecimento próprio, podemos citar as afirmações de Gould (1984), no que se refere aos padrões de julgamento do desempenho pelos alunos. Segundo o autor, a literaturam mostra claramente que as metas difíceis, mais realistas e atingíveis resultam em ótima motivação e melhor "performance", problema surge quando professores e pais têm expectativas irreais de valor atlético da criança e fazem metas irreais.

Forçar pessoas a participar de competições esportivas ao invés de participação espontânea, pode apenas resultar em desencorajamento, concluindo que pessoas não aprendem a se sentirem capazes por repetidas falhas. Sabe-se que, para ocorrer uma atuação esportiva agonística, precisam ser levados em consideração quatro elementos fundamentais: personalidade ajustada, carga agressiva equilibrada, resistência às frustrações e estabilidade emotiva. A competição exige a presença do outro, nenhuma criança poderá sair vencedora em um jogo se não houver uma outra que esteja competindo com ela, concluindo que, nesse sentido, a competição ganha característica de verdadeira

cooperação.

Entretanto, por parte dos alunos-atletas, aquelas falas anteriores que poderiam ter uma valorização relativa, têm uma interpretação mais séria, uma vez que a avaliação do professor é um fator de grande importância:

"Não venho mais ... ele vive dizendo que eu sou burro e que perco prá uma tartaruga ..." (aluno 65)

"Até acho que ela tem razão ... talvez não volte mais. Já não sou mais a melhor da equipe ..." (aluno 46)

"Vou pedir pró meu pai vim falar com ele. Quando eu jogo bem, não diz nada. Quando a equipe perde, mete a boca ... assim não dá ... (aluno 22)

"Acho que já deu ... ele vive dizendo que os pivetes da 5a. série são melhores. Fica com eles, então ..." (aluno 49)

Esta constrangedora situação apenas pode ser alterada se os professores, que trabalham com a competição, souberem manifestar aos seus alunos-atletas que seus valores não dependem de seus desempenhos, mas de suas atitudes positivas, de suas participações, independentes dos resultados conseguidos.

Desta maneira, é indispensável considerarmos alguns aspectos de caráter psico-pedagógicos no que diz respeito à comunicação e a liderança. Nem toda comunicação, emitida pelo

professor, encontra respaldo e pronta aceitação, isto é sinal de que, para ser seguido e ouvido, é preciso ter um mínimo de liderança sobre o grupo.

Conhecer o nível de desenvolvimento dos alunos e oportunizar, com bastante flexibilidade, o melhor desempenho deles é, sem sobra de dúvidas, uma das tarefas essenciais do professor que se sente direcionado à educação de seus liderados. Para que esta missão atinja seu objetivo, a relação professor-aluno não pode se resumir apenas a uma transmissão e recepção de informações. Necessariamente ela será uma ação dinâmica de pensamentos, opiniões, sentimentos, chegando a ser conflituosa, em algumas vezes.

O ato de administrar e orientar grupos de treinamentos baseia-se, essencialmente, na constante comunicação e relacionamento entre praticantes e professor. São estes fatores que dão vida ao processo de liderança. Muitas informações recebidas são distorcidas em suas idéias básicas em decorrência da natureza eminentemente individualizada, daquele que a recebe.

Isto implica numa disponibilidade e habilidade para estabelecer comunicação significativa e atender a algumas regras de relacionamento interpessoal. A sensibilidade do comunicador tem papel marcante em seu desempenho como líder de grupo.

"O cara é jóia. Bateu um papo comigo e depois com o time e eles pararam de pegar no meu pé ...
(aluno 61)

"Quando as coisas não dão certo, o professor dá um esporro e diz que quem manda aqui é ele. A gente fica quieto, sem fazer nada, mas não aceito o jeito dele ..."
(aluno 38)

"Ela é gosada. Pede nossa opinião e depois faz do jeito que bem entende. É mandona e trapaceira ..."
(aluno 38)

"Ele é estranho: parece que tem medo de falar com a gente. Dá ordem e não explica por quê, a gente só obedece porque ele é o professor, sendo ..."
(aluno 14)

Realmente a coerência e a justiça no tratamento dos alunos-atletas amplia o relacionamento, criando laços afetivos mais fortes e duradouros, mas não advém de um tratamento igual a todos e, assim do uso de um mesmo estilo de liderança para situações idênticas. É necessário notarmos que, na verdade, a incoerência e a justiça existem quando se trata de maneira igual a pessoas diferentes.

"Caso o adversário seja muito fraco, nós jogaremos com alguns reservas, não vou permitir que vocês menosprezem os adversários ..."
(professor 02)

"Se o Volei não tem uniforme novo, o Basquete também não terá ..."
(professor 08)

"... então, nós vamos discutir o assunto e, juntos, tomaremos a melhor atitude para o grupo ..."
(professor 05)

"Eu penso assim e pronto."
(professor 01)

"Acho melhor falarmos com seus pais, primeiro.
Com base naquilo que for proposto, a gente
escolhe que caminho tomar ."
(professor 10)

Fica claro que, a liderança efetiva é algo que se faz com pessoas e, em função disso, é imprescindível que se estabeleça acordos entre as partes envolvidas, para se descentralizar o foco de mando ou direcionamento. O fato de termos a anuência de outros elementos do grupo servirá de fortalecimento da ação e de base motivacional para o desempenho, tanto da tarefa como dos indivíduos.

Este é o motivo pelo qual computamos como fundamental a qualidade da orientação e intervenção de adultos, sejam professores, pais, treinadores, dirigentes que estejam envolvidos na prática da disputa desportiva escolar. Sabemos que a forma como as crianças e jovens tomam contato com o desporto influencia decisivamente o futuro destes participantes nas suas capacidades gerais, no gosto pelo desporto e na atitude perante a prática desportiva. E mais, tal influência virá a ser interpretada e comparada com outras mais, resultando numa tabela de valores interiores, que será utilizada para futuros julgamentos e desempenhos.

"Foi o senhor que ensinou. Da outra vez o senhor mandou fazer falta e tentar ganhar de qualquer

jeito .. eu pensei que hoje também podia ..."
(aluno 63)

"Se contra a escola X era para dar duro e eles eram mais fracos que a escola Z, agora nós entramos para rachar e vencer. O senhor não falou nada, antes do jogo ..."
(aluno 58)

"Lembrei do que a mulher falou o mês inteiro e procurei mostrarr que era capaz, mesmo com aqueles cara gritando palavrões ... ela tinha razão: eu joguei o péso lá longe ..."
(aluno 24)

"Não adianta querer armar na nossa cabeça, nós não vamos brigar. A gente veio prá jogar e nosso professor disse prá nós não esquentar com os xingos de vocês ... Agora é hora de jogar, pode desisti ..." (aluno 20)

"... e eu fico ouvindo. Sabe, dali do gol a gente ouve tudo e vê tudo. Mas eu lembro do que o professor conversou com a gente a deixa barato. Briga não vai dar resultado prá ninguém ..."
(aluno 44)

Não em função do estigma que a Educação Física arrasta pelos corredores educacionais, mas em função do desenvolvimento do individuo, nos aspectos físico, social, afetivo e intelectual, é pouco aconselhável que as crianças se dediquem demasiadamente ao esporte, pondo em prejuízo demais planos de sua vida, igualmente importantes para seu equilíbrio.

O abandono precoce é um dos sinais do igualmente precoce excesso de treinamento. A saturação da modalidade ou da situação estressante de competição, ainda que em nível escolar, pode

ocasionar a apatia ou antipatia pela prática esportiva. Como também pode sugerir o desconhecimento, ainda que superficial, de outro mundo que não o esportivo ou competitivo, desprezando, desta forma, as demais áreas de desenvolvimento humano.

"Vamos treinar até morrer. Podem avisar em casa que, até o campeonato, vamos treinar todos os dias, com sol ou chuva. Já avisei a diretora e falei com os outros professores. Depois vocês repõem as aulas, o campeonato, agora é a coisa mais importante..."
(professor 02)

"Aproveitem para sair agora, para estudar tudo agora ... na época dos treinos intensivos é só Voleibol e mais nada."
(professor 07)

"Cuidado com o estudo. Só o esporte não vai dar futuro para vocês ... vejam quantos Pelé nós temos e quantos pobres... Vamos treinar, jogar e estudar."
(professor 10)

"Acho importante vocês pedirem para a professora de Ciências conversar, em sala de aula, sobre a alimentação do atleta. Assim, além de aprenderem algo novo, cuidam de suas alimentações."
(professor 04)

Os esportistas, para uma evolução técnica e tática, necessitam receber orientações claras e concisas sobre seus comportamentos e desempenhos e os elogios e repreensões são duas formas de se procurar as melhores atitudes para o progresso dos praticantes.

Tais formas, quando bem trabalhadas, auxiliam no

desenvolvimento de atitudes saudáveis diante da vitória ou da derrota, mesmo quando todos querem sair vitoriosos, ou pensem na vitória, apenas. Acreditamos ser claro o princípio de que todo o professor e técnico treina seu grupo de alunos, para uma competição qualquer, um confronto entre indivíduos que têm como objetivo a vitória.

Esta paixão única dos opositores é real, uma vez que buscaram melhorar suas performances, em longas e contínuas aulas específicas da modalidade, conferindo à vitória uma importância relevante. Supomos ser importante explicitar que as crianças e jovens, quando libertos da intervenção de adultos, praticam o esporte para poderem estar com seus pares afetivos e, juntos destes, experimentarem situações de êxito ou fracasso e manifestarem seus espíritos lúdicos.

Em contrapartida, a ênfase focada ao resultado vitorioso e a pressão é vivenciada ao lado de adultos que apenas reforçam a vitória, como meta final. Professores ou treinadores querem ganhar a todo o preço, para poderem mostrar seus trabalhos e validarem seus métodos de treinamentos, como uma vaidade pessoal e profissional; pais e parentes anseiam por ver os filhos executarem manobras táticas que eles próprios, como adultos, já não conseguem fazer, ou brigam para ver os filhos subindo ao pódio, como campeão, a qualquer preço.

"Meu pai falou que, se é para ser vice, ele não vai nem ver o jogo."
(aluno 43)

"Agora é hora da porca torcer o rabo: ganhar a todo custo ..."
(aluno 27)

"Nessa escola o lema é participar. Se der prá vencer a gente fica contente, se não der ... vamos treinar mais e vencer na próxima. O professor fala isso todo o dia e a gente se esforça mais para jogar bem ... quem não quer ganhar?"
(aluno 29)

"Chega de perder pró Colégio W. Esse ano nós vamos com tudo: torcida, pai, mãe, amigo ... até o diretor vai. A professora disse que se nós perdermos a batata vai torrar ..."
(aluno 12)

"Valeu a pena ter disputado, apesar de ter perdido. Pelo menos vimos que temos que levar os treinos a sério e a dar mais valor ao que o professor fala."
(aluno 54)

O corpo docente é igualmente dividido em suas colocações, uma vez que, em sua composição, temos desde a supra valorização do vencer até o simplório ideal de "jogar por jogar", despojado de uma ideologia explícita e falsa consciência.

"Montei turmas de treinamento prá ganhar. Isso de "importante é competir" é bonito prá fazer discurso."
(professor 01)

"Eu acredito que assim eles vão aprender a lutar para ganhar sempre, na vida. Eu acho que a vida é assim e a escola tem que preparar para a vida: tem que ser vencedor."
(professor 03)

"Nos JEEESP eu fico meio cabreiro: o diretor acha que se vai entrar, tem que ganhar (... pra fazer moral na Delegacia de Ensino e fazer o nome da escola...), os pais vão torcer pra ver os filhos ganharem, e eu não consigo dizer que não é este o meu objetivo. Claro que gostaria de vencer, mas o meu objetivo não é apenas ganhar. Existe muito mais coisas rolando por trás de uma competição escolar, só não vê quem não quer ..."
(professor 06)

"Sou chata, implicante, dou duro, grito e exijo muito respeito, na hora de treinar. Durante a competição sou outra pessoa, elas até comentam ... Na competição eu procuro demonstrar calma, tranquilidade, segurança, encorajando-as, sempre. Se ganharmos, será uma recompensa geral, caso contrário, valeu a experiência ... o que eu posso exigir de alguém, além de seu empenho em se superar?"
(professor 04)

E muito constante que o perder esteja relacionado com o errar. Um erro está sempre relacionado com um fracasso, com um atributo negativo, desprezível e intolerável e que é perceptível em todo e qualquer treino ou aula de esporte. A despreocupação que se tem com o crescimento e com o desenvolvimento da criança, engajada à competição esportiva escolar, faz com que se desconsidere as dificuldades, os tempos de maturação e as individualidades, a velocidade de progressão com que se trata o processo ensino-aprendizagem será responsável pelo comportamento perfeccionista, intolerante e impaciente com que se administra aulas ou treinos.

"Treina tanto, tem que ficar bom, mesmo ..."
(professor 09)

"É inadmissível que você treine tanto para fazer só isto. Desse jeito eu vou ter que dispensá-la e chamar outra, quem sabe progride mais rápido."
(professor 02)

"... com vocês eu não quero mais nada. Chega de passar vergonha e perder o tempo treinando, prá depois, na hora da competição, mostrar a bunda."
(professor 08)

"Se perdeu tempo treinando, analisando o adversário e discutindo jogada, é prá chegar e meter bronca."
(professor 09)

"Procurem manter a calma e recordar dos treinos. Sei que é difícil, mas precisamos mostrar o que sabemos fazer. E isso, só com calma. Bom jogo ... Força ..."
(professor 10)

A intolerância com os erros dos alunos-atletas é o estopim da guerra aos erros, que se promove numa aula ou treinamento. Conveniente seria desenvolver, em nossos alunos, a idéia de se diminuir os erros, sem contudo terminar com eles, por ser impossível, mas aproveitar o momento para interferir no processo ensino-aprendizagem. Ninguém é perfeito e uma reação positiva frente aos erros será a oportunidade de estudá-la e evitá-lo, no futuro.

Com relação aos erros alheios, a situação é mais delicada por envolver toda uma situação de melindre, de ansiedade e temor entre as partes envolvidas: uns por se sentirem constrangidos, apontando o defeito alheio e sabendo que será

preciso corrigi-lo; outros por se sentirem invadidos em sua interioridade de forma tal que se descobrissem suas falhas, que serão comentadas, discutidas e corrigidas por estranhos. Se soubermos contornar, com sutileza e segurança o momento da abordagem entre o que mostra o erro e o que cometeu a falha, a chance de sucesso na correção é quase que garantida, além de não levantar barreiras entre as partes. É compreensível que a intervenção positiva venha a facilitar o caminho adequado e eliminar as partes impróprias de um comportamento. Causou-nos surpresas o trato dispensado ao "errar", esta situação frequente e normal:

"... cara, o homem virou um fera. Parecia um bicho ... ficou vermelho e começou a gritar com todo mundo, por causa daquele erro de colocação..."
(aluno 35)

"Eu não estou treinando, mais. Vim devolver o uniforme que a senhora cobrou e, minha mãe falou que vem depois ... conversar com a senhora e com a diretora. Ela não gostou do que a senhora fez comigo, no jogo: ficou gritando, reclamando ... a senhora me ofendeu ..."
(aluno 37)

"O professor é estranho: ele fala de calma, paciência e, na hora do jogo, quando a gente erra, fica que nem louco ..." (aluno 10)

"... ah! Você é babaca ... o cara tá certo. Treinou a semana inteira e chegou na hora com medo ... Que cê qué? Ele tinha que ter gritado mais ainda, com você ... que vergonha, queimar os três arremessos ..."
(aluno 51)

"A gente erra e nem olha prá ela. Quando chega na escola, ela pega o caderninho e fala de erro por erro, explicando tudo e corrigindo ... por isso todo mundo gosta dela: não passa vergonha, na frente dos outros e aprende a fazer direito ."
(aluno 56)

Acreditamos que o profissional deva ter uma bagagem pessoal de informações, já colocadas à prova ou não, mas que saiba usá-la, adequadamente. Repreender em público cria desencorajamento, temor, vergonha e causa a perda de confiança.

Pudemos observar que, em conversas paralelas ou em ações, os grupos que foram trabalhados com metas realistas se mostravam mais motivados. O fato de se tentar superar dificuldades foi notado como elemento comum, entre os grupos pesquisados ; a diferença notada foi relativa ao nível de dificuldade proposta.

Foi visível o caso de grupos que não atingiram seus objetivos, por serem irrealistas demais, quasse impossíveis de se atingir. Tal situação vem a gerar uma idéia de incapacidade constante, provocando uma auto-avaliação negativa e um desencorajamento. Por outro lado, aqueles que tiveram seus objetivos próximos do real, que precisaram lutar para conseguir realizá-lo, honestamente, apresentaram-se mais entusiasmado com sua participação esportiva e, até, elaboram novas tentativas, agora mais arrojadas.

E sabido que, quando o sucesso foi decorrente de uma ação justa, exigente e equilibrada, processa-se um desenvolvimento natural. Então, o entusiasmo auxiliará a manter a ação geradora

deste bem-estar interior e novas propostas serão elaboradas, com graus de dificuldades crescentes, porém adequados à situação.

"Vamos jogar sabendo quem são elas: todas jogam na Federação, treinam todo dia e têm obrigação de ganhar de quem não faz tudo isto, certo? Então, vamos mostrar o que sabemos e está ótimo ..."
(professor 10)

"Quem tem mais, tem que dar mais nós treinamos bastante, temos um time forte, tivemos apoio de todo mundo e temos que vencer. Vamos lá."
(professor 03)

"Vai ser um jogo equilibrado, os dois têm condições de vencer. Então, vamos procurar ficar atentos aos defeitos deles e evitar cometê-los, também. Quem errar menos e for mais calmo, vencerá o jogo. Fiquem ligados ..."
(professor 09)

"Não tem esse papo de time difícil, time invicto. Time é time. o negócio é ir lá e enfiar bola na cesta ... tem que ganhar e acabou."
(professor 05)

Da mesma forma que seus professores, os alunos se dividem em grupos que se antagonizam. O ganhar e o perder, como objetivo final, faz com que cada um elabore seus gestos, palavras e intenções e brigue por ele:

"Não tem conversa, esse ano nós vamos bater nos franguinhos do X ... temos que ganhar, de qualquer maneira. Nosso objetivo é ganhar ou ganhar."
(aluno 25)

"Treinamos prá meter 100. E vamos meter. Essa conversa de alisar adversário não existe; o professor falou que, se a gente ganhar, vai arrumar patrocínio pro ano que vem."
(aluno 21)

"A gente sabe que elas são mais fortes, mas na quadra tudo pode acontecer. A gente está treinada, não vai entregar o jogo. Viemos prá jogar, o resultado é lucro."
(aluno 37)

"O professor falou que time que treina sério e sabe o que faz sempre vence o jogo. Nós treinamos muito e estamos bastante consciente de nossos papéis... acho que vamos vencer, então."
(aluno 16)

"Hoje, quem gritar mais vai ganhar o jogo. O professor já mandou gritar, porque da outra vez a gente entrou, com medo e perdeu o jogo, desta vez vai ser diferente."
(aluno 29)

"O lema da nossa equipe é UNIAO E GARRA. Vamos jogar tudo o que sabemos, para esperar pelo melhor resultado. Deve dar."
(aluno 07)

Pensamos ser de muito valor repetir que muitas tentativas falhas na busca de um objetivo tendem a conduzir nossos alunos-atletas ao desinteresse pela continuação do aprendizado e treinamento desportivo. Já, o entusiasmo será a marca daqueles que alcançaram seus objetivos, mesmo tendo que lutar contra dificuldades apresentadas, adequadamente.

Observamos, em nossas visitas e em jogos assistidos, que em momentos de confronto era desenvolvido um estado emocional

diferenciado daquele da aula. As aulas, por mais sérias que pudessem ser, eram descontraídas e alegres, reservas brincavam com titulares, classes ironizavam outras classes e escolas zombavam de outras escolas, num relacionamento cortez e amigável. Entretanto, em dias de jogo o que se pode observar foi um relação social artificial, um certo receio do adversário e um visível medo do desconhecido.

Tais observações foram possíveis, uma vez que estas emoções são responsáveis pelo aumento do estado de alerta, alteração da percepção visual e auditiva, modificação do tônus muscular e prejuízo da coordenação motora, além da respiração acelerada, aumento da frequência cardíaca ...

Sabemos que o medo levado às últimas consequências é responsável pelo conhecido estado de pânico, quando todo o raciocínio se anula e a pessoa entra num total descontrole. Como igualmente sabemos que muitas alterações mentais causam reações físicas, o que vem a explicar determinadas atuações malogradas. A incidência destas ocorrências, em disputas escolares é muito grande e contante.

"Tá com medo? Medo do que? Vai entregar o jogo?
Tá suando frio ..."
(professor 05)

"Não me venha com suas dores de barriga,
caimbras, tremedeiras. Você é um covarde, isso
sim."

"Tá passando mal? Parece um defunto ... branco, gelado e duro ... é bom começar a jogar ..."
(professor 02)

"Não acredito que você possa estar tão descontrolada ... tá com medo do quê? Vamos, acalme-se e começa a jogar, porque até agora você não relou a mão na bola. Vai."
(professor 09)

"Meu Deus ... o que é isso! No treino você faz até chover mas, quando é preciso, você se apaga ... o que é acontece? Fala alguma coisa."
(professor 06)

"Não ria deles, não ... você é igual a eles: uma pamonha. Quando pega time fácil, tudo bem; quando tem que mostrar jogo, cadê você? Não ri, não pamonha ..."
(professor 08)

"Escuta o que estou falando: controle a respiração, procure parar de chorar e, com calma, a dor de estômago vai passar. É nervoso, você vai ver ... mas, porquê? Por causa de um joguinho?"
(professor 09)

"Olha para mim. Que é isso? Porque brigar, rapaz? Onde já se viu, ter que ser expulso de um campeonato colegial. Você não se envergonha de ver todo mundo rindo de você? Que feio ... dar chute no adversário ... tem que chorar, mesmo."
(professor 01)

O fato de não ter conseguido realizar seus intentos, não haver conquistado destaque, não ter se desempenhado satisfatoriamente é uma punição anterior que se aplica, implacavelmente. Cada pessoa tem de si própria uma idéia pessoal que será refletida em suas ações, em grande parte das vezes;

desta forma, o medo de errar se transforma num inimigo constante dos iniciados no esporte.

Quando não se atinge a performance pretendida, ou quando se é advertido por professores ou colegas, quando a torcida se mostra hostil ou o adversário menospreza seu valor, a criança tende a desenvolver o espírito de auto-punição, diminuindo sobremaneira sua auto-estima.

Não foi difícil de localizarmos exemplos que nos mostrassem que, ao invés de se beneficiar do jogo para crescer em grupo e aprender mais e mais, a criança vive o terror de evitar o fracasso. Este é o típico sentimento desenvolvido após a observação maldosa ou comentários excessivamente negativos sobre uma ação ou outra, sua marca ficará por longo tempo, até que seja trabalhada e alterada por outras demonstrações de atenção e crédito.

"Eu não vou correr mais. Depois todo mundo fica comentando que eu entreguei o ouro. Manda outro no meu lugar."
(aluno 27)

"Chutar o penalti? Nem morto ... se eu erro, os nego me matam ... e, não! Chega o que já me amolam por causa da bola que eu atrasei ..."
(aluno 11)

"Professor, vim avisar que vou parar de treinar. Venho só fazer Física. E que andei pensando e sou muito ruim para ficar no time ... o senhor sabe que os caras até me apelidaram de (), porque eu não resolvo nada. Se um dia eu melhorar, daí eu volto, prô time, falou?"

(aluno 41)

"Não passa a bola prá mim. Quando tá no fogo, você quer que eu jogue ... quando é jogo mole, você passa prós outros. Sai dessa vida."
(aluno 32)

"Saio em qualquer ordem, menos na última posição ... eu não quero fechar o revesamento. Eu, não! Olhar prá frente e ver tudo aquilo de piscina prá nadar, a torcida gritando o professor esgoelando, do lado de fora. Não vou fechar."
(aluno 22)

"Ou salto altura ou extensão. Da outra vez eu fiz os dois e perdi ... fiquei ouvindo um semestre inteiro. Agora, ou só um ou nenhum."
(Aluno 54)

O ponto de vista dos docentes, com relação ao medo de falhar e da formação da auto-estima é algo de interessante. Para alguns, o erro é plenamente controlável e possível de extinção; a auto-estima é algo que soa como "vontade de querer ser o que não é", sem merecer um trabalho mais apurado, mas consciente:

"Quando tem que chutar os lances livres, eu nem olho prá ele ... nunca vi alguém mais inseguro. Não acerta um. E olha que eu dou treino, hem?"
(professor 02)

"Já cansei de falar prá ela: seja a primeira do revesamento ... eu digo que ela é a mais fraca, mas não adianta: é teimosa como uma porta. Tem que perder prá aprender; mas no ano que vem, quero ver se ela vem ..."
(professor 07)

"Vá, vá ... você é bom de papo. No treino e na

classe fala como se fosse um craque, aqui mostra a bunda ... cadê seu jogo? Só vi você errar ... vai lá e mostra que aprendeu alguma coisa, nem que seja um saque por baixo"
(professor 05)

"Medo de errar? Porque? Não devemos nada pra ninguém ...e, se vaiarem, agradeça a torcida. Concentre-se e tente fazer as cestas, na boa. E, se não der, não deu ... calma."
(professor 09)

Seria errado dizermos que, durante toda nossa pesquisa, não encontramos aqueles que se posicionassem com atitudes saudáveis, diante de seus alunos. Várias foram as vezes em que ouvimos a proposta de se desfrutar da satisfação pelo cumprimento da tarefa, independente do resultado atingido. Como, igualmente grande, foram as vezes em que se escutou explanações e exemplos que reforçassem o bom desempenho do treino, buscando transferi-lo para o momento da competição.

Demonstrações de confiança no aluno, encorajamento e dedicação, ou elogios pelo desempenho e apelos à concentração foram apreciados e percebidos em muitas aulas. É isso que nos faz manter a crença de que uma ação pedagógica correta, mais do que um conjunto de técnicas de intervenção resulta, sobretudo, de um conjunto de atitudes que validam e influenciam a aplicação das normas e princípios pedagógicos.

Situações como estas nos levam a pensar sobre o fato de não ser regra a intervenção segura e positiva, no ambiente escolar. Mas, somos levados a crer que enunciar regras e princípios pedagógicos é fácil. No entanto, estas só atingindo

seus respectivos objetivos quando tiverem por base uma atitude adequada por parte de seus responsáveis, ficando evidente que não basta saber, mas é preciso viver.

A pertinência de competição em ambiente escolar não deve ser encarada como um problema sem solução, mas como uma questão a ser avaliada, amadurecidamente, como outras do ambiente educacional. Do momento competitivo participam pais, torcedores, árbitros e professores, todos com um papel a ser cumprido, após análise e devidas adequações.

Verificamos que, infelizmente, poucos são os pais que acompanham o desenvolvimento esportivo de seu filho com bom senso e realismo. O que constatamos foi um grupo alheio a tudo: horário, desempenho, atividade desenvolvida, companheiros e locais de frequência, segue-se a este, um outro grupo que se interessava obsessivamente com detalhes, resultados, divulgações, rendimentos.

Avaliar qual grupo desenvolverá uma forma mais saudável de relacionamento entre os seus envolvidos, é algo que não nos interessa. Sabemos que a apatia demasiada e a superproteção são responsáveis diretas por desvios de comportamentos, do tipo dos observados em quadra, mas esta relação é travada no interior da família, com a qual nossos alunos-atletas passam muitas horas de seus dias.

Acreditamos que ao professor cabe a tarefa de melhor orientar os pais, na forma de conduzirem seus filhos para o

evento competitivo. Apenas assim poderemos evitar aquele tipo de comportamento paterno que se verifica em jogos decisivos, onde as crianças procuram pela confirmação gestual do pai, após um lance de jogo. Ou aquele, em que as crianças se negam a olhar para a arquibancada, após errarem, pois os pais estarão balançando as cabeças, em sinal de desagrado.

Reuniões com pais, para solucionar tais impasses, foram realizadas por dois professores, iniciantes no magistério; um deles sugeriu aos pais um comportamento menos hostil com seus filhos, diante de resultados ruins, além de solicitar que se diminuíssem as provocações com torcidas de colégios. Outro solicitou aos pais que, quando estivessem na arquibancada, não chamassem pelos filhos nem dessem conselhos técnicos, para não confundirem os jovens e não deixá-los tão dependentes.

Após as reuniões constatou-se uma ligeira modificação nos comportamentos daqueles que mais perturbavam a vida da equipe, mas muito, ainda, pode ser feito. Isso, sem falarmos na doutrinação doméstica pela qual nossas crianças passam, antes dos jogos.

"Minha mãe diz que vem assistir o jogo, para me ver. Ela quer que eu jogue na Seleção, porque meu pai disse que eu tenho estilo de craque."
(aluno 43)

"Meu pai fica atrás do gol, gritando que nem louco. Eu nem falo que é meu pai, porque tenho vergonha ..."
(aluno 25)

"Quando eu erro, ele se levanta e coça a cabeça. Parece até que eu tô vendo. Depois, fala um dia inteiro..."
(aluno 19)

"Ela vem porque se eu me machucar, ela já está aqui ..."
(aluno 59)

"... vem não, dona. Ela nem sabe onde nós tá. Num sabe nem o que é Handebol. Em casa, cada um faz o que quer, basta ter juízo."
(aluno 64)

"Nunca perguntaram nada. Se perguntar, eu falo. Mas, prefiro que não venham ... se até agora não vieram, que não venham nunca ..."
(aluno 05)

Diante de tais evidências, podemos perceber que, neste conjunto formado por FAIS-PROFESSORES-ALUNOS, todos ficam embaraçados quando o outro se comporta inadequadamente, em público. Entretanto, o conjunto é necessário, uma vez que cada um tem um papel específico a cumprir; assim, um auxiliará o outro e proporcionará facilidades para um melhor nível de desempenho do grupo.

A solução para cada caso estará sempre na comunicação que se estabelecerá entre as partes, tal comunicação deverá fixar uma plataforma de objetivos comuns, de experiências e de projetos. A linguagem revelará facetas do conhecimento intuitivo e empírico, que não devem ser desprezadas, então, procurar-se-á entender o comportamento daquele que pratica o esporte e está se preparando para competir. Para quem orienta e dirige a prática esportiva,

bem como para aquele que acompanha a prática esportiva de seu filho, é importante saber e entender as raízes psicológicas que fundamentam o comportamento do atleta-aluno, para que possa vir a defender seu desenvolvimento equilibrado, integral.

O comportamento das crianças e jovens, durante um jogo, é de caráter violento, em sua maioria das vezes. Tal atuação tem chamado a atenção de psicólogos e pedagogos mas, antes de aceitarmos ou recusarmos qualquer explanação, considerada em seus aspectos teóricos, será necessário considerarmos a situação real em que nossos alunos-atletas vivem. Isto angustia e impacienta o educador que anseia por mudanças e transformações efetivas.

Assim como sabemos que violência também se aprende, sabemos que contra-violência se ensina: em relação ao esporte esta perspectiva é importante na medida em que ela se torna um dos fatores decisivos para justificar o caráter educativo da competição, nas mãos do bom profissional. A escola, como um todo, deve desempenhar um papel significativo na luta contra a violência.

"Não traga desaforo para a escola. Resolva o problema do seu jeito. Eu garanto que vou defendê-lo, o que eles estão pensando?"
(professor 02)

"Se eles apertarem o jogo, cavem faltas. Lembrem daquilo que treinamos e esperem o juiz sair de perto. Não deixem eles livres, grudem neles, mesmo"
(professor 03)

"Se ela ficar por perto, olhe bem firme na cara dela e pergunte: Que foi? Tá procurando alguma coisa? Não seja simpática com ela ... é sua adversária, não se esqueça."
(professor 01)

"Vai em cima. Temos que ganhar. Nem pensem em empatar, porque daí eles vão se sentir com a bola cheia e nós passaremos apertado. Dá uns cutucões neles, cotoveladas, eles que corram atrás de vocês, feito bobos ... vamos lá, usem o que aprenderam ..."
(professor 07)

"O primeiro que responder a um destes ataques, eu ponho no banco. Estamos aqui para disputar, não para lutar; se eles continuarem a agressão, chama o juiz ou faz uma gritaria para todo mundo ver, aponta o cara que te bateu, sei lá ... senta no chão, deita, rola, grita o número da camiseta dele mas, por favor, sem revidar."
(professor 06)

Os danos causados pela violência podem assumir naturezas diferentes. Várias vezes percebemos distúrbios de ordem fisiológica, psicológicas, social e cultural que se manifestam antes, durante ou após a crise de violência, mas que são constantes e concomitantes: vômitos e agressão, choros e isolamento, diarreias e dores estomacais e gritarias, ... a questão é a da carga afetiva que a prática esportiva competitiva escolar pode desencadear. E, infelizmente, a criança não está preparada para carregá-la mas, conseqüentemente, pelo fato de emergir da atividade para qual está sendo preparada, pode ter prejudicado seu processo de maturação.

Quando mencionamos carga afetiva, estávamos falando de todo o desdobramento que ela pode vir a tomar, desde a atitude

diante do adversário até o confronto com o resultado final do placar, passando pela abordagem familiar, manifestação das torcidas, propagação das notícias do evento, aceitação do êxito, entendimentos e consequências do malogro, vitórias inesperadas, destaques súbitos, surpresas agradáveis ... que virão a assumir um caráter especial para a criança e o jovem aluno-atleta.

No entanto, esta situação foi observada e constatou-se que nem sempre se discute, comenta, analisa, informa alguma parte da competição que não envolva apenas o caráter específico do ganhar. Em diálogo com professores das turmas pesquisadas, constatou-se que:

"Não vamos ficar chorando sobre o leite derramado. Perdeu, perdeu. Agora, é começarr a treinar de novo, para ganhar o ano que vem, isso se vocês não cagarem nas calças, de novo ..."
(professor 08)

"Olha, não quero nem saber porque perdeu ... eu vi tudo, gritei feito uma louca, pulei, esperneei, passei raiva, expliquei mas vocês preferiram perder. Agora, de castigo, ficarão sem treino por duas semanas; depois, se eu achar que vale a pena ..."
(professor 03)

"Que absurdo! Perder prá elas, de novo ... eu tenho vergonha de dizer que sou professora de vocês ... Pelo amor de Deus, vão sentar bem longe de mim, e não me venham com esse chorinho fingido."
(Professor 02)

Para as crianças e jovens o jogo é uma ocupação séria, apesar de não ser visto desta forma por muitos adultos. Não é

mera distração, mas algo que lhes confere momentos de prazer, podendo ser utilizado como estratégia para uma situação educadora. Estudiosos como Vayer (1977) e Angel (1989) nos informam que crianças menores de 9 anos não os praticam como forma de obter benefícios ulteriores, sem sequer para receberem elogios ou aprovação de outros, do seu grupo social, porém é perceptível o conhecimento motor adquirido pelas experiências vividas, uma vez que apenas mediante o uso do próprio corpo, seu conhecimento e o conhecimento do mundo em que estão imersos proporcionará oportunidades de adaptações, relações e resoluções de problemas. Tais passos são imprescindíveis para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

E através de jogos que indivíduos se exercitam, aplicando impulsos inatos e pondo-os a prova suas capacidades. Geralmente o início de sua prática é feito de modo a satisfazer a necessidade inerente de mover-se, de resolver questões, de ultrapassar seus limites e arriscar novas experiências e aventuras. Com o passar do tempo o jogo passa a ser mais consciente, premeditado apesar de também conduzir ao prazer e apresentar novas exigências e aventuras. Seguem depoimentos do bloco anterior:

"Quem diria ... como é? Pensaram na cagada que fizeram? Procuraram analisar seus erros? Eu quero esquecer aquele maldito jogo ... vamos pró treino e veja bem: nem uma palavra sobre aquele dia. Ele não existiu."
(01)

"Bem, já foi ... passou. Poderia ter sido melhor mas, como vocês viram, eles eram muito bons. O

que vocês pensaram durante o jogo? Que dava para ganhar? Ou estavam com medo? Vocês perceberam aquele garoto pretinho que cortava do fundo? E o levantador? ... e daí? Falem ... O que vocês sentiram da experiência? Valeu a pena? Interessa treinar para o ano que vem? O que vocês querem saber ... Vamos, levantem a cabeça, falem comigo ..."

(professor 06)

"E o seguinte: já perdeu, acabou o campeonato, para nós, e temos que continuar a vida diária, certo? Vou fazer um resumo do que aconteceu no jogo, sobre nosso defeito e nossa atuação e a gente começa a vida, falou?"

(professor 04)

"Bom ... perdemos. Eu disse que não seria fácil, não disse? Então hoje, nós vamos apenas conversar. Primeiro eu faço meus comentários sobre os pontos negativos da partida, depois vocês dizem o que acharam de ruim; daí, vamos ver o que fizemos de bom, nós não tivemos só erros ... e vocês comentam o que sentiram de bom, também. Somente depois disso é que saberemos se valeu a pena entrar no Jojuesp..."

(professor 10)

"Eu disse que não podia dar moleza, uma vez que os neguinhos treinam na Esportiva, também ... mas vocês fazem apenas aquilo que querem, quando querem, do jeito que querem. Agora engulam a derrota, mas lembrem-se disso: perderam porque não me ouviram. E fim de papo."

(professor 02)

Salvo maior juízo, convém apenas avivar que, quando a criança parte para a prática esportiva escolar, não é seu primeiro contato com o mundo do esporte competitivo. Por meio de transmissões por televisão, rádio e notas de jornais, conversas com familiares e amigos e a prática pré-desportiva, na rua, ela já fez sua iniciação a esta atividade cultural.

Entretanto, em conversas, percebe-se que os pais, professores e amigos são os responsáveis pela projeção do desejo de se despontar no esporte, como "Fulano ou Beltrano". É uma maneira de partilhar do grupo de heróis da sociedade ... e, neste momento, começam a exercer a ação daquela influência negativa dos pais que, a todo custo, querem ver o filho brilhar; ou o professor bem preparado para poder garantir o respeito à maturação e desenvolvimento para seus educandos, de modo a ressaltar os valores formativos dos jogos e competições. É neste exato momento que se constata a falta de recursos gerais, que garantam o aproveitamento da prática competitiva como um dos momentos ricos para o processo educacional.

Invariavelmente, a criança passa a fazer uma relação com aquilo que ela tem mais próximo: o esporte do adulto, com toda sua corrupção, venda de resultados, violências, doping, sensacionalismo. Chega até mesmo, a copiá-lo em seus pormenores.

"A gente pode fazer que nem no varzeano: se perder, vai no vestiário e quebra tudo."
(aluno 15)

"Professora, vai ter reportagem no jornal? Eu quero sair segurando a bola, que nem a X, ... ela é famosa, né?"
(aluno 33)

"Se começar a perder, solta rojão no campo, que nem naquele jogo do Brasil, daí, acaba o jogo, nois descansa e volta prá jogar ... quem sabe, assim, nós ganha ... pelo menos agita, né, professor?"
(aluno 58)

"Aqui, na cidade, quando o K está jogando e o juiz começa a fazer graça, a diretoria do clube faz sinal e a galera invade a quadra. E, se nós deixarmos combinado assim, também? O senhor faz um sinal e os neguinho do colegial invadem a quadra, não dá certo?"
(aluno 36)

Finalizando nossas visitas, entrevistas, diálogos e observações salientamos que os quadros e os meios, as instituições e as normas formam, em conjunto, a sociedade com a qual a criança se confronta, ao longo do seu desenvolvimento. A sociedade, firme, em constante ebulição, drástica, pressionando sempre uma criança em formação, de certo modo frágil, indefesa. Esta dicotomia, aparentemente banal, não permanece num nível tão simples: ela encombe um conjunto de valores positivos e negativos que podem transferir-se para um elementos da categoria aposta. Assim, elementos da sociedade se beneficiam de um julgamento favorável, em razão de um modelo de pensamento associado às necessidades psicológicas que lhe atribuíram características comuns.

Dois mundos se encontram, fielmente, frente a frente. A personagem da criança é obrigada, ao longo de sua socialização, a adaptar-se ao dos adultos. E através de imagens desta socialização que a contestação da sociedade aparece de forma mais nitida: as personagens ordenam-se em sua tipologia estabelecida, segundo a maneira pela qual eles se confrontam com a "sociedade", tanto por linguagem quanto por situação.

Conforme entendemos, diante dos objetivos a que se

propõe, trabalhar a Educação Física e sua estratégia competitiva, a competição escolar não pode ser uma forma adaptada do esporte adulto. Saindo de seus próprios objetivos, ela deve primar pela elaboração de processos técnico-pedagógicos pouco ou dificilmente localizados em suas unidades educacionais. Gostaríamos que o entender e o trabalhar a psico-pedagogia esportiva viessem a ser estudados, questionados e reformulados. E temos elementos para acreditar nisto:

"Professora, minha mãe não quer que eu vá nadar. Ela foi na competição do ano passado e disse que daquele jeito não dá ..."
(aluno 31)

"Eu não vou correr mais. O professor da escola M foi juiz e roubou contra nós ... assim não dá ..."
(aluno 18)

"Treinar prá quê? A gente vai bem até o final. Daí, chega o time do W e os juizes parecem que têm medo delas. Só a gente faz falta, só a gente anda com a bola ... é uma roubalheira dos diabos."
(aluno 54)

"Não é justo lutar com ele, professor. Ele é profissional, vai prós Jogos Regionais ... ele vai me massacrar. Eu não vou lutar."
(aluno 44)

"Como eu posso pensar em falar em seriedade para meus alunos ... eles conhecem as pessoas, sabem que estão sendo enganados, que não será valorizado o desempenho, até já sabem quem vai ser campeão, de novo ..."
(professor 02)

"Não estou entendendo o diretor. Eu avisei que ia ser assim: isso é como campeonato de adulto, quem pode mais, leva a taça. E a lei da vida."
(professor 09)

"Que pena! Pensar que eu acreditei que este campeonato seria diferente, só porque o Delegado de Ensino participou das reuniões, porque supervisores insistiram no discurso educacional ... que bandalheira! Chego a ter vergonha de ser professor e ter que conviver com estes superiores: são todos iguais ... e o pior: como vou explicar isso pras crianças?"
(professor 06)

A iniciação esportiva dentro do programa de Educação Física Escolar não poderia significar, de maneira alguma, uma especialização em qualquer dos desportos, mas sim, utilizar dos pré-desportivos para aprendizagem motora das destrezas, táticas muito simples e regras básicas sem muitas exigências técnicas nem físicas, atendendo aos objetivos de cooperar na formação física, intelectual e psico-social dos alunos, inclusive preparando-os tecnicamente para os desportos.

Entretanto, o desporte em aula de Educação Física é encontrado, com muita frequência, em processos competitivos que envolvem séries, classes, turmas, escolar ou ainda períodos. Entender o processo competitivo auxiliar no conhecer as fases psicológica, social e cognitiva do indivíduo e, para tanto, é preciso que nos dispamos do juízo pré-concebido sobre o competir.

O efeito positivo ou negativo da competição, sobre nossas crianças, não é resultado apenas do processo competitivo em si,

mas do meio social em que aconteceu a competição, quem a orientou e como foi o trabalho, anterior e momentaneamente, o ato em si. É necessário que os profissionais envolvidos com os confrontos desportivos tenham clara a posição de quem competir é um comportamento socialmente aprendido (Riera, 1989), desta maneira teremos incidência de influências para a competição e/ou para a cooperação.

A competição esportiva escolar confronta níveis de performance, de maturação, de desenvolvimento agonístico de grupos de uma preparação duvidosa, tomando por base o tempo de envolvimento com a modalidade, as interferências feitas pelo professor de Educação Física e a própria formação deste, além da forma como o meio social valorizado o resultado do ato de competir. O valor colocado na competição escolar, os padrões usados para estabelecer as comparações, enquanto se está competindo e as consequências do ato de competir dependem exclusivamente do contato social que cerca o escolar; tal contexto garante regras que dificultam à criança o julgamento pessoal de seus atos mas que as conduzem a endossar padrões ditados pelo meio em que vivem e competem. E, talvez, em função disto que a competição é algo tão discutível e questionável.

CAPITULO IV
O QUE SOMOS LEVADOS A ENTENDER E SUGERIR

As lembranças mais vivas de exaltação lúdica nem sempre se referem a algum jogo propriamente dito, mas a momentos de vida intensa.

(Martine Mauriras -
Bousquet)

CONCLUSÃO

Transformar a Educação Física em um dos instrumentos de mudança e bem-estar social exige, além de outras coisas, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar.

Tal instrumentalização, viabilizada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seu direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente.

Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico.

Como elemento social ela deve cumprir as funções de transmitir conhecimentos, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos valores e crenças, processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e/ou melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

O professor, profissional do ensino, tem um papel relevante - como mediador - na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita, igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-los ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Em sua passagem pela escola, na condição de aluno, a maior parte dos professores de Educação Física incorporaram à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, indiferente e omissos, além da noção de que a avaliação do aluno se dá pela devolução, pura e simples, de

conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica.

Voltando como docente, notamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo, independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história. Ainda, não lhes tem transmitindo conhecimentos mais aprofundados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou ...

De posse de uma formação distorcida, fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física enfrenta precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à "idéia do aluno", que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como "incapacidade" de alunos "maldotados" que a escola recebe. Frequentemente ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação.

A nível do exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de 1o. e 2o. Graus não tem oferecido condições adequadas para o aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente. A própria organização do trabalho interno da escola não viabiliza

momentos de encontro entre docentes que possibilitariam uma revisão crítica de sua prática, com a finalidade de reconstruí-la, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com vistas a construir um saber pedagógico autêntico, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

A organização escolar e educacional vem de períodos tumultuados e de inovismos tecnológicos que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta. Com isso forma-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantos elementos diplomados com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus.

Então, em consequência do processo escolar que é oferecido, as crianças saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita colaboração nisto, de acordo com a forma como foi trabalhada.

Uma vez admitida que a função prioritária do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe em seguida um grande esforço a nível

pedagógico de (re)habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico-político. E, duas preocupações parecem-nos fundamentais neste sentido, em nossa área de atuação: 1 - o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos e, 2 - com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte do currículo dos cursos de formação de professores, e da prática pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico-pedagógico da prática do magistério, ressaltando a importância da motricidade, do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Somente assim, acreditamos, será possível perceber e ressaltar que existe diferença entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

O jogo-festa poderá ser uma nova característica do jogo, devendo estar presente em seu conteúdo alegria, encontro, prazer de jogar. Através destas características, a criança poderá se expressar melhor buscando o bem viver, e não simplesmente um

rendimento no que diz respeito ao movimento técnico. Este sim é conteúdo do jogo-competição, que poderá estar presente na formação da criança, mas no momento adequado e com orientação de profissionais competentes. E mesmo possível admitir, ainda que hipoteticamente, a existência de diferenças no interior do movimento e do nível de sua motivação. E o caso, de diferenciarmos movimentos afetivos de movimentos técnicos-esportivos.

Concluindo este trabalho, importa salientar, mais uma vez, a necessidade de pesquisas, de publicações e sobretudo, de estudos relativos ao tema proposto. Esta afirmação se torna mais evidente, a partir do número crescente de crianças praticantes do esporte, nas diferentes modalidades.

O próprio crescimento populacional e, ainda, o desenvolvimento da indústria esportiva acompanhada do agudo desenvolvimento dos meios de comunicação são fatores que influenciam diretamente neste processo, atuando nitidamente como ingredientes de tensões na educação de crianças e jovens. Por isso mesmo, esta temática não pode ser tratada empiricamente.

Do ponto de vista geral, é muito bom que este crescimento ocorra. Quanto mais crianças nas quadras, pistas, campos, piscinas, etc ... maiores alternativas educacionais tornam-se possíveis, privilegiando um momento para a formação do cidadão.

Com relação à proposta de trabalho, pode acontecer o equivoco, a iniciação deve priorizar o jogo e não substituí-lo

pela prática competitiva. Este é um outro momento do aprendizado e da vida de uma pessoa. Esta opção é importante, devendo, não obstante ser formulada em tempo.

A partir do momento em que se dá a especialização em uma modalidade esportiva, ocorre em paralelo a competição. Esta fase, provável no esporte, e na própria sociedade contemporânea, deve ser precedida de dois momentos educativos.

O primeiro momento do aprendizado deve ocorrer, tendo como objetivo o desenvolvimento motor da criança, preparando-a para a atividade seguinte, proporcionando-lhe nesta fase embasamento e maturidade motora, fundamentais para formação do educando. Neste primeiro momento, a atividade deverá ser oferecida de forma lúdica, dando ao educando a possibilidade de conhecer seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço.

O segundo momento poderá ter como um dos objetivos conhecer as modalidades esportivas. Nesta fase, o educando deverá ter a iniciação com várias modalidades, individuais e coletivas, conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade.

O estágio final do aprendizado permitirá, então, a iniciação específica com uma modalidade. A partir desta fase, a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão. Estas adaptações devem acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. A organização deve ser voltada

para a necessidade do educando. Neste caso, as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária. A aplicação dessas regras deve priorizar o momento educativo da criança.

Até mesmo no nível técnico e tático, as adaptações devem ocorrer e, através de estudos com técnicos e dirigentes, desenvolver uma nova proposta nesta direção.

Em suma, uma das hipóteses do nosso trabalho é que a Competição Escolar é deseducativa. Para nós, a competição escolar precoce deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato é tentar ser campeão, portanto prevalece a disputa e não a participação evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional.

Entendemos que esta proposta não tem valor educacional, pois estes eventos têm uma participação reduzida de crianças, em função da elitização pela competição, ainda num primeiro estágio de aprendizagem.

Esta falta de respeito pelas fases que compõem a aprendizagem, também evidencia outro fator educativo: existe uma cobrança prematura inserida no objetivo proposto pela prática da modalidade.

Outro fator, que apontamos como deseducativo, é a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição.

Ainda, não pode ser educativa uma prática onde somente os vitoriosos serão exaltados, pois na competição é dado valor somente aos vitoriosos, portanto à minoria.

Concluindo, a competição escolar precoce é deseducativa, porque não existe o jogo e sim a prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado. Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem razão de existência, tendo em vista os objetivos pelos quais ela se produz.

Outro problema, por nós apresentado, é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior. Com o passar dos anos, poderá causar uma desmotivação para a prática. Além disso, o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática. Como resultante deste processo, ocorre a parada prematura de um atleta que, circunstancialmente, poderia ser um atleta de alto nível.

Por último, apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento poderá ter consequências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce.

O jogo e a competição, antecederam até mesmo o próprio homem. É muito importante diferenciar estas atividades: cada uma delas tem sua história. As duas poderão atuar no processo formativo de um ser, desde que aplicadas no momento adequado e por profissionais competentes, respeitando acima de tudo a criança e sua individualidade. O jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física. Sendo assim, permitimo-nos reforçar, de forma conclusiva, uma verdade comumente repetida e geralmente esquecida: toda iniciação esportiva deve priorizar a educação e, posteriormente a formação de atletas.

1
Acreditamos que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas possam vir a se integrar no esforço educativo e social que visem preparar o aluno para a sua integração plena na sociedade em que está inserida. Desta forma teremos a prática esportiva, com suas competições escolares, como uma estratégia formativa, adequada aos objetivos sociais e culturais voltados à valorização humana.

A personalidade de nossos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. Computamos como muito importante o fato de nossos alunos, quando envolvidos com o processo competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato

competitivo.

Entendemos que a formação esportiva, dentro da escola, seja aquela que prime pela formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares.

Não discutimos contrário a competição esportiva escolar, em absoluto. Apenas questionamos os aspectos apresentados, em nossas aulas, de primeiro à segundo graus, quando o tema central é a competição. A cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos?

Para um professor responsável pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidades e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacionalizável, isto significa que não produzirá transformações nem efeitos relacionados com os objetivos da preparação dos atletas.

Sabemos que é próprio da natureza humana procurar a explicação das coisas que rodeiam o homem, que nos aconteçam seja como indivíduo, seja como elemento da sociedade. Sabemos, ainda, que o homem sente necessidade de organizar os saberes e os conhecimentos acumulados e que tende a agrupá-los de uma maneira racional de modo a poder utilizá-los com eficiência nas suas tarefas profissionais e sociais. Se, e somente se isto for

verdade, como a Educação Física Escolar consegue ultrapassar tanto conhecimento acumulado e assumir uma vertente tão vulnerável como a competição esportiva escolar, da maneira como se nos apresenta?

Não concordamos com o estímulo e apoio oferecidos, de todas as formas, para a participação de alunos em competições esportivas escolares onde paira a mais forte seletividade. Aceitamos que o esporte, principalmente na roupagem escolar, busque um entendimento do contexto social, histórico, cultural e político da sociedade que o suporta e que determina seus fins; desta maneira, o ambiente escolar prima pela atitude educacional, com objetivos educativos e formativos que dignifiquem o homem.

A nível de sugestão, estamos cientes de que a competição esportiva escolar deva ser uma outra, de outra forma e com outras conotações. Talvez buscando uma integração social e não a exclusão do derrotado. Quem sabe, numa forma onde o confronto com as demais pessoas não tenha um gosto de humilhação para os que chegarem nos segundos, terceiros e últimos lugares, embora esteja, ainda, revestida pelas referências sociais concretas que motivam as atividades esportivas.

Apoiamos, sobremaneira, as atividades físicas e as competições esportivas, mesmo na escola, desde que seus fins contribuam para a estruturação da personalidade de nossos alunos, estimulando-os para seu pleno desenvolvimento. Então, é necessário que professores, monitores e demais profissionais da área atentem para o significado educativo adequado aos objetivos

sociais e educacionais que permeiam pela atividades trabalhadas.

Refletir sobre as dificuldades a serem encontradas em competições, tomar consciência das características destes acontecimentos e assumir decisões que levem a uma superação lógica, limpa e adequada podem ser caminhos preparados por aqueles que convivem, concordam e trabalham com a competição, no nível esportivo escolar. Será um processo equilibrado, desafiador e motivante, que permitirá a participação crítica dos envolvidos com a prática esportiva competitiva.

Tais sugestões não buscam solucionar em definitivo o problema da competição esportiva, dentro do ambiente escolar. Apenas procura evidenciar que, por se tratar de um lugar que deva enfocar os princípios educacionais de maneira incisiva, a estratégia que vem sendo adotada não nos pareceu ser a mais adequada e conveniente. Precisamos partir para um projeto de Competição Esportiva Escolar Educativa.

Entendemos, e por isto sugerimos mudanças, que uma prática que apenas seja adotada por profissionais da Educação Física Escolar, em função de uma minoria privilegiada, quer seja pela prática educativa incorreta ou pela habilidade pouco desenvolvida de alguns alunos ou, ainda, por questões outras que nos dificultam imaginar, nada tem de educacional.

Pelo significado e abrangência que tal fato pode envolver, não podemos deixar de condenar as atitudes conservadoras interessadas na competição esportiva, dentro das

escolas, como estão ocorrendo. Entender o esporte, o jogo, o lazer e a competição esportiva como fatores psico-pedagógicos e culturais é o mínimo que se pode pretender daqueles que se dizem preocupados com a evolução dos homens, em busca de suas próprias felicidades.

E bem sabemos que esta felicidade não está nas lutas corporais, nos confrontos desleais, nas trapaças atléticas ou nos gritos exaltados de torcidas, pais e professores. Está, entretanto, no crescimento interior que se adquire ao entender o significado de uma superação física, social ou psicológica. Ou está na vitória conquistada com lealdade e compreensão das diferenças existentes entre as equipes adversárias.

O processo será mais lento. Mas o objetivo será atingido.

BIBLIOGRAFIA

Sem regras não há jogo.
Jogar significa fundar uma ordem,
improvisá-la ou submeter-se
voluntária e prazerosamente a ela.
(Graciela Scheines)

BIBLIOGRAFIA

- ARAGAO, R.M.R. & CARMO, A.A. Aspectos críticos de uma formação acrítica, in: Cadernos do CEDES, 8, 32-37, 1983.
- ARIES, P. Historia Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AZEVEDO, F. Da Educação Física. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- BANDEIRA, M.A. Análise da Legislação Federal e do Estado de São Paulo, pertinentes a Educação Física nos ensinos de 1o. e 2o. graus. São Paulo: USP (Dissertação de Mestrado), 1991.
- BEART, C. Histoire des Jeux. Paris: P.U.F, 1990.
- BETTI, M. A Educação Física na escola brasileira de 1o. e 2o. graus, no período de 1930-1986: uma abordagem sociológica. São Paulo: USP (Dissertação de Mestrado), 1991.
- BRAZIL, C.F.E. Resol. no. 69. DOCUMENTA, 109, 157-159, 1969.

- _____. C.F.E. Resol. no. 853. DOCUMENTA, 132, 166-190, 1971.
- _____. Decreto no. 8025, "O Ensino Normal", 16 de março de 1881.
- BRANDAO, C.R. Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- BRUHNS, H.T. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papirus, 1993.
- CAILLOIS, R. Les jeux et les hommes. Paris: Folio Essais, 1958.
- CARMO, A.A. Educação Física e a Nova L.D.B, in: Revista Brasileira da Ciência do Esporte, 7 (3): 87-90, 1990.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil - a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
- _____. Diretrizes Gerais para o ensino de 2o. grau, in: Projeto S.E.S.G./M.E.C. e PUC-SP, 1988 (mimeo).
- CHATEAU, J. O jogo e a criança. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- CORMARY, H. Comprendre la Pédagogie. Paris: Marabout Université, 1989.
- COSTA, L.P. Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil. Rio de Janeiro: Palestra Ed., 1989.
- CRATTY, B.J. Psychologie et Activité Physique. Paris: Seuil Edit., 1989.

- DEMO, P. Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez Editora, 1990.
- DUMAZEDIER, J. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectivas, 1973.
- ELLIS, M.J. Why people play? Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1973.
- FIGLIORE, M.H. Algumas reflexões sobre a questão do tempo livre, in: Boletim de Intercâmbio - SESC, 6(10):9-22, 1992.
- FIGLIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, in: Revista Fund. Esportes e Turismo, 1(2): 23-31, 1989.
- FRAYSSINET, P. Le sport parmi les beaux-arts. Paris: Privat, 1992.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 1988.
- GOULD, D. Psychosocial Development and children's sport, in: Rev. Quart., 43, 425-539, 1992.
- GUAY, H. La Culture Sportive. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JACQUIN, G. A Educação pelo jogo. São Paulo: Flamboyant, 1979.
- KORFF, G. Esporte e Poder. Petropolis: Vozes, 1985.

- LAWE, M.J.C. Um outro mundo - a infância. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- LENHARD, A. Socialização da Política. Campinas: Papirus, 1990.
- LIMA, T. O desporto está em suas mãos. Lisboa: Horizontes, 1988.
- _____. Competição para jovens. Lisboa: Horizontes, 1991.
- LUCENA, R.F. Gênese e consolidação da Educação Física na escola brasileira de 1o e 2o. graus: a questão das leis. Campinas: UNICAMP (Dissertação de mestrado), 1991.
- MANHAES, E.D. Política de Esportes no Brasil. São Paulo, 1991.
- MARCELINO, N.C. Lazer e Humanização. Campinas: Papirus, 1983.
- MARINHO, I.P. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- _____. Contribuição para a História da Educação Física no Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Baptista Souza, s.d.
- MARX, K. Críticas À Escola e À Educação. Lisboa: Ed. Moraes, 1983.
- MEYNAUD, J. Sport et Politique. Paris: Calmann-Lévy, 1993.
- NAHAS, M.V. A competição e a criança, in: Comunidade Esportiva, 19, 16-20, s.d.
- OLIVEIRA, J.G.M. Educação Física e o ensino de 1o. grau: uma

abordagem critica. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

OLIVEIRA, P.S. Lazeres Manuais: significado e abrangência, in: Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro: SESC, V.4(15):5-15, 1983.

O.N.U./UNESCO, "Manifesto sobre o "fair-play", 1977.

_____. Correio da UNESCO, 7, 20-37, 1990.

PAIVA, V.P. Educação Popular e educação de adultos, in: Diretrizes gerais para o ensino de 2o. grau, 1988 (mimeo).

PARLEBAS, P. Perspectivas para uma educação Física moderna. Andaluzia: UNISPORT, 1987.

PIAGET, J. La image mentale chez l'enfant. Paris: Gallimard, 1967.

ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, in: SPRINT, 3(2) 56:64, 1985.

SALEILLE, J.P. Les métiers du sport. Paris: Editions Science de l'éducation, 1991.

SANCHEZ, B. Fundamentos de Educación Física para enseñanza primaria. Madrid: Espana Edit., 1993.

São Paulo, SE/CENP, Educação Física - legislação básica. São Bernardo do Campo: autor.

SCHEINES, G. As regras do jogo. Rio de Janeiro: F.G.V., 1992.

- SEGRE, M. Les enfants et les adolescents face au temps libre. Paris: Les Editions ESF, 1992.
- SERGIO, M. A prática e a educação física. Lisboa: Compendium, 1978.
- _____. Desporto e democracia. Lisboa: Compendium, 1983.
- SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo, in: Boletim FIEP, 53 (02/03): 15-17, 1983.
- THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Editora Polis, 1987.
- TUBINO, M.J.G. Teoria Geral do Esporte. São Paulo: IBRASA, 1987.
- VALLE, L.A.B. Lazer: senso comum, perspectiva história, tentativa de definição. São Paulo: Ibrasa, 1992.
- VALLE, M. Sport et l'idéologie. Brussels: Ed. Stelier du Centre Pompidou, 1990.
- VAYER, P. El niño frente al mundo. Madrid: Ed. Científico-médico, 1977.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.